AGUA FRIA NA FERVURA

á hora da partida
—Adeus, meu velho! O meu unico consolo é que levas na maleta um tubo de
CAFIASPIRINA
Assim não soffrerás outra dôr além da da minha ausencia.
NUNCA faça uma viagem sem levar comsigo um tubo de Cafiaspirina. É a defeza maior contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido, nevralgias, enxaquecas, mal estar causado pela fadiga e pelo calor, consequencias de noites em claro e excessos alcoolicos, etc.
Allivia rapidamente, levanta as forças e não affecta o coração nem os rins.
BAYER
CAFIASPIRINA
BAYER

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor Chefe: **OSWALDO DE SOUZA E SILVA**

Director - Gerente: **ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA**

Assignatura — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 86 e 87.

UM CAMINHO DE REIS

O local onde hoje se estende o canal do Mangue foi, outr'ora, o caminho do Rei e fidalgos que demandavam a Quinta de São Christovão. Tudo era mangue e um formidavel ninho de mosquitos, um fóco pestilento que exhalava um máo cheiro insupportavel.

No tempo de D. João VI, cogitaram as autoridades de sanear o local, abrindo um canal navegavel que partia do Rocio Pequeno e ia até á ilha de João Damasceno, porém, a cousa ficou no projecto. A unica obra que na época beneficiou o logar foi um aterro na estrada e a construcção de uma ponte que melhorasse a passagem de S. Magestade e seu sequito.

Muito tempo depois, em 1835, o decreto de 16 de Junho autorizou a municipalidade a proceder á demarcação do terreno pantanoso para a construcção do canal, que tinha por fim sanear a cidade nova, que, aos poucos, surgia para aquellas bandas; pelo mesmo decreto, ficava a municipalidade com o direito de aforamento dos terrenos margeantes a quem julgasse conveniente, comtanto que assumisse a obrigação de dessecal-o, "e nelle edificar e receber o fóro que fosse justo estipular com attenção á natureza do mesmo terreno". (1)

A Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, mais tarde visconde de Sepetiba, deve-se a iniciativa do aterramento dos terrenos do mangue que communicavam a cidade nova ao bairro de Mataporcos. Um prazo de dois annos foi dado aos interessados para realizarem o aterro, sob pena de perderem o direito sobre os mesmos terrenos. Na proposta do visconde de Sepetiba havia ainda a condição da construcção de "um canal parallelo á rua do Aterrado, communicando o mar até á praça 11 de Junho, tendo este canal um braço que se estenderia até ao edificio da Correcção; arborizadas as margens, bordadas de casas da mesma perspectiva e havendo pontes rodantes para darem passagem a barcos, desde a ilha de João Damasceno até á praça 11 de Junho". (2)

Todas as tentativas falharam, as propostas para a construcção do canal foram discutidas e postas á margem na poeira dos archivos...

Em Abril de 1835, o Dr. Roberto Jorge de Haddock Lobo voltou a abordar o assumpto, propoz a construcção do canal e conseguiu que a Camara Municipal dirigisse representações ao governo, mostrando que a realização das obras era imprescindivel e de grande vantagem para a salubridade da cidade.

Finalmente, depois de infructiferas tentativas, o ministro do imperio participou á municipalidade, na data de 26 de Novembro de 1835, que o barão de Mauá se compromettia a construir por administração 50 braças do decantado canal. Effectivamente, a 21 de Janeiro de 1857 foi lançada a primeira pedra do canal, com solemnidade; e a 6 de Março de 1858, foi lavrado o contracto com o barão de Mauá; e a 14 de Setembro de 1859, foi por lei, o governo autorizado a gastar a quantia de 310:000$000. Iniciados os trabalhos, foram votadas novas verbas para o custeio e continuação das obras. O canal até bem pouco tempo ia até a ponte do Aterrado, hoje dos Marinheiros; toda a parte que vae da ponte até ao mar é completamente nova, contando pouco menos de vinte annos; a zona que vae até ao cáes do Porto era de intermináveis lamaçaes que o mar invadia nas horas do fluxo. A ilha de João Damasceno, depois dos Melões, ficava mais ou menos onde construiram o caes. Na parte do canal na praça Onze de Junho, existia uma bacia, e nos terrenos fronteiros pretendeu o engenheiro Ginty construir um mercado, chegando para isso a ser lavrado o contracto com a municipalidade, porém, a obra não se realizou, construindo-se no mesmo logar a Escola de São Sebastião, hoje Benjamin Constant.

As quatro pontes que outr'ora existiam sobre o canal eram verdadeiras obras de arte, e foram dirigidas pelo engenheiro Ginty. Eram elegantes e imponentes, sendo duas para vehiculos e duas para pedestres.

A 7 de Setembro de 1860, Ginty aproveitou a inauguração de um dos gazometros da fabrica de gaz, para franquear duas das pontes ao publico. Grande cerimonia houve nessa occasião. O barão de Mauá, acompanhado do engenheiro Ginty e de todos os operarios do canal, percorreu a zona construida e as pontes a inaugurar.

Moreira de Azevedo assim descreve a grande festa: "Dois guardas da fabrica, de uniforme verde, quatro trinchantes vestidos de branco, com facas e garfos, um carro puxado por vinte e quatro pretos com roupa branca, contendo dois bois inteiros, assados, quatro carneiros, tambem assados e trinta arroubas de batatas cosidas, quatro trinchantes com facas e garfos, dois guardas da fabrica, o presidente, o gerente, e o engenheiro, com suas mulhrees, e o engenheiro ajudante, os empregados superiores da companhia do gaz e da obra do canal, os inspectores, contramestres, superintendentes, apontadores e outros empregados da companhia do gaz e do canal, os apparelhadores do gaz e seus ajudantes, os ferreiros, caldereiros, pedreiros, carpinteiros, pintores, funileiros e os trabalhadores de todas as classes, incluindo os calceteiros, carroceiros, foguistas e outros da companhia do gaz, noventa e seis accendedores fardados, setenta e seis canteiros, cincoenta pedreiros, carpinteiros, machinistas, ferreiros e noventa e quatro trabalhadores do canal oitenta escravos da companhia do gaz. Em frente ao gazometro, o prestito parou e, circumdando-o, abriu a baroneza de Mauá as valvulas que deviam escapar o gaz para o grande deposito, o que foi saudado com muitos vivas.

"Entrando de novo em marcha, seguiu o prestito para as trinta e duas mesas, collocadas em frente ao edificio da fabrica, sob uma coberta de arcos de folhas ornados de bandeiras; admittia cada mesa vinte e quatro pessoas, e junto de cada uma havia uma torneira que, quando aberta, deixava correr excellente cerveja de Bass ou Tenent. O prato-travessa era um carro com chapas de ferro de vinte palmos de comprimento e oito de largura sobre rodas de dezoito pollegadas de diametro. Foi uma festa grandiosa, brindes foram levantados pelo barão de Mauá, aos dirigentes e aos operarios de tão importante e pittoresca obra.

Na construcção do canal (parte antiga) foram gastos 1.378:000$000. Lastimavel é que tão bella obra esteja no mais completo abandono, a lama atravanca o curso das aguas e empesta o ambiente, principalmente nos dias de grande calor...

ADALBERTO MATTOS

---

1) — Rio de Janeiro. — M. Azevedo.

VESTIDOS DE RUA — *Como vêem, não são compridos, não têm cauda nem pontas. São praticos por excellencia. Um, guarnecido de recortes em diagonal e pregas de macho e botões verdes, verde mais escuro que o do crêpe de que elle é feito; o segundo, de "tweed" "beige" estampado de havana, saia em "godets" incrustados; e, o terceiro, de "tweed jersey" preto e amarello, enfeitado de pregas e recortes precos por pospontos.*

A ROUPA BRANCA

A lingerie que a moda exige não appareça sob os vestidos, usa-se agora, dizem-nos os ultimos figurinos parisienses, em crêpe da China, "voile triple" ou "toile de soie", não mais multicôres, como ha bem pouco ainda, mas branca com rendas ou "tulle" "ocré". As camisas de noite assemelham-se a vestidos e têm quasi sempre um cinto do tecido de que são confeccionados. Os modelos das duas "parures" acima são: a da esquerda, composta de uma camisa de noite em crêpe da China branco com pala arredondada em renda crême imitação Veneza. Pequenos grupos de prégas verticaes presas até abaixo dos quadris, dão-lhe a linha actual. As costas são talhadas em fórma e ligeiramente alongadas e têm um entremeio da mesma renda acima da bainha. A camisa de dia, tambem com préginhas e renda de Veneza, segue quanto possivel o movimento da pala arredondada da camisa de noite. A calca é enfeitada de renda apenas dos lados. A "parure" da direita compõe-se de uma camisa de dormir em "toile de soie" branca com uma cercadura de "tulle ocré", fixada por um feston de ponto "bourdon" em linha "Brilhanté d'Alger C. B. á la Croix". A amplitude é mantida por um grupo de prégas sobre cada hombro. As cavas das mangas são debruadas com viez. O peitilho, que é feito de tiras de "tulle" e "toile de soie" alternadas, fixa-se no feston da cercadura de "tulle", deixando-a livre. Na cintura, quatro alças, deixando passar o cinto.

A calça ligeiramente em fórma, é guarnecida de "tulle" festonada, apenas dos lados.

A camizinha talhada em coração, só é festonada na frente.

VESTIDOS DE SPORT

"Ensemble", tres peças, em jersey branco, para tennis. Jupe-culotte abotoada dos lados e terminando sobre a blusa por uma ponta segura por duas écharpes enroladas, em crêpe verde e violeta, passando por uma "boûtonnière" antes de dar o laço. Casaco curto, com grandes bolsos. Este "ensemble" pode, tambem, ser feito em linho, a saia e o casaco, e em cambraia, a blusa.

Crêpe setim preto. A saia, ajustada sobre os quadris, termina em um bordado godet, mais longo atraz e cruzado na frente.

Este costume tanto póde ser executado em linho como em seda branca. A jaqueta cruza sobre a saia, que tem uma préga bem funda na frente. Cola écharpe com uma applicação laranja, amarello e vermelho.

Vingança Oriental

FARÁNI: *Para o teu espirito lembrar o que me contou, indignado, — faz annos, — o teu coração cerio, naquella noite alta em que os nossos cachimbos fumegavam. Com a derradeira fumaça aproximou-se de ti a verdade.*
Ha tanto tempo...

Quando, Claudio, parado no angulo das ruas, olhou além e avistou Leticia a caminhar em sua direcção, não teve bastante dominio para torcer completamente os olhos. Dirigiu um pouco a vista á esquerda, porém, um motivo superior, todo intimo o incomprehendido, o fez contemplar o anjo do passado que durante longo tempo, constituira a esperança mais completa dos seus dias.

O andar, os modos daquella que se aproximava, falaram aos seus sentidos, revelando á placa da memoria o que se fôra, aquelles bellos dias... Nunca momentos de ventura completa, porque o amor não é sereno e feliz. Dias longos de anseio, de esperanças insondaveis, de loucura! Não saber se era amado, e duvidar da bôa impressão que desejava, por ventura, imprimir na consciencia de Leticia, — flôr unica, — conforme idealizara o seu devaneio amoroso. Concebeu-a deusa, protraindo a mulher. Só a imaginação tecia, armava relevos.

Agora, ella estava differente. O tempo ia-lhe estragando as fórmas. E as fórmas tornavam certa adiposidade de velha na faina rude. A gordura agigantara-lhe o collo, e os braços tambem se avolumavam.

Ficaram quasi juntos. Viram-se. Nem mesmo os olhos foram significativos num cumprimento. Claudio, todavia, sentiu, de momentos, pesarem no seu coração estilhaços de amor pela mulher esquecida. Percebeu que o ir-se embora de cinco annos não amortecera tudo.

Arrepios fizeram-lhe ver debaixo das cinzas, a brasa morbida das interrogações jugaladas pelo seu caracter. Ainda a distancia que os separava, fizera-se grande. Ella enriquecera-se de futilidade e era poderosa. Elle, pobre, e obrigado a sustentar a familia enorme dos seus famintos ideaes. Vivia no futuro como os grandes iniciados.

Para que rememorar?! Perdera-se o encanto da menina bôa e justa. Aos poucos ella fizera vir vindo a Eva serpentiforme que, dentro de si, dormia esquecida no proprio inconsciente.

Naquelle encontro, o despeito do homem comprehendeu o manejo das Furias. E antegosou a mais completa satisfação, — a delicia intima de um mal que se annunciava. Presentiu a belleza a extinguir-se no semblante do objecto amado. Viu as faceirices correrem parallelas com a maldade para a qual, aos vinte annos, a moça se arrojava decidida.

Com escarneo, o romantico atrazado avaliou a espessa estatua, pesada e molle, que, não mui longe, iria encobrir-lhe o talhe. O ricto da face de sua alma rematou-se, e, cheio de um contentamento funebre, á maneira de barbaro desforrando, praguejou, como se falasse aos destroços vindouros, — quando a cubiça se esquecesse della:

— Envelhecerás, cheia de amarguras desgraçadamente virgem.

WANDERLEY LIMA

Praia de Charitas, 5 de Fevereiro — 1930.

OS CORREIOS DA REPUBLICA EM ANARCHIA

Um macaco em loja de louças — A ignorancia do Tribunal de Contas, e do Governo, de uma duplicata de Sub-Directores do Trafego.

Os Correios da Republica atravessam neste momento uma phase tal de anarchia, que se impõe á imprensa a necessidade de perscrutar as suas causas, apontando-as com franqueza ás altas autoridades do paiz.

E essas causas não são difficeis de ser encontradas. Foi na propria repartição que tem, ou devia ter, o *controle* geral do Sr. Severino Neiva, que encontrou *O Malho*, na palavra de varios funccionarios, o depoimento, longo e circumstanciado, que hoje inicia perante a opinião publica. Essa historia do descalabro dos serviços postaes, que já dissemos ser longa, emmaranha-se em antecedentes remotos, aos quaes não esteve alheia a politicagem no governo passado.

UMA INTERINIDADE QUE SE PERPETUA

Os funccionarios postaes são os primeiros a perguntar por que se conserva ha tanto tempo, á frente da Sub-Directoria do Trafego, o chefe de secção Francisco Pereira Lessa. E recordam a sua promoção a essa interinidade que se perpetua, com prejuizo para o serviço e para o Thesouro.

O Sr. Mendes Tavares era candidato á cadeira de senador que o eleitorado lhe recusou para dal-a ao Sr. Irineu Machado. Antes do pleito preparou o Sr. Mendes Tavares, com a mesma desenvoltura com que agora se diz "liberal", a sua victoria... Pareceu-lhe necessario — não se sabe por que — afastar da Sub-Directoria do Trafego Postal o Dr. José Henrique Aderal, funccionario dedicado e competente, cuja administração continúa viva na saudade dos seus collegas. O Sub-Director effectivo do Trafego, a existir motivos para ser afastado do seu posto — e não existia — deveria ser substituido com criterio, por um outro funccionario conhecedor do serviço, de molde que a resolução não viesse a prejudicar os interesses collectivos e o renome da repartição. Mas não se pensou nisso. Pensou-se apenas em dar ao Sr. Mendes Tavares, porta-voz então do Cattete, *o homem* de que elle precisava. E a escolha recahiu, a principio, num funccionario dedicado e depois, com espanto geral do pessoal dos Correios, no chefe de secção Francisco Pereira Lessa.

— Mas o Lessa não entende disso — diziam.

— Não precisa entender... — respondiam outros. E' ordem do Cattete...

O Sr. Lessa assumiu as suas novas funcções interinas. Desde os seus primeiros actos ficaram inteiramente confirmadas as previsões dos seus collegas, quanto á sua absoluta incompetencia para o cargo.

Appellidaram-no desde logo de "Macaco em loja de louças", conceito que se vem confirmando nas suas menores resoluções. O homem não entende mesmo nada do mecanismo administrativo que o governo lhe poz em mãos. Na Sub-Directoria ás suas ordens ninguem se entende. O regulamento postal é letra morta, mesmo quando se trata dos dinheiros publicos, desviados do Thesouro em proveito de particulares... O Sr. Lessa é literato. Não é um funccionario publico meticuloso, que se sente honrado com a jaqueta de alpaca que distingue os zelosos servidores da nação. E' escriptor publico.... Escreve chronicas para os jornaes... E' um cavalheiro que vexa a mesa de trabalho do Dr. José Henrique Aderal com as suas boas roupas e pessimas letras.

E O TRIBUNAL DE CONTAS?

A interrogação é de um funccionario dos Correios. Onde está o venerando Tribunal de Contas? Por que verba pagam os Correios a dois Sub-Directores do Trafego, um effectivo e um interino? Ou ainda não terão tido os honrados ministros daquelle Tribunal notado a duplicata?...

De certo que não. E tambem o honrado Sr. presidente da Republica, Dr. Washington Luis, cuja administração tem se caracterizado por medidas da mais exemplar moralização funccional, ignora não só a incompetencia intellectual do Sr. Lessa, para o cargo que ora indubitavelmente occupa, como a sangria permanente no Thesouro que representa a sua perpetua interinidade.

EPILOGO

Ahi vae tudo! as cartas, o retrato,
teu lenço, tuas flores e, no meio,
vae toda a dor de um coração novato
que ensaiava o primeiro galanteio.

Ahi tens meu passado azul e ingrato,
ahi volve elle para de onde veio:
— reliquias de um amor quase insensato,
dentro da immunda mala do correio.

Vae teu retrato, e nelle deposito,
sobre teu labio descontente e mudo,
o ultimo beijo de meu labio afflicto...

Sim, tudo se destroca, até cuidados...
Porém, não chores se... depois de tudo
inda deixei os corações trocados...

Léo Fontes

O PHILOSOPHO

Eil-o que passa, em trajes de pobreza!
E' um grande sabio, um pensador fecundo!
Vae, talvez, estudando a natureza
Ou a origem dos homens sobre o mundo!

Tem o semblante cheio de belleza
E a luz do genio em seu olhar profundo!
Sorri para a innocencia e com tristeza
Perdôa a quem o julga um vagabundo!

E ao vel-o, assim, passar indifferente
Ao sonho poderoso da ambição
Que eternamente a humanidade engana,

Quedei scismando silenciosamente
Para exclamar, depois, com emoção:
O' como é grande a pequenez humana!

Suzano, 1929

Horacio de Souza Coutinho

29 — Março — 1930 O Malho

E o lazaro, feições deformadas, esmulambado, espicaçado pelo desejo, olhava tristemente para o quintal do vizinho. Que via o misero e o desgraçado, ahi, que lhe fazia assim vibrar todos os sentidos, se é que ainda os tinha? Que via ahi o morphetico? Pobre e horrivel trapo humano, tambem elle, o renegado da vida, o pestilento, o homem que de ninguem se approximava, tambem elle amava! Mas o seu amor não era o amor de candura ou innocencia, o amor daquelles que se amam mutuamente. Era o amor carnal, o amor-desejo, o amor-paroxismo. E um dia, quando mais forte era a sua cubiça, salta o quintal do visinho e...

Lazaro

Edigar de Alencar

DESENHO DE ACQUARONE

Maricota, descalça, no delicioso abandono caseiro, veiu preparar o seu banho vesperal. Acercou-se do cacimbão...

SUA vida era mais amarga que a raiz da angelica. Vivia pelos cantos como um trapo humano, empestando o ambiente. A molestia que o assaltara quando a vida lhe sorria, no albor da infancia, ia, ligeiro, executando o seu trabalho destruidor.

As feições estavam por completo deformadas. As faces inchadas e arroxeadas como um fructo podre. Os olhos cinzentos e quasi fechados pela turgescencia das palpebras. As orelhas crescida, como duas azas abertas para um vôo sinistro. Um rebotalho da especie a arrastar-se pela vida. Dormia na rede suja, armada no velho alpendre Comia numa gamella, onde não raro lhe fazia companhia um cachorro inescrupuloso. Os de casa, que o tinham por piedade immensa, fugiam de encontral-o.

Segregado em plena adolescencia, bestificado pela reclusão, o lazaro tinha apenas uma diversão que ainda lhe esboçava nos olhos tenue nuvem de prazer: rastejar-se pelo quintal comprido, até o cacimbão do fundo, que era serventia de seis a oito vizinhas.

Aspirando o ar mais ou menos puro, olhando as arvores verdoengas, banhando-se ao sol como um reptil nojento, o desgraçado esquecia por instantes o seu martyrio. E sorria. Um sorriso mixto de resignação e imbecilidade.

Punha-se, ás vezes, a espiar através a cerca de arame os meninos da vizinhança a brincar a manja e o cipó queimado. Tinha impectos de correr-lhes ao encontro. Mas a cerca o retinha enjaulado como uma féra de circo.

Os garotos, aterrorizados, tinham-no como amaldiçoado. Algumas vezes, em resposta ás suas murmurações de enlevo pelos brinquedos em que se divertiam, jogavam-lhe insultos e pedras.

De uma feita, um, mais certeiro, lhe rachara a cabeça. Nesse dia o miseravel deixou que duas lagrimas apparecessem sobre a sua face polpuda

Quando a filha do vizinho vinha ao quintal, elle corria a espial-a. A principio ella se esquivava de encaral-o. Depois o olhou condoida. E finalmente aborrecida daquelles olhos pegajosos que de longe a seguiam como um casal de rafeiros dedicados, virava-se para o misero e, na sua graça de menina, fazia-lhe uma careta e dava-lhe as costas.

O animal sorria satisfeito.

Maricota era uma irrequieta garota. Cheia de viço e graça. No esplendor dos quinze annos. Enlevo do pai, operario respeitado que enviuvara ha annos.

Morta a mulher, Manecão, cujo physico dobrado lhe augmentara o nome, dedicava todo affecto a Maricota

No bem querer da menina consolava-se do soffrimento que a morte da mulher lhe trouxera.

— Não fosse a Maria e eu não trabalharia mais. Ficaria aguardando que o Senhor me chamasse para a companhia da Sinhá.

—

ACABAVA-SE um dia bonito. A tarde de gemia pela bocca escancarada dos sinos. O sol cochilava num canto de céo vermelho. Uma ou outra ave vagabunda sibilava nas goiabeiras em flor.

Maricota, descalça, no delicioso abandono caseiro, veio preparar o seu banho vesperal. Acercou-se do cacimbão e nelle jogou o balde. Ia puxal-o quando, assustada, viu trepada ao muro, a pouca distancia, atraz, a figura nauseante do leproso. Nunca o vira tão de perto e por isso nunca o achara tão horripilante. Estatica, deixou escorregar entre as mãos pequenas a corda a que se atava o balde.

Quiz correr, mas os pés se grudaram na areia. O lazaro sorria ironico de cima. E de um pulo, rapido, venceu o espaço que o separava da menina. Um grito agudo quebrou o silencio. Reagindo sobre si mesma Maricotta travou luta.

Em vão o infeliz tentava prostituir-lhe o rosto com o seu beijo peçonhento. Olhos injectados, as mãos carnudas forcejavam para aprisionar as niveas mãos. Havia agora na physionomia congestionadas do monstro o accento pavoroso dos animaes insaciados.

O lacrau abraçava ferozmente a flor delicada que emmurchecia aos poucos. E quando os seus beiços cahidos sugaram como um morcego os outros labios frescos e roseos, o corpo da menina tombou vencido.

E o bruto pagou-se da rudeza do combate.

QUANDO Manecão entrou em casa, Maricota não lhe correu ao encontro.

Estranhando a ausencia da caricia habitual, elle correu a casa toda. Passou ao quintal e já meio aturdido chamou-a. Ninguem respondeu.

Sentiu que a vista se escurecia como a tarde lá fora. Tocou-se para as bandas do cacimbão, alfinetado por uma duvida pungente.

Perto do corpo de Maricota arrastava-se, offegante, o vizinho leproso. Com os olhos cegos, o operario adivinhou a tragedia. E, emquanto o lazaro fugia, coxeando e ensanguentado, Manecão atirou-se ao corpo da filha. Estava morta.

Perto havia uma foice enferrujada. Tomou-a de impulso e desandou em perseguição do criminoso. O miseravel se acocorara a um canto da cerca vizinha. Manecão a galgou de um salto e ia partil-o de golpes, quando o lazaro sorrindo, chegou-se a borda do cacimbão, e nelle se atirou como um sapo gigante.

O operario tinindo de dor e raiva viu áquelle corpo asqueroso afundar-se no poço, voltar á tona e desapparecer por fim. E petrificado, ficou-se a olhar os arabescos e circulos que caprichosamente se desenhavam na superficie assanhada da agua...

"Não sei se pertenço a essa maioria de imbecis e retrogradas creaturas, ou, se, conhecendo a verdade scientifica, me deixo vencer e suggestionar pela narração de factos, onde o sobrenatural avulta e a superstição impéra. Como quer que seja, a verdade é que eu sinto em mim essa qualidade psychica, a qual, quer se traduza por phenomenos da telepathia, quer por propriedades mediumnicas, me dotou de uma antevisão, na maioria dos casos, tão nitida e perfeita, como material e concreta.

"Mas, allucinação ou fantazia dos sentidos; obsecção doentia ou ignorancia crasso, o certo é que esse bem ou mal vem sendo o "pivot" em torno do qual gira a minha preoccupação actual."

—

No proximo numero:

"UM AVISO POSTHUMO"

conto sensacional de

José Benedicto Cohen

autor de "Um desafio sinistro, com illustração de

V A L D O

VERSOS COLLABORAÇÃO

VOZ INTERIOR

No mundo a gloria é vã, é falsa a gloria.
Outro a ambicione, delirante, espere-a,
como se fosse uma aurea luz siderea,
que eternizasse a vida transitoria.

Que vale um nome andar, depois, na historia
para o espirito isento da materia?
— Um nome ha de perder-se. — graça etherea, —
do olvido pela noite merencoria.

Gloria, licor que a alguem que o experimente,
não raro, enche de egoismo, orgulho e engano,
embebedando, deliciosamente.

Gloria, ha de ser um esplendor preterito.
Sol que se apaga no destino humano.
Compensação ephemera do merito.

EM LOUVOR DO SOMNO

Se o espirito padece e o corpo inquieto e lasso,
exige a intervenção efficaz de um remedio,
— vamos pedil-o ao somno — e o somno bom, concede-o,
na esplendida maciez de seu doce regaço.

Ha no somno refugio e o allivio do cansaço.
Eu sempre o bemdirei. E' por seu intermedio
que deslembro a tristeza e adormeço o meu tedio.
Somno, embriaguez divina em que me satisfaço!

Descanso á diligencia e incerteza da vida.
Deliciosa quietude, extrema suavidade,
em que a alma se compraz de si mesma esquecida.

Doçura, languidez, que os sentidos invade.
Milagrosa attracção, genio que nos convida
a uma especie de encanto e de felicidade.

TUBERCULOSA

Era uma formosura. Conhect-a,
dantes, — de rosea tez, seio opulento,
— esbelta e cheia de contentamento,
moça loira, romantica e sadia.

Vi-a depois, de rosto macilento,
sem aquella belleza que possuia,
estatua viva da melancolia,
desalentada pelo soffrimento.

— Tuberculosa, andou, triste, esperando,
a tossir, a tossir, — cansada e rouca;
o final de um destino miserando.

Teve calma de santa e olhar de louca
e morreu, numa tarde, derramando
uma porção de sangue pela bocca.

CAVEIRA

Entro no cemiterio. Espio uma caveira:
lembra a morte, que em plano igual todos irmana,
inda mais — em si mesma encerra a verdadeira
e concreta expressão da invalidade humana.

Analyso, levemente, a alva caixa craneana,
dentro da qual, talvez, se conteve a cegueira
dos delirios triviaes com que um mortal se engana,
da primeira esperança á illusão derradeira.

— Vem, homem presumido, aclara a idéa obscura;
eis a tua feição, aqui, transfigurada,
após desdém, soberba, inveja, odio, impostura.

Vem ver o teu retrato, ó creatura exaltada.
Espia uma caveira horrenda, que assegura
a mentira do mundo, a evidencia do nada.

EDINOR AVELINO

◆ ◆ ◆

DUALIDADE

Ha dois seres em mim, distinctos, desiguaes:
Um que é creança e vê na vida linda festa,
Outro que a encara ancioso e horror lhe manifesta
Por já lhe haver soffrido os rijos vendavaes.

E a creança feliz, que borboleta lesta
Agita-se na luz de sonhos sideraes,
Mas se o seu riso morre, acordam-se-me os ais,
Resurge-me o outro ser, já nada mais me resta.

Senão o desalento, o desespero, o tédio
Para os quaes busco em vão confortador remedio,
Até que a alma de novo em risos se dilate.

E vão passando assim, puoco a pouco, os meus dias,
Entre as asas subtis de ingenuas alegrias
E, da dôr mais brutal o risoido acicate.

(Bahia)

ELSA ROSALINO

◆ ◆ ◆

PROFISSÃO DE FÉ

Eu canto a mocidade energica e idealista,
Que faz da vida um sonho intensamente lindo,
Em demanda do ideal ledamente sorrindo,
Quasi sempre fugaz, mas nem sempre utopista.

Celebro o almo esplendor variadissimo e infindo
Da natureza-mãe, linda sempre e bem vista
E sou, qual todo poeta, ardente pantheista,
Pois sinto o olhar de Deus, entre as cousas fulgindo.

Exhorto com fervor, ás vezes, nos meus versos
A' triste multidão dos desgraçados párias,
A clamarem de dôr, no infortunio submersos.

Os meus cantares tem modalidades varias,
— Reflexos de minh'alma em atomos dispersos
Na livre orchestração das rimas tumultuarias

ARAUJO SOBRINHO

EIS AQUI O LUX!

O PRODUCTO DE FAMA MUNDIAL PARA A LAVAGEM DE TODAS AS ROUPAS FINAS

DE USO FACIL QUATRO PEQUENAS OPERAÇÕES

1 Lançar em agua quente uma quantidade sufficiente de Lux para produzir uma espuma abundante.

2 Remexer a agua até que as escamas se dissolvam e então accrescentar agua fria para que a solução fique apenas tepida.

3 Espremer com cuidado as roupas entre os dedos (mas nunca ESFREGANDO).

4 Passar em agua limpa e morna... e a lavagem está concluida.

ESTAS FINAS ESCAMAS PRODUZEM UMA ESPUMA MARAVILHOSA QUE LIMPA SEM NECESSIDADE DE ESFREGAR!

Nos maiores centros de moda, em Paris, Londres e Nova York as senhoras só usam o Lux para a lavagem de suas lindas meias e vestidos de seda assim como da sua lingerie fina. A experiencia ensinou-lhes que, com o Lux, as roupas não correm o menor risco e conservam a apparencia de novas. Ao contrario do sabão vulgar e impuro, o Lux é fabricado sob a fórma de escamas transluzentes e lustrosas. E os tecidos delicados, em vez de serem esfregados, e torcidos, são apenas mergulhados na solução de Lux, cuja espuma se encarrega de limpal-os sem a menor fricção.

Basta algumas colheres de Lux em uma bacia com agua quente para que o milagre se produza. As sedas readquirem a sua primitiva frescura, as meias mais finas não perdem nem a sua côr, nem o seu brilho. O Lux é o meio ideal de lavagem para os artigos muito finos que antigamente corriam o risco de se perderem pelos velhos methodos de lavagem. Não hesite—vá comprar o seu primeiro pacote agora.

USE O LUX PARA TODA A ROUPA QUE UMA LAVAGEM COMMUM ESTRAGARIA

LX 2-0243 BZ

LEVER BROTHERS LIMITED, PORT SUNLIGHT, INGLATERRA

Os Sete Dias da Politica

Depois de muito esperada veio mesmo a revolução no sul... Apenas, ao contrario dos desejos daquelles que não dispensam o sangue como adubo das idéas a propagar, tudo se operou ali de modo incruento. Os genios bons velaram mais uma vez pelo Brasil, transformando, no alto, em ondas de saudavel bom senso, as grandes vagas de loucura que teriam de descer sobre a terra dos pampas, devastando-a ... Graças sejam dadas a Deus!

Depois, as nossas homenagens a Borges de Medeiros — instrumento dessa mutação, ou, para melhor dizer, especie de transformador de toda essa electricidade que ameaçava perder os gaúchos, essa energia serena, pacifica, tranquilisante, fecunda. Homem providencial, esse velho sociocrata indigena! Quando o equilibrio nacional ameaçava ainda agora romper-se pelos abalos da sua extremidade sul, surge elle, com o seu prestigio de mago conductor daquelle povo, controla-lhe os movimentos e o reintegra afinal no rythmo das actividades geraes!... E de que maneira intelligente o fez! Os gaúchos andavam exaltadissimos: queriam como derivativo dessa nervosidade um acontecimento capaz de lhes sacudir os nervos... Só a revolução seria capaz de os satisfazer!

Bom psychologo o de Borges viu tudo, tudo observou lá de seu Irapuanzinho...

Quando julgou azado o momento, zás... atirou-lhes de lá a bomba da entrevista! O pessoal quasi cahiu para traz no primeiro movimento! Mas não poderam reclamar, uma vez que tinham na realidade pedido ao seu grande chefe uma cousa forte, bem forte! Elle, apenas, na sua sabedoria se arrogara o direito de preferir a revolução branca dos sonhadores do seu genero, á encarnada — estylo russo. O lenço escarlate do camarada Luzardo — pendão truncado de fé sanguinaria, — foi substituido sabiamente pelo crapé de linha pulchro que provavelmente trazia ao peito o casto adorador de Clotilde de Vaux... Os effeitos dessa tróca foram para o povo riograndense de um alcance admiravel: logrando descarregar as tempestades civicas que havia accumulado nalma, em virtude deste choque com as forças contrarias que o mestre movimentou com maestria, conseguiu-se o desafogo dos espiritos sem damnos para o povo gaúcho, ou aquelles com quem elle se queria bater... Antes assim!

* * *

... O essencial é triumphar, e não é pela virtude que se alcança o successo entre os homens, conduzidos pelas apparencias e as palavras enganadoras... O Sr. Antonio Carlos tinha certamente deante dos olhos esta licção de seu mestre em politica, quando iniciou o seu "trabalho" contra a candidatura Prestes. Dahi, o exito relativo que alcançou nalguns lances parciaes da campanha perdida por fim. Machiavelo foi, sem duvida, tudo que, até hoje, o genio moderno produzio de grande na materia em que se especializou o florentino, auctor do "Il Principe". Mas, nem por isto se vá concluir que o sabio conselheiro de governantes e politicos não falhe nunca nos seus ensinamentos. A parte cynica da sua obra, como tudo que escapou á suprema lei moral da vida, é por certo muito fallivel. Ora, o o Presidente de Minas foi exactamente, de preferencia por modelo. Depois, havemos de convir em que nem toda a gente é Machiavel, ou seja o pensamento genial guiando o punho do mais elegante decerto e do mais profundo talvez e o mais elegante decerto dos dissecadores. da alma humana! O Sr. Antonio Carlos é apenas o Antonio Carlos, isto é, o conhecedor apenas das fraquezas de meia duzia de tôlos que elle conseguiu explorar...

A arte de illudir é bem mais difficil do que se suppõe. A mentira tem, além do mais, contra si o não poder ser exercida sem medida. Ora, o neto do Patriarcha nesta cousa não tem conta... A intriga, a seu turno requer um grande tacto, e o herõe da derróta liberal, apesar da sua fama, mostrou-se, neste particular, assás fraco tambem. Mentindo demais a nus, intrigando grosseiramente a outros, os resultados só poderiam ser os que ahi estão: o vergonhoso desastre na lucta que sucitou, agravada a insuccesso eleitoral com as vociferações dos amigos que ludibriou mal contra a sua triste figura de mentor de campanhas pelo accesso ao poder!...

Os homens mentem, trahem, intrigam, illudem, como diz o philosopho e historiador italiano, mas não estimam, Sr. Antonio Carlos, que ninguem faça isto com elles... De outra vez não esqueça o descipulo infeliz desta reflexão que, aliás, está em substancia no Codigo politico de seu mestre...

* * *

Não pode mais haver duvidas a respeito da adhesão do Sr. Getulio Vargas de novas directrizes dada ao Rio Grande pelo chefe do seu grande partido dominante. O candidato da Alliança está effectivamente resolvido a seguir, dora avante, o caminho que lhe aponta o seu antigo chefe. Não devem ter, portanto, ansias maiores os que aguardam o seu annunciado manifesto, nem tão pouco aquelles que esperam o desmintido do mesmo, no tocante á concordancia com o ponto de vista do Dr. Borges. A consulta que, segundo se diz vem de ser feita aos municipios não altéra em nada as disposições de animo pacifico que o Presidente gaúcho mantém deante da consciencia perfeita, não só da sua derrota nas urnas, como dos factos que se desenrolam dentro e fóra de seu Estado. Fosse pela decepção que de mentiras e embustes do seu collega de Minas lhe trouxessem, fosse pelo despertar do sonho em que se embalava relativamente á politica do proprio Rio Grande, o certo é que o Dr. Getulio hoje não deseja mais do que administrar tranquilamente a sua terra, por este resto de tempo que lhe sobra... Em vão, renovam as desmoralizadas sereias liberaes os enlevos, accenando-lhe com o prolongamento da jornada dolorosa!

As conferencias se succedem em Porto Alegre, e os jovens turcos sahem todos do palacio desilludidos da esperança afagada de separarem o seu presidente, do seu chefe... Os municipios respondem a favor da paz, que é, como diz, a favor do Dr. Borges! Como poderá elle, no governo do Estado, promover a guerra que este não quer? Loucuras da mocidade que não procura razões para justificar os seus impulsos ou assomos. Elle, porém, já não é nenhuma creança, como Oswaldo Aranha, nem velho sem juizo, como os Srs. Neves da Fontoura e Flores da Cunha... Si quizerem brigar, que briguem sós. Aliás, esta recusa sensata do Presidente do Rio Grande terá a virtude de desarmar inclusive os Jovens cavalheiros que formaram á sua guarda de honra no governo. Nenhum delles, depois disto, desembainhará a espada ameaçadora nem tirará da baia o seu cavallo... O mais ousado dos tres — o Sr. Flores — satisfará os seus bófes com o desafogo do telegramma em que disse ao dominador dos pampas do seu dissentimento... Os demais, nem isto hão de fazer. Cada qual, a estas horas, cogita apenas de encontrar a tal sahida honrosa que todos estimam nessas occasiões difficeis! Aquella declaração do Sr. Neves aos jornaes amigos de que as suas attitudes não desmentiram as suas palavras, não vale nada: é só para a imprensa ver... Até agora, depois da bomba da entrevista do dono da terra gaúcha, só vimos um gesto, na verdade: — o do Sr. Otheló Rosa, demittindo-se dos cargos que o partido lhe deu, inclusive o electivo...

* * *

Andam hoje os gaúchos admirados do que lhes succedeu... Mas quem não via logo que o seu fim seria mesmo o de serem embrulhados pelo Sr. Antonio Carlos! Sua decepção foi, aliás, em parte obra da propria paixão...

Todos os elementos de defesa com que contavam no caso puzeram fóra os ingenuos guerrilheiros do sul. Fizeram mais: além de se desarmarem por esse meio, deram ao seu grande inimigo, convertido em alliado, todos os recursos com que teria de batel-os no jogo difficil de encobrir, noutras condições, contra os mesmos. A' sua simplicidade, os gaúchos devem, pois, de preferencia o desastre que todos hoje lamentam. Não tivessem, nos seus excessos lastimaveis, levado a paixão partidaria ao ponto de não consentirem siquer em que a sua imprensa noticiasse o mais simples facto contrario ao seu ponto de vista e certo não haveriam tido nenhuma surpresa dolorosa. As eleições de Minas teriam, nessa hypothese, deixado de ser decepcionantes, como as classificou o Sr. Getulio Vargas e as do Rio Grande mesmo não teriam soffrido as restricções do juizo severo do Sr. Borges de

Medeiros em materia de lisura... Dos resultados finaes, nem é bom falar! O Rio Grande, si não fosse a venda que mãos proprias se poz nos olhos, teria visto, como todo o resto do paiz, que pretender ganhar a partida em que se empenhou quasi a totalidade da nação, equivale simplesmente a confiar num absurdo. O prestidigitador das alterosas não fez mais no seu caso do que se aproveitar muito honestamente, portanto, do partido que lhe deram... Era dever seu defendel-o, tal qual, fez até o fim do tempo, não assistindo aos que por simplicidade ou fanfarronada lh'o haviam concedido, o menor direito de reclamarem o lhes ter batido! Em rigorosa apreciação dos episodios da campanha, a gente talvez chegue até a innocentar em parte, neste caso o Rio Grande, o Sr. Antonio Carlos, que afinal de contas, á vista da cegueira propositada dos gaúchos, não commetteu propriamente uma traição...

* * *

De duas castas de individuos se compunham as hostes "liberaes" — ingenuos e espertalhões.

Os ultimos, como tudo logo fazia crer, entraram na campanha apenas para explorar os primeiros. Si não tinham interesse honesto a defender, manda a verdade que se diga em honra, que tambem nunca lhes passou pela cabeça a idéa de poderem sahir da lucta victoriosos. Precisavam, entretanto, para garantirem os lucros de occasião, fingir uma cousa e outra. Agarraram-se assim aos falsos principios do Sr. Antonio Carlos, agitaram-nos á guisa de bandeira e começaram a ameaçar céos e terras para dar a toda gente a impressão da força e do prestigio que lhes falleciam. Para que não restassem duvidas neste sentido, chegaram até, como se vio, a matar algumas dezenas de creaturas... Os espiritos mais tardos, olharam-nos, bestiatisados, e foram seguindo-os por esse rastro de sangue. Os mais lucidos conservaram-se, comtudo, a certa distancia dos seus passos, reservando-se no seu enthusiasmo por taes feitos, para não darem talvez a impressão de que a epylepcia com esses symptomas fosse uma nevrose commum aos novos reformadores do paiz...

Estavam, não obstante, certos de que nada resistiria com effeito á onda revolucionaria! Com eleição ou sem ella, o Sr. Getulio Vargas seria substituto do Presidente Washington Luis... Não o estimava o actual chefe de Estado? Tanto peor para elle: era mais um motivo para lh'o imporem as phalanges libertarias... Ninguem queria saber de que modo viria a se dar isto. A forma não os preoccupava, como tambem não queriam saber dos elementos de que dispunham. Para elles, a logica era no seu caso, perfeitamente dispensavel. Medissem os contrarios as suas forças: elles não necessitavam dessas cousas. O seu triumpho prescindia em summa do auxilio das circumstancias, porque, como os factos inexplicaveis, estava de resto acima das leis conhecidas pelo homem no jogo dos elementos de seu juizo...

O publico intelligente certamente logo comprehendeu que tratava com lunaticos. Desse modo, nenhuma surpresa experimenta em face do desfecho naturalissimo da tragica brincadeira "liberal" armada aos simples pelo humorismo monstro de um doente...

Illustração Brasileira — Orgão da alta cultura literaria e artistica do paiz, publicando em cada edição quatro reproducções de pinturas de autores nacionaes, nas côres da propria téla.

ANNIVERSARIO

Completou annos no dia 16 ultimo o Sr. Gustavo Falaise.

O anniversariante, que serve como alto auxiliar do nosso commercio, poude, no periodo de 40 annos de serviços, conquistar com o trato fino e lhano que lhe é proprio, grande numero de amigos, os quaes foram felicital-o por motivo da passagem de sua data natalicia.

O Mysterio do Xadrez

Trad. por Aneléh

Poirot e eu costumavamos almoçar num pequeno restaurant do Sôho. Estavamos ali uma noite, quando entrou um velho amigo nosso. Era o inspector Japp, que se sentou logo á nossa mesa. Havia tempo que nos viamos.

— Ha muito que você não vai lá em casa? — disse Poirot, com ar de censura. — Não nos vemos desde o "Mysterio do Jasmim Amarello", e isto aconteceu ha um mez.

— Estive no norte do paiz, e por isso não vim vel-o!

Como vão os seus negocios? Os Quatro ainda continuam fortes?

Poirot ameaçou-o com o dedo.

— Você zomba de mim, mas *Os Quatro* existem...

— Não duvido. Mas não são os mais terriveis criminosos do mundo, como você diz.

— Nisso é que você se engana, meu amigo. O maior poder malefico do mundo é justamente essa associação. Não sei ainda o que pretendem em definitivo, mas garanto-lhe que ainda não se formou no mundo um conjunto de criminosos, tão poderoso como esse. O mais perfeito cerebro da China, á sua frente; um grande millionario norte-americano e uma sabia franceza, como membros; e quanto ao Numero Quatro...

Japp interrompeu:

— Sim, sim; já o conheço. Isso já se converteu numa pequena mania, Poirot.

Vamos mudar de assumpto? Gosta de xadrez? Joga-o algumas vezes?

— Costumava jogal-o.

— Já soube do curioso acontecimento de hontem? Durante uma partida de xadrez entre dois campeões mundiaes, falleceu um delles.

— Li isso nos jornaes. O doutor Savaronoff, um dos jogadores, defrontou-se com o joven e brilhante jogador norte-americano Gilmour Wilson. Este ultimo succumbiu ante um fulminante ataque de coração.

— Justamente. Savaronoff, ha tempos, venceu Rubinstein, e conseguiu o titulo de campeão da Russia.

Wilson tinha a fama de ser um segundo Capablanca.

— De certo, isso é muito curioso — disse Poirot. — Si não me engano, você tem algum interesse no caso.

Japp riu com embaraço.

— Você acertou, Poirot. Isso me intriga completamente. Wilson era são e forte como um touro, e o seu coração nada tinha de fraco. Sua morte é completamente inexplicavel.

— Você desconfia de que o doutor Savaronoff interviesse no assumpto? — exclamei, assombrado.

— Nada disso — replicou Japp. — Não creio que alguem no mundo seja capaz de assassinar o seu semelhante, só para não perder uma partida de xadrez. Além disso, acho que é do outro lado, justamente, que aperta o sapato.

O doutor é considerado um jogador magistral, só inferior a hasker.

Poirot assentiu, com ar pensativo.

— Então, o que pensa? Ha alguma razão para desconfiar que tenha sido envenenado? Porque estou certo que é isso o que você desconfia.

— Naturalmente. Ataque de coração, significa que o coração deixou de bater. Isto é o que lhe diz, officialmente, o medico, ao examinar o corpo; mas, a sós, insinua que isto não o satisfaz.

— Quando terá logar a autopsia?

— Hoje á noite. A morte de Wilson foi extraordinariamente rapida. Parecia em uso normal de todas as suas faculdades, e estava movendo uma das peças no taboleiro, quando cahiu para a frente bruscamente, morto.

— Ha poucos venenos, capazes de actuar desse modo instantaneo.

— De facto. A autopsia nos elucidará um pouco essas cousas. Mas, para que abater Wilson? Isto é que eu desejava saber. Era um rapaz excellente, e, na apparencia, pelo menos, não tinha inimigos.

— E' incrivel — sussurrei eu.

— Nem tanto — affirmou Poirot, sorrindo. — Vejo que Japp tem a sua theoria.

— E' exacto. E é esta: que não acho que o veneno, si existe, tenha sido destinado a Wilson, e sim ao seu contendor.

— Os motivos, Japp? Não nos conformamos com as affirmativas.

— Bem. Savaronoff cahiu prisioneiro dos bolchevistas, quando estalou a revolução. Foi dado por morto, mas na realidade, conseguiu escapar, e viveu durante 3 annos, nas selvagens steppes da Siberia, em meio a horriveis padecimentos. Tanto, que é agora um homem desconhecido. Seus amigos e parentes declaram que nunca o teriam reconhecido. Tem o cabello todo branco, e o aspecto de um homem muitissimo velho. E' quasi invalido, e raramente sahe de casa. Mora com uma sobrinha sua, Sonia Daviloff, e um creado russo, num andar perto de Westminter. Talvez por se julgar ainda um homem *marcado* pelos revolucionarios, não quiz combinar o *match* de xadrez. Recusou varias vezes terminantemente e, só quando a imprensa começou a se occupar daquella extranha e pouco cavalheiresca negativa, é que se decidiu a acceitar. Muito bem; eu lhe pergunto agora, Poirot: porque essa repugnancia em acceitar o desafio? E respondo que o fez, porque não queria attrahir sobre si a attenção dos seus inimigos.

Esta é a minha solução do mysterio. O pobre Wilson teve o que estava destinado a Savaronoff.

— Ha alguem que possa tirar proveito da morte do doutor?

— A sobrinha. O russo entrou recentemente na posse de uma fortuna enorme que lhe legou Madame Gospoja. Conheciam-se intimamente, ao que parece, e ella se negou insistentemente a crêr na morte delle.

— Onde se effectuou o *match?*

— No appartamento de Savaronoff. E' um invalido, como já lhe contei.

— Havia muita gente presenceando a partida?

— Pelo menos, meia duzia de pessôas. Provavelmente, mais.

Poirot fez uma careta expressiva.

— Meu pobre Japp: sua tarefa não me parece muito facil que digamos.

— Vejo que você está se interessando pelo assumpto, Poirot — replicou Japp, piscando um olho. — Tem interesse em vir commigo á Morgue para examinar o corpo do pobre Wilson, antes de que o medico o tome por sua conta?

— Caro Japp, estou ás suas ordens.

...Era facil vêr que a attenção de Poirot estava completamente seduzida por aquelle novo problema.

Por meu lado, senti uma pena muito profunda ao observar o corpo inerte e o rosto convulso do desgraçado moço norte-americano, que encontrára a morte, duma maneira tão estranha. Poirot examinou-o attentamente. Em todo o corpo, não havia marca nenhuma, senão uma linhazinha escura sobre a mão esquerda.

— O medico diz que é uma queimadura, e não um arranhão ou um talhinho — explicou Japp, quando Poirot começou a examinal-a.

A attenção de Poirot foi attrahida pelo conteúdo dos bolsos do morto.

Havia um lenço, chaves, um livrinho de notas e algumas cartas sem importancia. Mas um objecto chamou poderosamente á attenção do detective, e tambem a minha.

— Uma peça de xadrez! — exclamou. — Um peão branco. Estava no bolso delle?

— Não; trazia-a na mão e tivemos grande difficuldade em tiral-o de entre os dedos. E' preciso devolvel-o ao doutor Savaronoff. Faz parte de um esplendido jogo de marfim com incrustações.

— Deixe-me restituir-lh'a. Será essa a minha desculpa para ir até lá.

— Ah! — exclamou Japp. — Então quer encarregar-se da investigação.

— Confesso que o assumpto despertou grandemente o meu interesse.

Poirot virou-se novamente para o cadaver.

— Não tem nenhuma outra informação para me dar ,a respeito de Wilson?

— Creio que não.

— Não era surdo?

— Com effeito! — disse Japp, estupefacto. — Como é que o soube? Mas é um detalhe que nada tem de importante neste caso.

— E' possivel que seja assim como você diz — concordou Poirot, pensativamente.

• • •

Na manhã seguinte dirigimo-nos ambos á casa do doutor Savaronoff.

— Sonia Daviloff — comecei. E' um lindo nome, palavra de honra.

Poirot deteve-se logo, e me olhou com compaxão.

— Sempre em busca de um romance! E's incorrigivel. E seria muito bom que esta Sonia Daviloff fosse a nossa amiga, a condessa Véra Rossakoff.

— Bem, bem, Poirot. Não creio que desconfies que isto é tambem...

— Não, Hastings. Foi um gracejo apenas.

A porta da casa nos foi aberta por um creado russo.

Poirot apresentou-lhe um cartão, no qual Japp rabiscára algumas palavras, e fomos introduzidos para uma sala ampla e elegante, luxuosamente adornada.

Emquanto eu examinava um dos icones que davam á peça um aspecto exotico, Poirot ajoelhou-se sobre o tapete, afim de observal-o mais de perto.

— Por mais lindo que seja esse tapete, não creio que mereça essa attenção.

(...Quando Wilson segurou esse peão fatal e...)

— Heim? Ah, o tapete? Pois te enganas, Hastings: não era isso o que me preoccupava. Mas, de qualquer modo, é um exemplar bonito demais, para que o estraguem, atravessando-o com um grande prego. O prego já não está aqui; está apenas o buraco que deixou.

Um ruido atraz de nós, fez-me virar o rosto, emquanto Poirot se punha de pé, rapidamente.

Uma moça, parada junto á porta, observava-nos, com olhos de desconfiança.

Era de estatura mediana e muito bonita, embora o seu rosto parecesse mal humorado.

— Receio que o meu tio não os possa attender; elle está indisposto — disse seccamente.

— E' pena; mas talvez a senhora possa nos auxiliar, no logar delle. A senhora é Mademoiselle Daviloff, não é exacto?

— Sim, sou Sonia Daviloff. O que desejam?

— Estou fazendo certas investigações, referentes ao triste acontecimento de ante-hontem á noite: a morte do sr. Gilmour Wilson. O que me póde dizer sobre isso?

A rapariga abriu os olhos surprehendidos.

— Morreu de um ataque de coração, quando jogava xadrez com meu tio.

— A policia não está muito certa de que tenha sido um ataque de coração.

— Então era verdade! — exclamou Sonia, com um gesto de terror.

— O que era verdade, mademoiselle, e quem lh'o disse?

— Ivan, o creado que lhes abriu a porta, disse-me que não acreditava que Gilmour Wilson morresse de um ataque de coração. Segundo elle, foi envenenado por um infeliz engano.

— Por engano?

— Sim, o veneno era destinado a meu tio. — A menina parecia ter esquecido a sua desconfiança, e falava fluentemente.

— Por que diz isso, madamoiselle? Quem tinha intenções de assassinar o doutor Savaronoff? Peço-lhe que se exprima de maneira mais explicita.

Ella moveu a cabeça, negativamente.

— Não sei. E meu tio não m'o diria nunca. Isso aliás é natural, pois, quasi não me conhece. Conheceu-me quando eu era creança, e desde então não me viu senão ha poucos mezes, quando chegou a Londres. Mas estou certa de que meu tio receia alguma cousa. Ha muitas sociedades secretas na Russia de hoje, e uma vez surprehendi parte de uma conversa, a qual me fez pensar que é justamente uma dessas associações que elle receia.

Diga-me, monsieur — accrescentou, approximando-se e baixando com prudencia a voz — o sr. já ouviu alguma vez falar de uma sociedade chamada: Os Quatro?

Poirot quasi deu um salto, cheio de espanto, e seus olhos abriram-se desmesuradamente.

— O que é que a senhora... o que é que a senhora sabe dessa sociedade, mademoiselle.

— Existe então uma tal associação? Surprehendi uma referencia de meu tio a ella, e perguntei-lhe o que significava isso. Nunca vi uma pessoa como meu tio, ao ouvir a pergunta. Fez-se intensamente pallido e começou a tremer. Elle os temia, monsieur; disso estou certa. E, por um erro fatal, assassinaram o pobre Wilson.

— Os Quatro! — murmurou Poirot. — Sempre os Quatro. E' uma surprehendente coincidencia. Madamoiselle: seu tio ainda está em perigo, e devo salval-o. Conte-me tudo o que se passou durante a noite do tragico acontecimento. Mostre-me o tragico taboleiro do xadrez, a mesa; diga-me como estiveram sentados os jogadores, tudo...

Dirigiu-se a um canto da grande sala, e trouxe uma mesa pequena. A parte superior da mesma era ricamente dividida em quadrados de prata e ouro, para formar o taboleiro de xadrez.

— Isso foi enviado a meu tio ha algumas semanas, como presente anonymo, com o pedido de que fosse utilizado para o primeiro *match* de importancia que jogasse.

Ante-hontem á noite, foi collocado no meio da sala, assim.

Poirot examinou a mesa, com uma attenção que me pareceu desnecessaria. Não estava levando o interrogatorio do mesmo modo que eu o faria, em seu logar. Muitas das suas perguntas me pareciam sem nexo, e em compensação, sobre questões de verdadeira importancia, nada tinha que perguntar. Deprehendi que sómente a menção do nome d'Os Quatro o fizéra perder a serenidade.

Após o exame minucioso da mesa, e de verificar a posição exacta que occupára durante o *match*, Poirot pediu que lhe trouxessem as peças do jogo.

Examinou cuidadosamente algumas dellas, sem deixar o seu ar pensativo.

— Um jogo exquisito de peças — murmurou, distrahido.

Nenhuma pergunta a respeito dos refrescos que tinham sido servidos, sobre as pessoas que presenciaram o *match*. Pigarreei, para lhe chamar a attenção.

— Penso, Poirot, que seria conveniente...

— Por favor, Hastings, não penses. Deixa-me agir.

Mademoiselle, é completamente impossivel que eu veja o seu tio?

— O sr. falará com elle, naturalmente. Tenham a bondade de esperar um momento.

A moça desappareceu, e ouvimos um rumor de vozes no quarto contiguo.

Voltou logo, e disse-nos que passassemos.

Lá estava, deitado na cama, um homem de aspecto imponente. Era alto, magro, com grandes e espessas sobrancelhas brancas, a barba igualmente nevada, e uma cara enrugada e nobre, que falava de soffrimentos innumeros. Chamou-se a attenção a conformação especial da cabeça, e o seu tamanho pouco commum. Pensei para commigo: um grande jogador de xadrez deve ter uma cabeça grande.

Poirot inclinou-se deante do doutor.

— "Monsieur le docteur", posso falar a sós com o senhor?

Savaronoff virou-se para a sobrinha:

— Deixa-nos sós, Sonia.

Sonia retirou-se, obediente.

— Doutor Savaronoff: o sr. entrou, recentemente, em posse de uma enorme fortuna, conforme me disseram. Quem a herdaria, suppondo-se que o senhor?...

— Fiz testamento, deixando tudo o que possuo á minha sobrinha Sonia Daviloff. Mas o sr. desconfia que...

— Não procuro insinuar nada. Mas o sr. não vê a sua sobrinha desde que ella era creança; seria muito facil para qualquer uma fazer-se passar por ella.

Savaronoff pareceu acabrunhar-se com essa idéa. Poirot continuou.

— Eu o ponho em guarda, nada mais; isto é sufficiente. O que desejo agora é que o sr. me descreva a partida de ante-hontem, á noite.

— Descrevel-a? Como?

— Bem: eu, por mim, não jogo xadrez, mas sei que ha diversas maneiras de começar uma partida. Ha o gambito... não é assim?

— Ah, agora comprehendo. Wilson abriu a partida com um Ruy Lopez, uma das melhores maneiras de abrir o jogo, e muito usada hoje em dia.

— E quanto tempo estiveram jogando até succeder a tragedia?

— Creio que foi no terceiro ou quarto movimento que Wilson cahiu bruscamente para a frente, morto.

— Um assumpto bem triste, doutor Savarosoff.

Poirot e eu nos despedimos do velho.

No "hall" encontramos Ivan, que nos acompanhou até á porta. Poirot se deteve no humbral.

— Você sabe quem mora no andar de baixo?

— Sir Charles Kingwell, membro do Parlamento, senhor.

(...estavam movendo uma das peças no taboleiro, quando cahiu para a frente bruscamente, morto...)

— Ha alguns mezes, foi alugado a uma pessoa que não conheço.

Emquanto caminhavamos pela rua, eu não pude deixar de dizer a Poirot, o que pensava sobre a sua actuação.

— De facto, Poirot, parece-me que desta vez procedeste, como um principiante, no interrogatorio, em geral.

— Achas, Hastings? — perguntou Poirot, com ar pensativo. — Estava um pouco "bouleversé". O que perguntarias?

Expuz tudo o que teria perguntado e examinado, e Poirot escutou-me, com apparencias de uma religiosa attenção.

O meu monologo durou até chegarmos em casa.

— Tudo muito logico e penetrante — disse Poirot, ao metter a chave no buraco da fechadura —, mas completamente desnecesario.

— Desnecessario! — exclamei attonito. — Si o rapaz foi envenenado...

— Olá! — disse Poirot, apanhando um bilhete de cima da mesa. — E' de Japp, e diz o que eu esperava: nem rastros de veneno. Já vês como as tuas perguntas seriam inuteis e inadequadas.

— Adivinhaste, por acaso, que não havia veneno?

— "Mon ami", quando se resolve um problema com o cerebro e a intelligencia, não se póde dizer que se adivinha.

— Bem — concordei, impaciente. — Tu o previste, o deduziste?

— Sim.

— Por que?

Poirot metteu a mão no bolso e tirou... um peão branco.

— Esqueceste de o devolver ao doutor Savaronoff — disse-lhe.

— Estas enganado, caro Hastings. O que tu mencionas ainda está no meu bolso. O que estás vendo na minha mão é o companheiro do outro, que tirei da caixa que Mademoiselle Sonia teve a bondade de mostrar-me.

— Mas, para que o tiraste?

— "Parbleu", quiz saber si eram iguaes.

Collocou-os, um ao lado do outro, na mesa.

— Pois bem, Poirot, são exactamente iguaes, como pódes vêr.

— Parecem. Mas só se póde admittir uma verdade, depois de demonstrada.

Queres fazer-me o favor de me trazer aquella balança?

Com muiti cuidado, pesou as duas peças e em seguida, virou-se para mim, com o rosto brilhante de triumpho e satisfação.

— Eu tinha razão. Toda a razão do mundo, Hastings, está do meu lado. E' impossivel enganar a Hercule Poirot, completamente impossivel.

Correu para o telephone, e esperou pacientemente que lhe déssem a ligação.

— Quem fala? E' Japp? Com Hercule Poirot. Mande vigiar o creado Ivan. De modo algum, deve escapar-lhe. Não se preoccupe, é assim mesmo como lhe digo.

Pendurou o phone, e virou-se para mim.

— Não entendes ainda, Hastings. Vou te explicar. Wilson não foi envenenado, e sim electrocutado. Ha um estreito fio de cobre ou de ferro que atravessa este peão. A mesa foi preparada de ante-mão e collocada num logar pre-fixado, sobre o tapete. Quando Wilson segurou esse peão fatal e moveu-o para um dos quadrados de prata do taboleiro, a corrente mortifera, de tensão altissima, fulminou-o instantaneamente.

O unico signal deixado foi a pequena queimadura na mão esquerda, porque elle era surdo. A mesa especial é, sem duvida, uma obra muito delicada de mechanica. A que eu examinei é uma reproducção exacta e inoffensiva da primeira que a substituiu, apenas se retirou a gente e a policia. O assassinato foi, effectivamente commettido, do andar de baixo, porém, os assassinos tinham, pelo menos, um cumplice, em casa do doutor Savaronoff. A moça é uma agente d'Os Quatro, que estão trabalhando para se apoderar do dinheiro do doutor.

— E Ivan?

— Tenho grandes desconfianças de que este Ivan não seja outro senão o famoso Numero Quatro. E' um maravilhoso actor caracteristico, como deves saber muito bem.

Pensei nas nossas anteriores aventuras, no guarda do hospicio, no empregado do açougue, no doutor Quentin: sempre o mesmo homem e totalmente diverso do anterior.

— E' assombroso — disse por fim. — Tudo parece ter acontecido, como tu o explicas.

Savaronoff de certo teve alguma suspeita do que se ia passar, e por isso se negou a acceitar o *match*.

Poirot fitou-lhe de maneira extranha, sem responder-me, e depois começou a passeiar pela sala, com grandes passos agitados.

— Tens, por acaso, um livro de xadrez, "mon ami"? — perguntou bruscamente.

— Creio que effectivamente tenho um por ahi.

Tardei um pouco e, depois de achal-o, trouxe-o a Poirot, que se sentou numa poltrona e começou a lel-o com profundo interesse. Passou-se um quarto de hora, deste modo. Depois o telephone tocou, e fui attendel-o. Era Japp que falava, para nos avisar que Ivan deixára o appartamento do doutor, levando um grande embrulho. Subira a um taxi, e a caça começára.

Estava procurando fazer perder a pista aos seus perseguidores, evidentemente. Por fim, pareceu ficar satisfeito, e dirigiu-se para um edificio vazio em Hampstead. A casa estava rodeada.

Repeti tudo isso a Poirot, Não fez senão olhar-me de um modo curioso, como si não estivesse entendendo o que eu lhe dizia.

Depois, mostrou o livro que tinha na mão.

— Escuta, meu amigo. Esta é a abertura Ruy López:

— 1) P4CR, P4CR;
2) C3RA, C3RD;
3) A5A.—

Agora vêm as analyses sobre a melhor respostas das pretas. Ha, varias defesas. Foi a terceira jogada de Wilson que o matou: A 5 A. Isso e nada mais. Isto não te suggere nada, Hastings?

Não tinha a menor idéa do que queria dizer-me.

— Meu amigo, suppõe que, emquanto estás sentado na tua cadeira, ouves abrir-se a porta da rua: o que pensarias disso?

— Pensaria que alguem entrou na casa.

— Sim, mas ha duas maneiras de considerar as cousas, Hastings. Que alguem entrasse ou sahisse, são cousas completamente differentes. Agora, suppondo-se que tomasses como certa uma dellas, a errada, não tardariam a surgir algumas discrepancias e contradições que te provariam estares em erro. Isso que acontece com a porta, que tomei como exemplo, acontece tambem com outras cousas e assumptos muito differentes, Hastings.

— A que vem tudo isto, Poirot?

Poirot se poz de pé, com repentina energia.

— Significa simplesmente que eu fui um triplice idiota — disse — Depressa, á casa do doutor Savaronoff! Talvez ainda não seja tarde demais, para rectificar o engano.

Partimos immediatamente. No taxi, Poirot não respondeu a nenhuma das minhas ansiosas perguntas. Subimos as escadas, correndo. Batemos á porta em vão, e em vão tocamos a campainha.

Escutando com attenção, eu pude distinguir um gemido afogado, que vinha de dentro.

O porteiro nos arranjou uma chave que abria todas as portas da casa, logo que Poirot lhe disse quem era.

Abrimos a porta immediatamente. Uma rajada intensa de chloroformio nos paralysou no humbral. No chão, jazia Sonia Daviloff, amarrada e amordaçada, com um grande pedaço de algodão em cima do nariz.

Poirot tirou-lh'o e começou a reanimal-a. Momentos depois chegou o outro medico da casa, a cujos cuidados a moça foi entregue. Não havia nem vestigios do doutor Savaronoff. Chamei Poirot á parte.

— Que significa tudo isto? — perguntei, desapontado.

— Significa que entre duas concluões igualmente verosimeis, tomei a falsa. Lembras-te de que eu te disse que seria facil representar a pessoa de Sonia Daviloff?

— Sim; lembro-me perfeitamente.

— Pois bem; o extremo opposto era tambem possivel. Era igualmente facil representar a pessoa do doutor Savaronoff.

— Como?

— Savaronoff morreu de facto, durante a revolução russa. O homem que pretendeu ter escapado á morte, após terriveis penas, o homem tão mudado "que os seus parentes e amigos não reconheciam". o homem que tomou posse de uma herança riquissima...

— Sim, sim — interrompi, impaciente. — Quem era?

— O Numero Quatro! E não é de extranhar que elle se tivesse assustado, quando a sobrinha lhe disse que surprehendêra uma das suas conversas particulares sobre Os Quatro. Deslizou-se-me novamente por entre os dedos. Previa que eu não tardaria a chegar á bôa pista, e assim mandou o honrado Ivan num recado extravaganto para nos despistar, chloroformizou a rapariga, e "azulou". Por essas horas, já ha de ter transformado em dinheiro toda a herança de madame Gospoja, levando-a comsigo.

— Mas, quem procurou então assassinal-o?

— Ninguem. Wilson foi a victima premeditada.

— E por que?

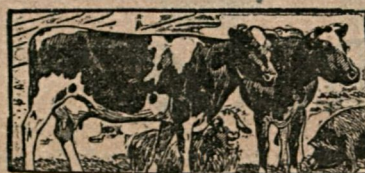
— Meu caro, Savaronoff era o segundo jogador de xadrez do mundo. E' de se julgar que o Numero Quatro não conhecesse siquer os rudimentos deste jogo. Não podia, portanto, sustentar a farça ou ficção de um *match*. Fez todo o possivel para que este não se realizasse. Quando não poude resistir mais á pressão, o destino de Gilmour Wilson foi marcado.

Tratava-se de evitar que o joven enxadrista percebesse que o doutor Savanoroff não sabia jogar. Wilson gostava muito de iniciar o jogo com a Ruy López e era certo que a ia empregar na partida. O Numero Quatro arranjou todas as cousas, de modo que a morte surprehendesse Wilson antes de se iniciarem as complicações. Entendes agora?

Poirot fez uma pausa e depois accrescentou:

— Mas estou em condições de jurar-te, Hastings, por tudo o que queiras, que o Numero Quatro e eu havemos de nos encontrar outras e muitas vezes.

Mas, ao cábo, Hercule Poirot será o vencedor.

Não te caibam duvidas a respeito. Vencerei.

CAFE' TORRADO...

Um fantasista do commercio de café, olhando muito os proprios interesses e não sentindo quanto de ridiculo poderiam parecer suas palavras, propoz a exportação do café já torrado, o que nos permittiria impingir ao consummidor estrangeiro os typos de baixa qualidade!

Deixemos de lado a infantil impressão que o fantasista possa ter da mentalidade dos consummidores estrangeiros do café nacional. Esqueçamos que aquelles consummidores, dos quaes o maior é a America do Norte, se estivessem dispostos a acceitar esse "truc", se o pudessem acceitar, sem prejudicar os seus proprios negocios, de ha muito já o teriam empregado por conta propria. Não prefeririam, de certo, pagar por bom preço muito maior o café fino, quando o de baixo typo, torrado, poderia ser impingido tão facilmente ao consummidor particular. Deixemos de lado esses aspectos do caso.

Fixemos, porém, o que de mais perto importa aos interesses economicos do Brasil, numa proposta assim leviana, e que terá tido, já, a maior repercussão em todos os mercados mundiaes. Daqui em deante os mercados americanos e europeus verberão o café do Brasil examinando sempre, a sua qualidade. E' café provindo do paiz em que se propoz, publica e claramente, **embrulharem-se** os consummidores estrangeiros. E cesteiro que faz um cesto, faz um cento... A prevenção contra o café se estenderá aos outros artigos brasileiros, com bôa ou má acceitação nos mercados estrangeiros.

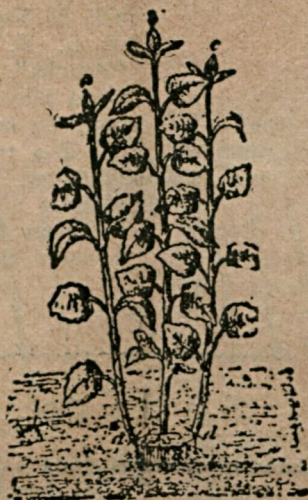
Os docês de fructas serão considerados como fabricados com fructas imprestaveis, e até venenosas. As carnes passarão a ser de gado morto de aphtosa etc. etc.

Não precisamos propaganda contra nós proprios para termos lá fóra recepções nada lisonjeiras. Estamos fartos de saber que a Avenida Rio Branco é um viveiro de cobras monstruosas...

E não terá sido a deshonestidade dos exportadores que desmoralizaram a borracha da Amazonia, augmentando-lhe o peso com pedaços de pau, pedras etc.?

A palavra do Sr. Octaviano Pinto Lopes, commerciante dos mais autorisados de café, veio, portanto, a tempo. O seu protesto, energico e bem fundamentado, calou excellentemente no espirito dos seus collegas que, felizmente, não commungam das idéas anti-patrioticas do tal fantasista.

O PROCESSO MAIS ACONSELHAVEL PARA A REPRODUCÇÃO DA AMOREIRA

O Dr. Amilcar Savassi, director da Estação Sericicola de Barbacena, é de parecer que o processo mais aconselhavel para a reproducção da amoreira é por meio de estacas ou varas, porque, dentro de prazo mais curto possivel, as amoreiras começam a dar folhas destinadas á alimentação dos bichos da seda. Por isso, a Estação Sericicola de Barbacena dispõe de viveiros dos melhores especimens de amoreiras, dos quaes fornece, gratuitamente, varas em qualquer quantidade aos interessados de qualquer ponto do paiz.

Indicação de como devem ser cortados os novos rebentos da amendoeira.

Ao receber os interessados essas varas ou estacas deve resguardol-as da acção do sol, pondo-as á sombra e quanto antes possivel cuidar do plantio definitivo, para que não se tornem imprestaveis pelo reseccamento; comtudo é conveniente cortar uns 2 cm. em cada extremidade antes de enterral-as afim de evitar o plantio de mudas já reseccadas.

Como precedentemente, o terreno deve merecer cuidados e estando bem preparado, muito mais facil se torna o plantio das estacas que são fincadas em linhas parallelas á distancia de 5m. uma das outras, deixando-se apenas tres ou quatros olhos fóra da terra.

Desta fórma, em 1 hectare (10.000 metros quadrados ou seja mais ou menos uma quarta) podem ser plantadas 400 estacas de amoreiras.

A' proporção que forem rompendo os brotos, o que se dará dentro de 30 dias de fincada a estaca, começa-se a praticar a educação da futura arvore, amarrando-se a ella uma vara como se faz ás mudas e arrancando-se os brotos da base, de maneira que a seiva da planta avance com pujança para os rebentos da parte superior e, portanto, o esgalhamento se faça com maior vigor, em condições de permittir que os raios solares banhem toda a copa da arvore, quando tiver formada.

Sob a acção benefica da natureza a arvore vae seguindo o curso de sua fecunda e proveitosa existencia.

Dentro de um anno a amoreira apresenta-se com folhas desenvolvidas; entretanto, é um erro ministral-as ao bicho da seda, não só porquer no primeiro periodo da vida vegetativa as folhas auxiliam efficazmente o desenvolvimento da planta, como tambem porque a folhagem da amoreira nova, sendo muito aquosa, mal se presta á alimentação do bicho.

Entretanto, si se quizer utilizar do systema do plantio da cultura anã, no qual as estacas podem ser plantadas de 1 a 3m. de distancia em linhas parallelas ou quincuncio, é dispensavel a operação de arrancar os brotos da base, visto que uma das vantagens deste systema de plantio é o de tornar possivel uma colheita de folhas em menor espaço de tempo.

Logo que as mudas ou estacas começarem a emittir brotos, e se queira fazer reproducção da amoreira pelo processo chamado de mergulhia, deixam-se esses desenvolver, formando galhos mais ou menos longos que se curvam e enterram-se em sulco aberto a enxada; em contacto com a terra que se cobre, a exemplo do que ficou dito com as mudas, taes galhos no fim de certo tempo começam a criar raizes e são então destacados para constituir novas mudas de amoreiras.

A CULTURA DO FUMO

O Serviço de Inspecção e Defesa Agricola do Ministerio da Agricultura publicou, ha tempos uma interessante monographia sobre a cultura do fumo, cuja leitura muito interessará aos cultores do tabaco no Brasil.

As seguintes observações, entretanto, já bastarão para marcar os primeiros passos dos que agora se iniciam nessa actividade agricola.

As mudas devem ser transplantadas quando attingirem á altura de 10 cms.

Um hectare produz, em media, 1.100 kilos de fumo em folha.

A qualidade melhor depende do gosto do cosummidor. Uns preferem folhas finas, macias e sedosas, outros folhas bem seccas de cor castanho-claro, outros bem encorpadas, bem claras, elasticas com nervuras bem finas. Assim devem ser escolhidas conforme se deseria as variedades Maryland ou Virginia. O Gigante é muito preferido no Pará pelas folhas largas, ovaes, delgadas, finas e macias.

Todas as variedades bahianas são boas, como por exemplo a Cubana, Java, Gigante, Turco, Bahiano, George Grande, Sumatra, etc.

THEATROS

ROULIEN X PROCOPIO

A scena nacional é tão estreita que nella não cabem duas figuras. Quando aqui se achava Leopoldo Fróes, Procopio era o espinho. O Fróes se foi e Procopio cantou de gallo. Apparece agora Roulien. Roulien é o espinho. A luta começou e através da auto-reclame que os dois desenvolvem não é difficil lobrigal-os com um ar de desdem, degladiando-se assim:

— Eu sou bonito, você não é...

— Eu tenho um nariz que vale um milhão, você não tem...

— Eu sei cantar tangos, você não sabe...

— Eu faço rir o publico, você não faz...

— Eu sou galã, você não é...

— Eu represento todos os generos, e você, iche!

E assim por deante, sem que leve nenhuma vantagem, na contenda, o theatro nacional nem o publico que anda mais ou menos enjoado dos dois.

Levam á scena, ambos, comedias adaptadas. Comprehende-se porque. Os autores de taes monstruosidades, os Matheus da Fontoura, os Joracy Camargo comprehendem, por alto, muito por alto as linguas de que se dizem traductores. Não podem, pois, traduzir cousa alguma e então apanha daqui e apanha dali, armam esses aleijões que o Trianon e o Lyrico offerecem aos seus publicos, e em que as scenas engraçadas foram substituidas por cabriolas e correrias e as phrases de espirito por sandices.

Nem tudo, porém, está perdido. O bravo emprezario M. Pinto acaba de tomar iniciativa que muito o honra, reuniu no Republica a fina flor da arte dramatica nacional e annuncia temporada que salvará da ruina o theatro brasileiro. A estréa se fez com a peça norte-americana traduzida do hespanhol através da edição franceza pelo presidente da S. B. A. T., que deu ao seu trabalho o titulo de "Aranha". Começa bem a nova *troupe*. A segunda peça ainda não será brasileira, mas portugueza, conhecida bastante do nosso publico: "O Martyr do Calvario"...

E a terceira não haverá, que o bravo emprezario M. Pinto, na verdade, com essa sua brilhante iniciativa visou sómente a Semana Santa. Não quer mais nem companhias nem mesmo a grande, de revistas Margarida Max. Está farto de levar na cabeça, orientando-se pela sua dita.

MARI NONI

Na Lapa

Perguntaram a um "sabido" (Curioso em corridas de cavallos):

— Que fim levaram os cavallinhos do Paschoal e outros que se viam na cidade?...

— Não me fale em semelhante "isso", porque os mesmos subiram de cotação e o cambio está por cima do mocotó.

— Porque?

— Não sabes, que os mesmos são de paus, boas canellas, com um bom eixo, resistentes e circulam sobre trilhos.

— Como assim?

— Porque, conforme dizem os "dão nellas", vão fazer um circuito em roda do obelisco, ali na Avenida, proximo á beira-mar?...

— Se elles são de paus e têm trilhos?...

E' por isso mesmo, porque elles virão voltando, contornando, zig-zagueando até...

— Até o que?...

— Até um ficar enfezado com as taes voltas e collocar uma pedra na cremalheira.

— Com que fim?...

— Para os mesmos darem com os "burros" nagua...

Tableaux.

Leiam o O TICO-TICO, a revista infantil que é o mais agradavel e instructivo passatempo para a meninada.

Soneto

Das duras contigencias desta vida,
Portas abertas para o soffrimento,
De cada espinho vem-nos novo alento,
Energias novas para a intensa lida.

Na sinistra mudez dum só lamento
Revelamos uma alma entristecida
Que sorri, mas de todo constrangida,
De não poder chorar a seu contento.

Ninguem sabe o que fez pra tanto mal
Amargar, impiedoso, a sorte humana?
Um prazer reservou-se ao ser mortal,

Dotou-lhe a Natureza, commovida.
— Do alto culto do Amor —, a Dor insana,
O supplicio maior de toda a vida...

S. Paulo 930.

Kito Fraga.

O ROUBO

Nós iamos pela estrada
Quando, teu rosto inclinaste
Sobre o meu, e me tentaste,
Pelo que, foste roubada...

Roubei-te um beijo. Zangada,
Toda tremula, ficaste
E, afinal, me condemnaste
A não te falar mais nada.

Tal condemnação injusta,
Soffrel-a tanto me custa,
Nestes dias tão compridos...

Que de outro modo resolvas
E desse crime me absolvas
Por privação de sentidos!

De Araujo Lima

O MALHO

ANNO XXIX NUM. 1.437

RIO DE JANEIRO, 29 DE MARÇO DE 1930

UM BOM PRESENTE

(A Concentração Conservadora pensa em processar o Sr. Antonio Carlos como responsavel pelos crimes e fraudes havidos em Minas, durante as eleições federaes.)

ANTONIO CARLOS: — Que diabo é aquillo?
JECA: — Não sei, não, seu doutô. Mas parece que vancê vae ganhar uma casa...

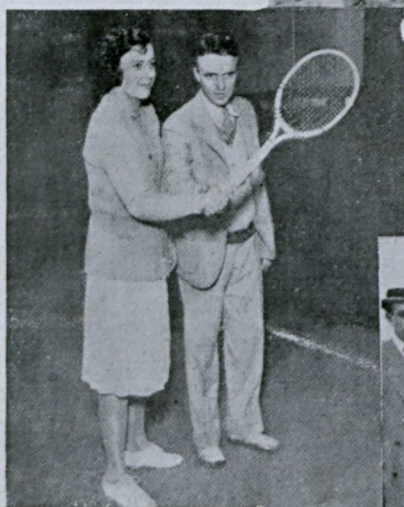
Em cima, tres lindas "poses" de Dorothy Mackail.

◈

Glenna Colett, vencedora do Campeonato Americano de Golf para senhoras.

O Principe de Galles na cidade do Cabo.

◈

Babe Ruth, jogador de basket-ball, estuda canto nas horas vagas.

ASSUMPTOS INTERNACIONAES

O campeão olympico de natação, rodeado de amigos.

Os tres vencedores do Grande Premio de Automoveis — Argentina.

Do tumulto das agitações politicas, que vêm trabalhando o Brasil nesses ultimos tempos, emergiram aqui e ali, pelos Estados, alguns vultos de combatentes capazes de se marcarem, pela propria acção, um logar de relevo nas refregas partidarias. Entre estas figuras varonis, para que S. Paulo contribuiu, elle só, com varios nomes, está a do Sr. Dr. Ataliba Leonel, que no assalto de 1924 ás instituições, ao trabalho e ao progresso paulistas, se revelou um forte, organizando com o actual Presidente da Republica e o seu successor eleito, a reacção da ordem no interior, em nome das tradições de bravura civica do P. R. P.. Leal, desassombrado, energico, o grande chefe de Pirajú, que cedo se impoz aos seus correligionarios pelo dominio natural do caractre, até hoje não fugiu da luta com os adversarios, mantendo-se com garbo nas primeiras linhas de defesa da grande aggremiação á sombra da qual jurou bandeira. Essa intrepidez e essa fidelidade como soldado de um partido, explicam de sobejo o successo da sua carreira publica, feita toda ella de uma larga e lucida operosidade dedicada ao bem de S. Paulo e, pois, do paiz.

N A C O N Q U I S T A D O T I T U L O

Miss Allemanha
(Mlle. Dory Nity-Kowski)

Miss Dinamarca
(Mlle. Esther Pédersen)

Miss Irlanda
(Mlle. Vera Curran)

Miss Austria
(Mlle. Ingeborg von Grieberger)

Miss Belgica
(Mlle. Jenny Van Parys)

Miss Grecia
(Mlle. Alice Diplarakou)

Miss Hungria
(Mlle. Maria Pappsz)

Mais alguns mezes, sinão semanas, e o Rio começará a se familiarizar, pessoalmente, com as representantes de varios paizes no Concurso Internacional de Belleza, a realizar-se nesta Capital, em Setembro proximo, por louvavel iniciativa do vespertino carioca *A Noite*. Conhece-se já, por photographias, a maioria das candidatas ao titulo de *Miss Universo*, em 1930. E nessa divulgação dos primeiros retratos das rainhas da graça e da belleza, teve parte saliente a elegante revista *Para todos*..., que fez virem de Paris, por avião, publicando-as em duas e luxuosas edições successivas, os das "misses" europêas, isto é, a de todas as que, depois de concorrerem, na Cidade Luz, ao ambicionado titulo de "Miss Europa", visitarão depois a capital do Brasil, tomando parte no apotheotico desfile da praia de Copacabana, para a eleição final de "Miss Universo", corôa symbolica que tambem disputarão representantes dos diversos paizes americanos.

E' interessante lembrar-se aqui, que o primeiro concurso desse genero, para a escolha de "Miss Europa", foi realizado a primeira vez na cidade de Spa, na Belgica, em 1885. As bases daquelle primeiro plesbiscito foram mais ou menos as mesmas que ainda hoje vigoram em eleições desse genero. Procedeu-se em Spa, primeramente, a uma selecção por correspondencia, enviando as candidatas as suas pho-

Miss França
(Mlle. Yvette Labrousse)

Miss Hespanha
(Mlle. Elena Pla)

DE MAIS BELLA DO MUNDO

Miss Italia
(Mlle. Mafalda Moriottino)

Miss Bulgaria
(Mlle. Conuka Tchoubanova)

Miss Tchecoslovaquia
(Mlle. Milada Dostalova)

tographias. A' escolha final apenas concorreram 20, seleccionadas pelo jury, que passou doze dias a examinal-as detidamente. As jovens foram alojadas em hoteis, delles só tendo permissão de sahirem em carro fechado. No decimo segundo dia, perante as notabilidades da cidadezinha belga, desfilaram as candidatas, sem *maillot*... E o primeiro premio coube á beldade franceza, uma joven de 18 annos, Mlle. Marthe Soucaret; o segundo, a uma flamenga, de origem hespanhola; o terceiro, a uma viennense. Mlle. Marthe Soucaret, a primeira "Miss Europa", recebeu um premio de 10.000 francos.

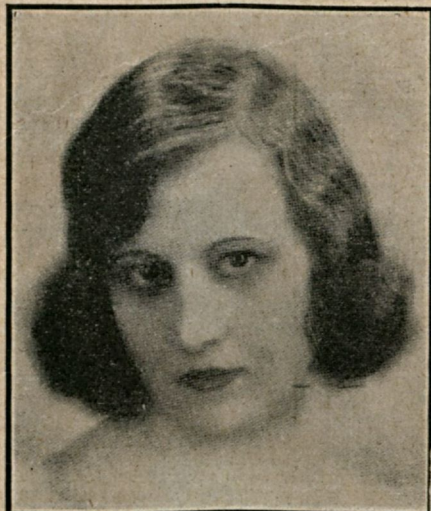
Como se vê, não ha novidade nos concursos internacionaes de belleza.

O de Galveston, nos Estados Unidos, tornou-se já tradicional, porque a intelligencia pratica do *yankee* descobriu nesse certamen apparentemente futil sem finalidade, uma efficientissima modalidade de propaganda, contando-se aos milhares e milhares os *touristes* que procuram Galveston, por occasião do julgamento dos concursos.

A iniciativa da *A Noite* deve, por isso, ser applaudida e estimulada.

Talvez possa ella revelar de vez a nossa bella metropole á curiosidade dos *touristes* estrangeiros, sempre ávidos de pompas e sensações raras.

Miss Polonia
(Mlle. Sophie Batycka)

Miss Inglaterra
(Mlle. Marjorie Ross)

Miss Hollanda
(Mlle. R'e Van der Rest)

Miss Russia
(Mlle. Irene Weutzell)

Miss Rumania
(Mlle. Zoica Dona)

Miss Yugoslavia
(Mlle. Stephania Drobniak)

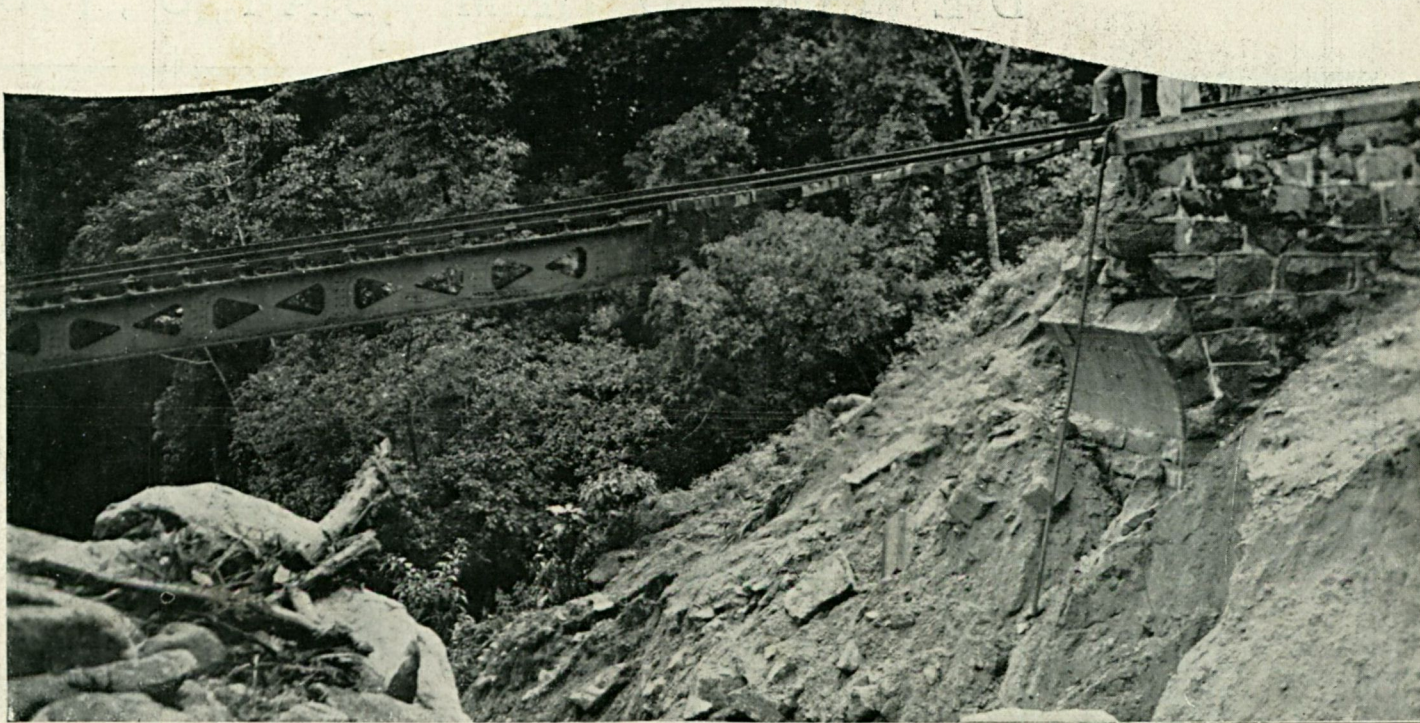
"O MALHO" EM PORTUGAL

Inauguração do retrato de Mousinho de Albuquerque, a bordo do navio "Minho".

Exequias realizadas em memoria de D. Carlos I e Luiz Felippe.

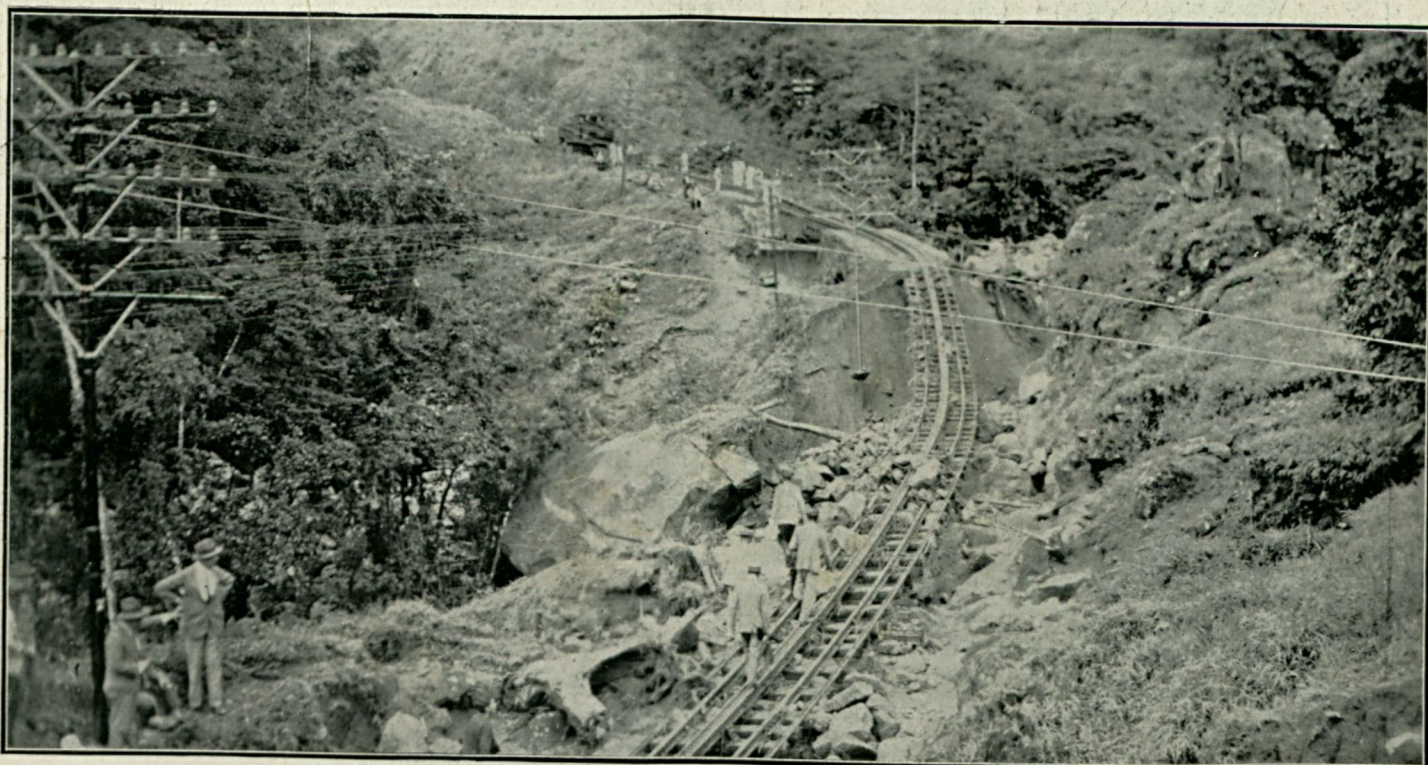
O chefe do governo na exposição escolar na Sociedade N. de Bellas Artes.

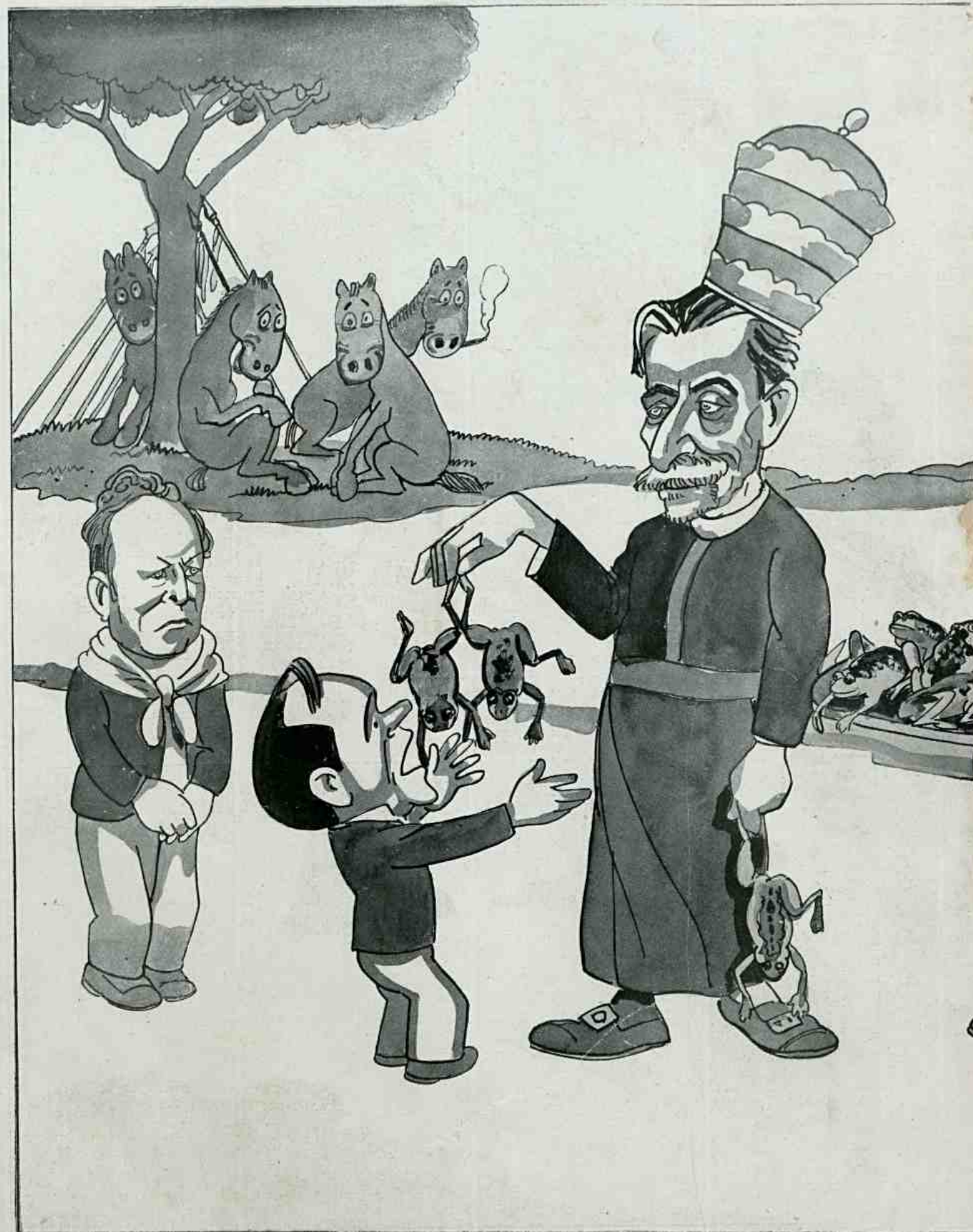
Almoço de confraternização dos antigos alumnos do Lycéo Pedro Nunes.

Inauguração da Exposição de Trabalhos das Escolas Technicas Femininas.

Um dos mais bellos trechos da linha de Petropolis totalmente arruinado pela furia da borrasca, vendo-se o viaducto inteiramente desmantelado.

OS ESTRAGOS DO TEMPORAL NA SERRA DE PETROPOLIS

Pelas photographias ao lado, verifica-se bem a extensão dos prejuizos causados pelo ultimo temporal cahido sobre a serra de Petropolis. A Leopoldina Railway, então, soffreu damnos enormes nas suas linhas, com a colossal barreira que desabou sobre o leito das mesmas, na altura da Grota Funda, trecho que ficou por largas horas inteiramente submerso. Logo abaixo da referida grota foi destruida por enormes blocos de granito precipitados do alto do Morro dos Macacos o viaducto que existia alli.

O trafego interrompido em consequencia disto, só daqui a um mez, mais ou menos, poderá ser de todo restabeledo com a reconstrucção da referida ponte ora inutilizada pelo violento aguaceiro. Os serviços de remoção da terra e reparo das linhas, atacadas com energia, pela companhia ingleza, estes deverão estar concluidos por toda a semana, o que não livra, aliás, a empresa de fazer a baldeação dos seus trens naquelle ponto até o complemento final das obras.

Aspecto da linha, no trecho em que havia o viaducto, destruida pelas aguas e pedras que rolaram das montanhas

DE SAPO EM SAPO, O LIBERAL ENCHE O PAPO...

BORGES DE MEDEIROS: — TOMA LA': VOSMICÊ, "SEU" JOÃO NEVES, TEM DIREITO A DOIS...

MARÇO 16 DOMINGO

DIA DIA

MARÇO 22 SABBADO

PRIMO DE RIVERA MORREU!

A morte do general Primo de Rivera representa para a Hespanha uma perda sensivel. Militar valoroso e com verdadeiro prestigio no seio da classe, foi levado pelas contingencias da politica á chefia da dictadura, cargo que occupou durante sete annos. Nessa phase, elle teve opportunidade de prestar assignalados serviços ao seu paiz, entre os quaes avulta a pacificação da zona hespanhola de Marrocos, que constituia o maior problema politico e economico da Hespanha. O general Primo de Rivera falleceu em Paris, onde se encontrava exilado e a sua morte repentina causou grande consternação nos circulos politicos e militares da Hespanha.

General Primo de Rivera.

A PROPAGANDA PELO FILM

Ninguem poderá negar que o radio e o cinema são os dois elementos por excellencia, para a difusão de qualquer idéa, ou propaganda de qualquer ordem, nos tempos que correm. Dahi a satisfação com que noticiamos ter o sr. ministro Octavio Mangabeira, bem comprehendendo as funcções modernas de um ministerio do exterior, resolvido pôr a serviço da propaganda do Brasil, no estrangeiro, o segundo daquelles efficientissimos elementos. O consul do Brasil em Paris está encarregado de dirigir a exhibição, naquella capital, para os alumnos das escolas de commercio, de films descriptivos da producção, preparo e apresentação das carnes brasileiras, assim como da producção da laranja e outras frutas nossas.

Dr. Octavio Mangabeira.

"AGUA EM SEIS DIAS"

A Escola Polytechnica commemorou solennemente o 41° anniversario da "agua em seis dias", o feito grandioso de Paulo de Frontin, que bastou, não só para cobrir de gloria o seu extraordinario realizador, como a propria engenharia nacional. Conhecem-se já os detalhes desse grande emprehendimento, que engenheiros estrangeiros orçaram em alguns milhares de contos, promettendo pôr agua na Côrte, ás voltas com a falta quasi absoluta do precioso liquido, em dois ou tres annos... O Dr. Paulo de Frontin, demandando as margens do Rio d'Ouro, com cerca de 2.000 operarios, abasteceu o Rio com vinte milhões de litros d'agua em seis dias apenas, gastando a insignificancia de oitenta contos de réis! A Polytechnica inaugurou no gabinete do seu director, que é o proprio Dr. Paulo de Frontin, um antigo quadro de Angelo Agostini, allusivo ao feito, e que illustrou a capa da "Revista Illustrada" naquella época.

Dr. Paulo de Frontin.

DR. HENRIQUE MORIZE

Entre os mortos illustres fallecidos na semana, perdeu o Brasil um dos seus grandes filhos de adopção, o professor Henrique Morize, antigo director do Observatorio Nacional e figura das de maior relevo de nosso mundo scientifico. Morize, que nasceu em França, veiu para o Brasil ainda muito moço, empregando-se no commercio. Annos depois, numa demonstração de excepcional força de vontade, formava-se em engenharia, dedicando-se, desde então, inteiramente á sciencia. Fez parte da commissão demarcadora da Capital Federal, em Goyaz; foi lente da Escola Polytechnica, onde se formara e succedeu, depois de comprovar a sua competencia no assumpto, a Luiz Cruls na direcção do Observatorio. Falleceu aos 69 annos e deixou 9 filhos brasileiros.

Dr. Henrique Morize.

LORD BALFOUR

Falleceu em Woking, Arthur James Balfour, figura de grande projecção na politica da Inglaterra, a cuja mais antiga nobreza pertencia, descendente que era, pelo lado materno, dos historicos Cecil, que incluem na sua linhagem o philosopho Bacon, de fama universal. Lord Balfour, primeiro Visconde de Balfour, extinguiu-se em Londres, cercado do respeito e da consideração devidos pela nação britannica a um dos seus mais indiscutiveis valores e que tão assignalados serviços prestara na guerra européa, coroando uma carreira publica das mais brilhantes.

Lord Balfour

TELEPHONE RIO-BERLIM

A inauguração do serviço telephonico entre as capitaes do Brasil e da Allemanha torna opportuno lembrar-se não só o nome do seu genial inventor, Alexandre Graham Bell, como a particularidade de ter assistido ás suas primeiras experiencias o saudoso imperador D. Pedro II, então na America do Norte. O dr. Graham Bell, falleceu em 2 de agosto de 1922 em sua residencia de Baddeck, na Nova Escocia.

Dr. Graham Bell.

A IGREJA E A RUSSIA

A' porta da basilica de S. Pedro distribuiram-se milhares de folhetos contendo a carta do Papa ao Cardeal Vigario, puplicada a 8 de fevereiro passado, e a seguinte prece: "Salvador do mundo, salvae a Russia; Auxilio dos christãos, salvae a Russia; Rainha dos martyres, salvae a Russia". O Santo Padre Pio XI concedeu trezentos dias de indulgencia áquelles que repetirem a prece acima, concorrendo para que a Divina Providencia ponha termo á longa série de crimes monstruosos praticados na Russia Sovietica.

S. S. Pio XI

DR. CHRISTIANO BRASIL

O Contencioso do Banco do Brasil foi desfalcado, em beneficio do Departamento de Titulos em Liquidação, do mesmo estabelecimento de credito, da figura prestigiosa e de sympathia irradiante do dr. Christiano Brasil. Advogado notavel no nosso fôro, cercado do respeito e da confiança de uma clientela vasta e da justa admiração dos seus collegas, o novo consultor juridico do Departamento de Titulos em Liquidação do Banco do Brasil, é uma personalidade que soube impôr-se nos nossos mais altos circulos mentaes pelo seu saber e pelas suas qualidades de caracter e de coração.

Dr. Christiano Brasil.

FOMENTANDO A FRUTICULTURA

Merece um registro especial o interesse que está tomando pela fruticultura no Brasil o sr. ministro da Agricultura, dr. Lyra Castro. S. Ex. reuniu ultimamente os cultores e exportadores de frutas, afim de com elles trocar idéas a respeito. Depois dessa reunião, o Serviço de Inspecção e Fomento Agricolas officiou aos demais interessados no assumpto, pedindo suggestões sobre o modo de todos collaborarem com o Ministerio para que se melhore a producção fruticola e o seu commercio de exportação. Entre as medidas julgadas necessarias, estudou-se detidamente, entabolando-se já as negociações com as varias companhias nacionaes e estrangeiras, a reducção de fretes maritimos e ferroviarios.

Dr. Lyra Castro.

O PREFEITO DA CAPITAL BAHIANA

Prefeito Dr. Francisco Souza

A capital bahiana, a velha cidade do Salvador deve o grande surto de progresso que desfruta actualmente ao seu prefeito Dr. Francisco Souza. Engenheiro dos mais notaveis do paiz, o Dr. Francisco Souza assumindo a chefia do executivo do municipio, dedicou toda a sua capacidade realisadora, toda a sua formidavel organização de trabalho, a serviço dos interesses da communa. E em apenas dois annos de administração a cidade colonial vae sendo radicalmente transformada. O relatorio dos serviços executados pela administração do prefeito Francisco Souza, que acompanhou a mensagem enviada por S. Ex. ao Conselho Municipal, é um testemunho eloquente da acção dynamica que tem sido desenvolvida pela Prefeitura.

Dentro das possibilidades economicas do municipio, sem nenhuma operação de credito, toda a cidade foi saneada. O centro urbano e todos os bairros foram pavimentados e apresentam hoje aspecto agradavel ao visitante. Os jardins publicos foram cuidados com carinho, tendo a Prefeitura contractado um technico paysagista para esse serviço. O problema de illuminação, grandemente melhorado, está em vias de solução, com o plano geral a ser approvado por S. Ex. O serviço da Limpeza Publica está sendo feito pelos moldes mais modernos. A remodelação da collina do Bomfim, que transformou o vetusto centro de peregrinação da capital bahiana no seu mais lindo logradouro publico, basta para recommendar a admnistração do Dr. Francisco Souza.

A acção do prefeito se tem feito sentir ainda, no fomento ás iniciativas particulares que se estimulava com o desenvolvimento da cidade e disso é um indice o Bairro das Nações — o quarteirão maravilhoso que vae surgindo dos terrenos conquistados ao mar e os arranha-céos que se vão construindo nos differentes pontos da cidade. Nas paginas que seguem, os leitores terão uma prova do que affirmamos.

"O MALHO" NA BAHIA

O 2º anniversario da posse do Eng. Francisco Souza na Prefeitura Municipal da cidade do Salvador

29 DE MARÇO DE 1928 — **29 DE MARÇO DE 1930**

Palacio da Prefeitura da cidade do Salvador

Ao assumir o governo municipal e depois de examinar a situação geral da Prefeitura no tocante aos compromissos de passadas administrações, deliberou o Sr. Prefeito Francisco Souza intensificar a arrecadação das rendas com o objectivo de despender em obras e serviços de interesse collectivo a maior somma possivel sem, entretanto, deixar de attender a esses compromissos de cuja amortização estava dependente o restabelecimento do credito do primeiro municipio do Estado.

As realizações cuja synthese hoje publicamos mostram o que, nesse sentido, se tem conseguido, em dois annos de administração e sem recursos extraordinarios.

FINANÇAS MUNICIPAES

Graças ao criterio de equidade nos lançamentos dos impostos e na respectiva cobrança, a receita arrecadada em 1929 elevou-se ao total de 13.612:617.212, sem incluir as taxas relativas ao abastecimento d'agua ora a cargo do Governo do Estado e a renda da extincta Secção de Gaz e Electricidade, cujos bens e serviços foram transferidos em Maio ás companhias concessionarias da illuminação publica e da viação ferrea urbana.

O augmento da arrecadação equivale a 25,5% da renda do exercicio de 1928, o que representa um *record* e um indice promissor de desenvolvimento das rendas, como bem mostra o quadro abaixo:

	Renda annual	*Augmentos*
1925	7.614:754.961	—
1926	8.913:943.193	1.299:368.232
1927	9.901:680.123	987:736.930
1928	10.841:072.254	939:392.131
1929	13.612:617.212	2.771:544.958

Consoante as determinações do Prefeito foi, por outro lado, intensificada a cobrança da DIVIDA ACTIVA, conseguindo-se que essa renda eventual subisse a 2.018:408.159 em 1929, do que resultou um excedente de 813:408.159 em relação ao exercicio anterior.

"O MALHO" NA BAHIA

AMORTIZAÇÃO DA DIVIDA INTERNA

Desde o inicio da gestão do actual Prefeito, em 29 de Março de 1928, até Dezembro de 1929, o Thesouro Municipal effectuou, pelas verbas "Divida interna", "Exercicios findos" e creditos especiaes, os seguintes pagamentos:

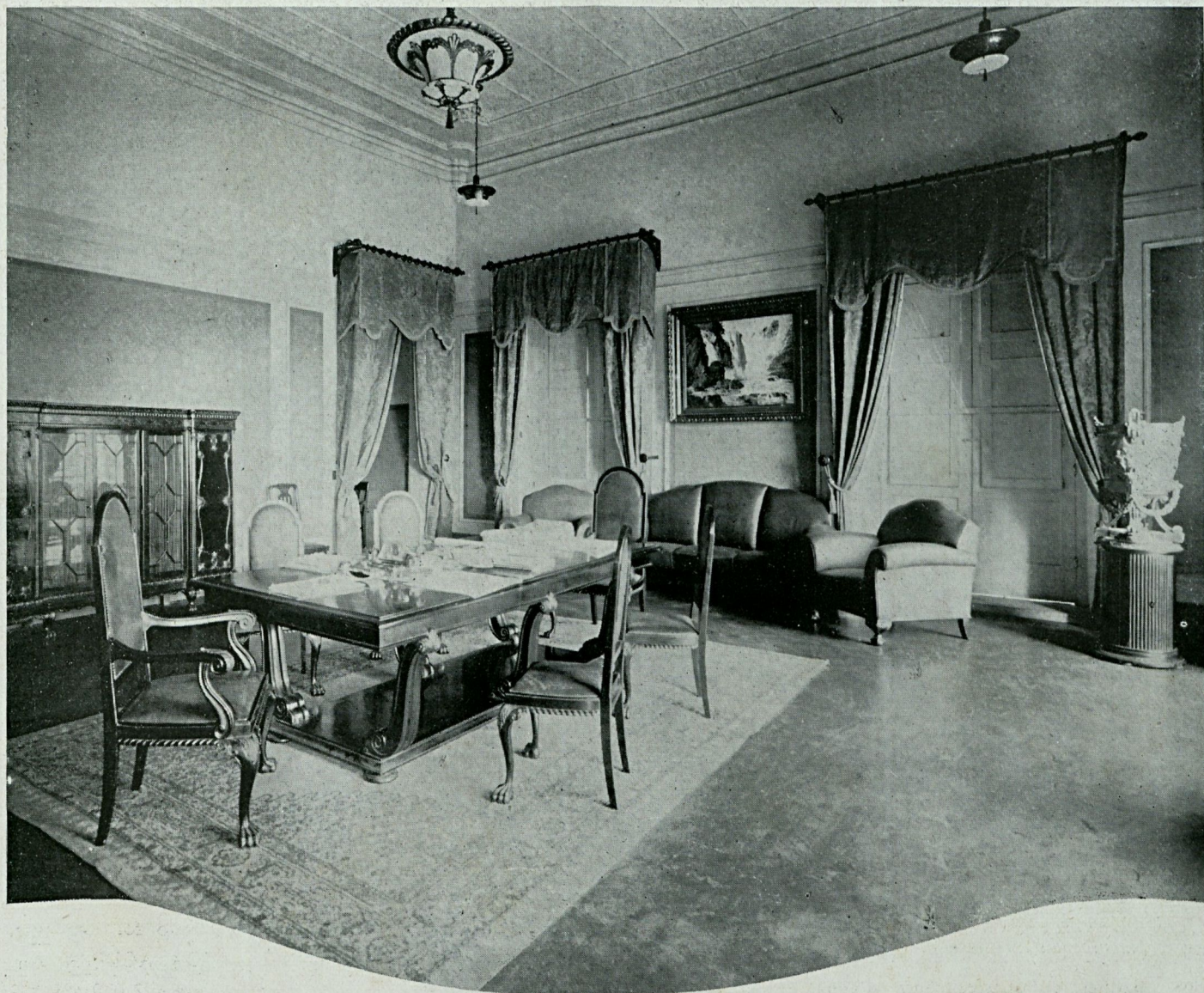
Resgate de titulos de antigas emissões	402:800.000
Resgate de apolices	65:450.000
Juros de titulos	418:629.124
Juros de apolices	44:961.660
Resgate e juros de promissorias	554:789.222
Emprestimo de 1910	124:828.426
Professorado em atrazo	1.328:670.197
Credores diversos	724:265.359
Quota recolhida ao Thesouro do Estado, referente ao emprestimo de 1914	310:000.000
Total	3.974:393.988

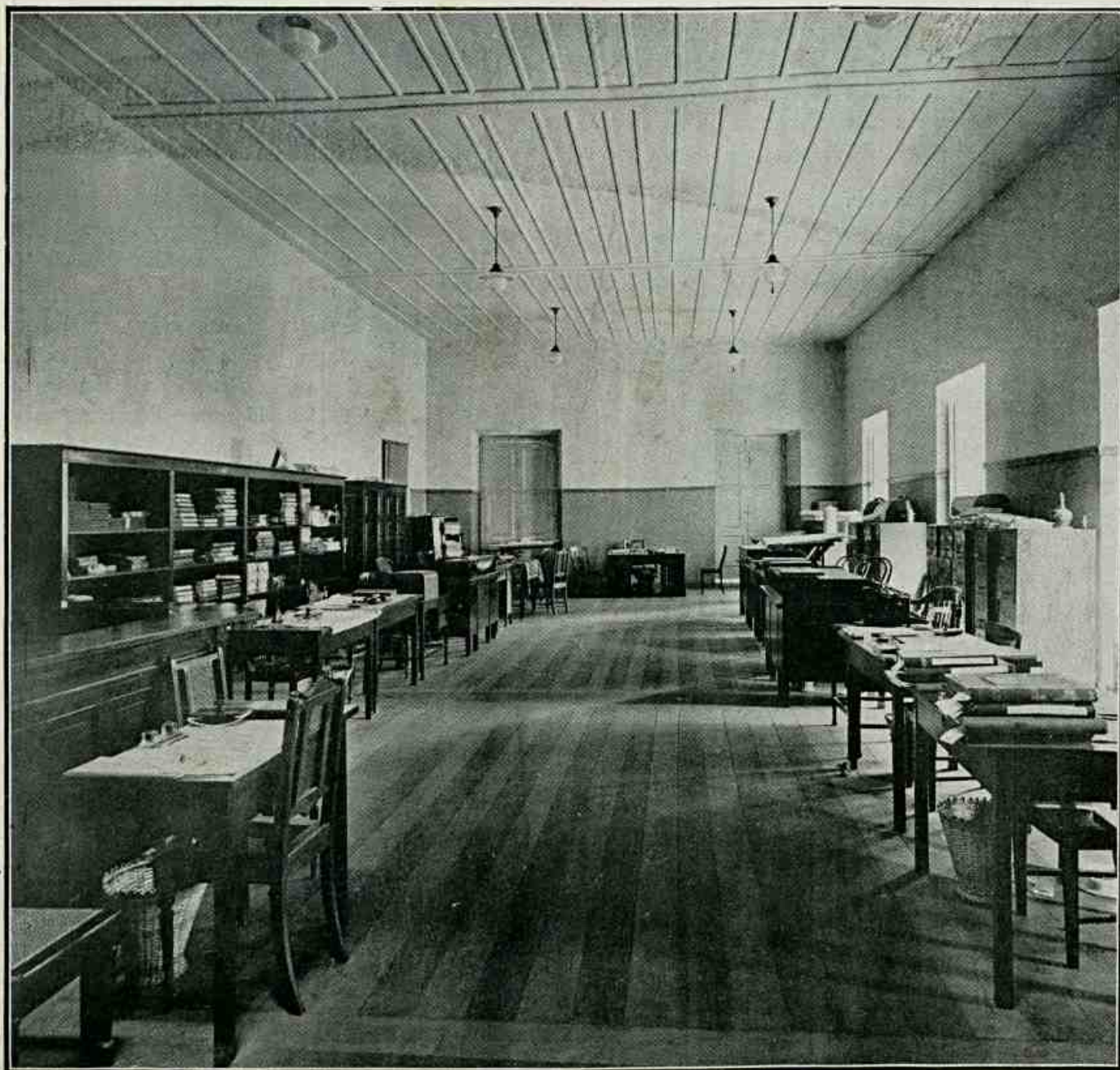
OBRAS E SERVIÇOS PUBLICOS

A verba "obras publicas", que oscillou de 400 a 800 contos no triennio 1926-1928, elevou-se a 2.500:000$000 em 1929, de accordo com a proposta orçamentaria do Prefeito Francisco Souza.

Mesmo assim, foi insufficiente para attender ao desenvolvimento das obras, tornando-se necessario um credito addicional para cobrir toda a despeza realizada no total de 4.749:796.904 durante o exercicio.

A maior parcella desta somma applicou-se á nova pavimentação da cidade, que desde Abril de 1928 a Dezembro se estendeu pelos varios districtos urbanos, abrangendo uma area total de 160.115 metros quadrados, assim distribuida:

Calçamentos de parallelepipedos		*m.²*
DISTRICTOS:	Penha	19.064 03
	Mares	20.482,87

O luxuoso gabinete do Prefeito, remodelado na administração Francisco Souza

"O MALHO" NA BAHIA

A Secretaria remodelada na actual administração

Calçamentos de parallelepipedos		m.²
DISTRICTOS:	Pilar e Conceição .	14.545 75
	Sé e S. Antonio . .	16.710,23
	Nazareth e Sant'-Anna	9.155,27
	Brotas	12.189,40
	S. Pedro	14.229,48
	Victoria	40.572,16
Calçamentos de tar-macadam:		
Districto da Victoria		6.605,95
Empedramentos concretizados		6.559,46

Outras obras foram realizadas, entre as quaes se destacam pela sua importancia as de completa remodelação da Collina e Baixada do Bomfim, o logradouro mais frequentado porque ahi se ergue o templo de N. Senhor Jesus do Bomfim, o Padroeiro da Cidade, além de ser o ponto de onde se descortina a mais bella perspectiva da velha metropole de Thomé de Souza.

Construiu-se, tambem, a rodovia da Cruz das Almas, ligando os aprazíveis bairros de Brotas e Rio Vermelho.

O Asylo de Mendicidade, custeado pela Prefeitura, e que abriga em média 240 indigentes, teve os seus serviços internos ampliados e melhorados com a reforma completa de uma das enfermarias, construcção de um necroterio, installa-

ESPIRITO DE IMITAÇÃO

Dona Tiburtina fez escola na Parahyba!

ÊTA BICHO PRETENCIOSO!

O LEÃO DO NORTE: — Não, amigo macaco, Você está redondamente enganado. Eu não dei, como você diz, o meu apoio aos seus inimigos em Princeza.

O MAÇACO: — Foi bom você me dizer isso. Porque eu já estava pensando em lhe dar muitos cascudos.

CONCERTANDO...

O MAESTRO: — Attenção! Vamos, agora, tocar a musica mais apropriada ao momento: "Vem, seu Julinho, vem"!

UM DIA DEPOIS DO OUTRO...

(Os gauchos não escondem a sua indignação por terem sido tapeados pelo Sr. Antonio Carlos.)

MANIFESTAÇÃO DE APREÇO DAS ONÇAS DOS PAMPAS AO PORCO DE MINAS

W A T E R L O O   L I B E R A L

A VOLTA DOS VENCEDORES

O Napoleão dos pampas e seu estado maior depois de terem tomado a "praça" do Cattete, regressam, ebrios de enthusiasmo, ao quartel general das forças liberaes, entoando hymnos á victoria.

O   A R S E N A L

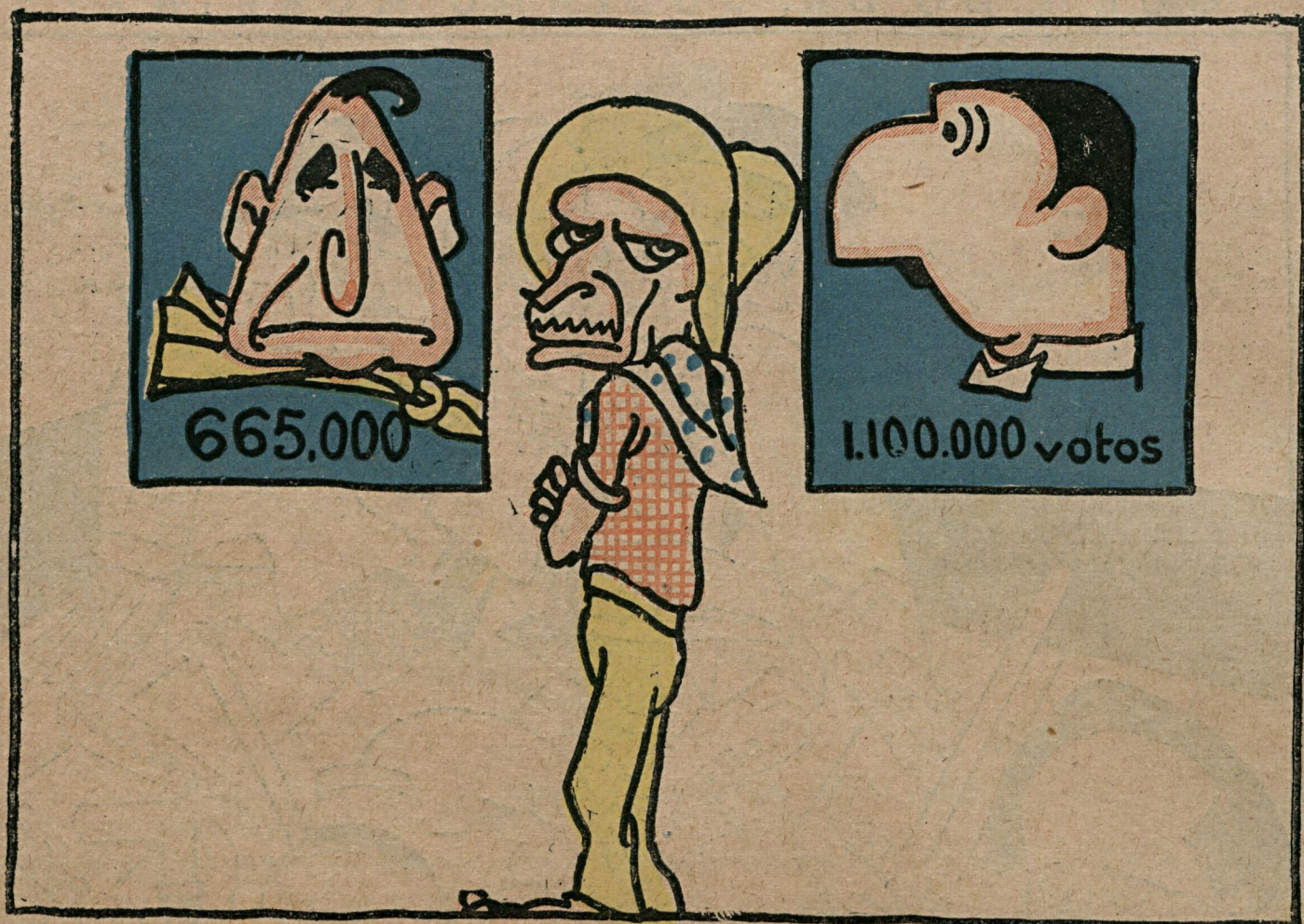
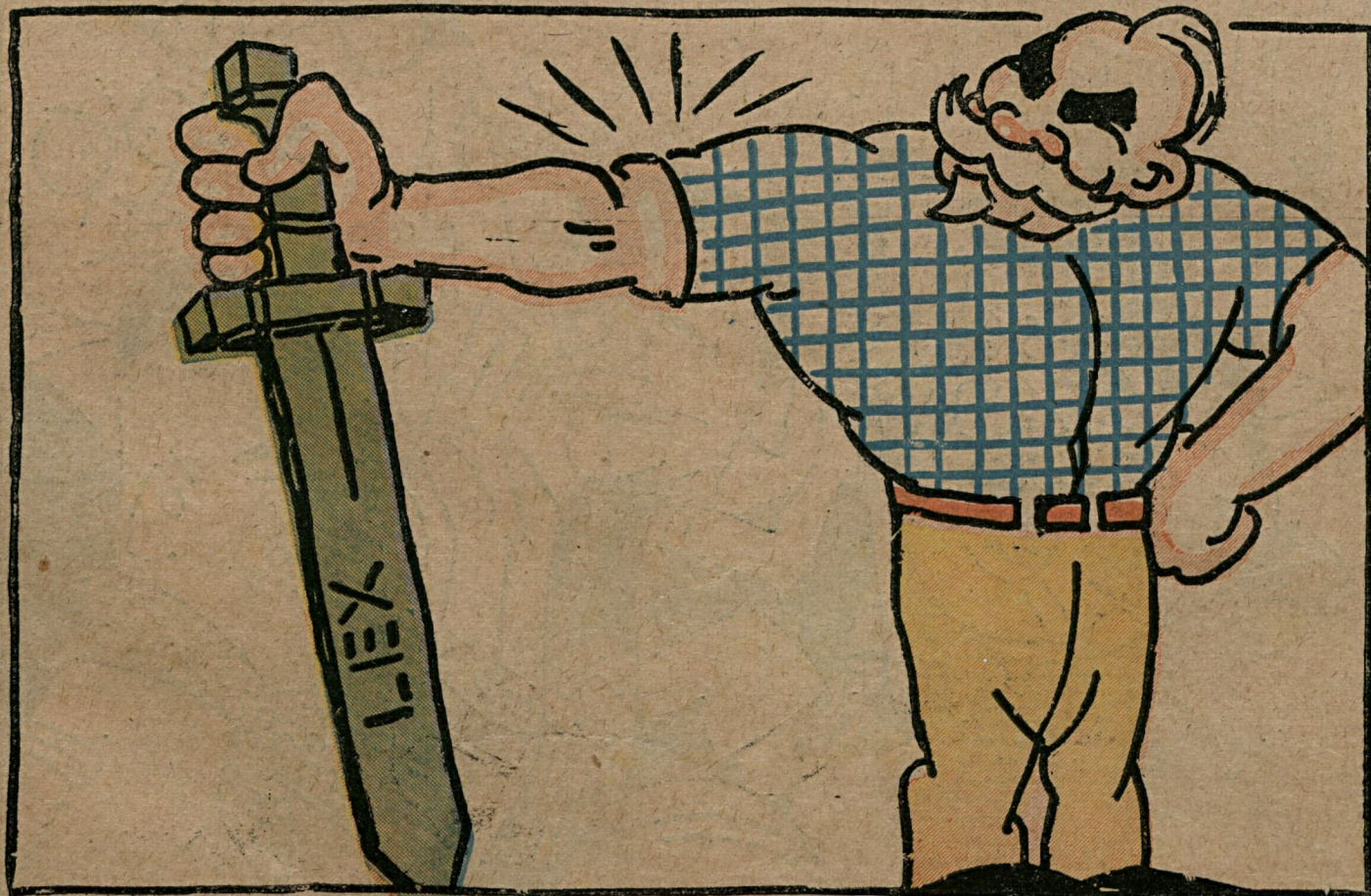
João Nanico — Mas será possivel que eu tenha, mesmo, de erguir tudo isso!

QUE É DO DR. JULIANO MOREIRA?

Em casa onde não ha votação, todos gritam e ninguem tem razão.

MAIS UMA PHRASE PERDIDA

665.000

1.100.000 votos

MINAS NÃO ELEGEU

E O RIO GRANDE DO SUL NÃO EMPOSSARA

"O MALHO" NA BAHIA

Prefeitura da cidade do Salvador — O Thesouro Municipal, remodelado na actual administração

ção de cosinha e lavanderia mecanicas, e acquisição de dois carros auto-ambulancias um dos quaes para o serviço funerario e outro destinado ao transporte de indigentes.

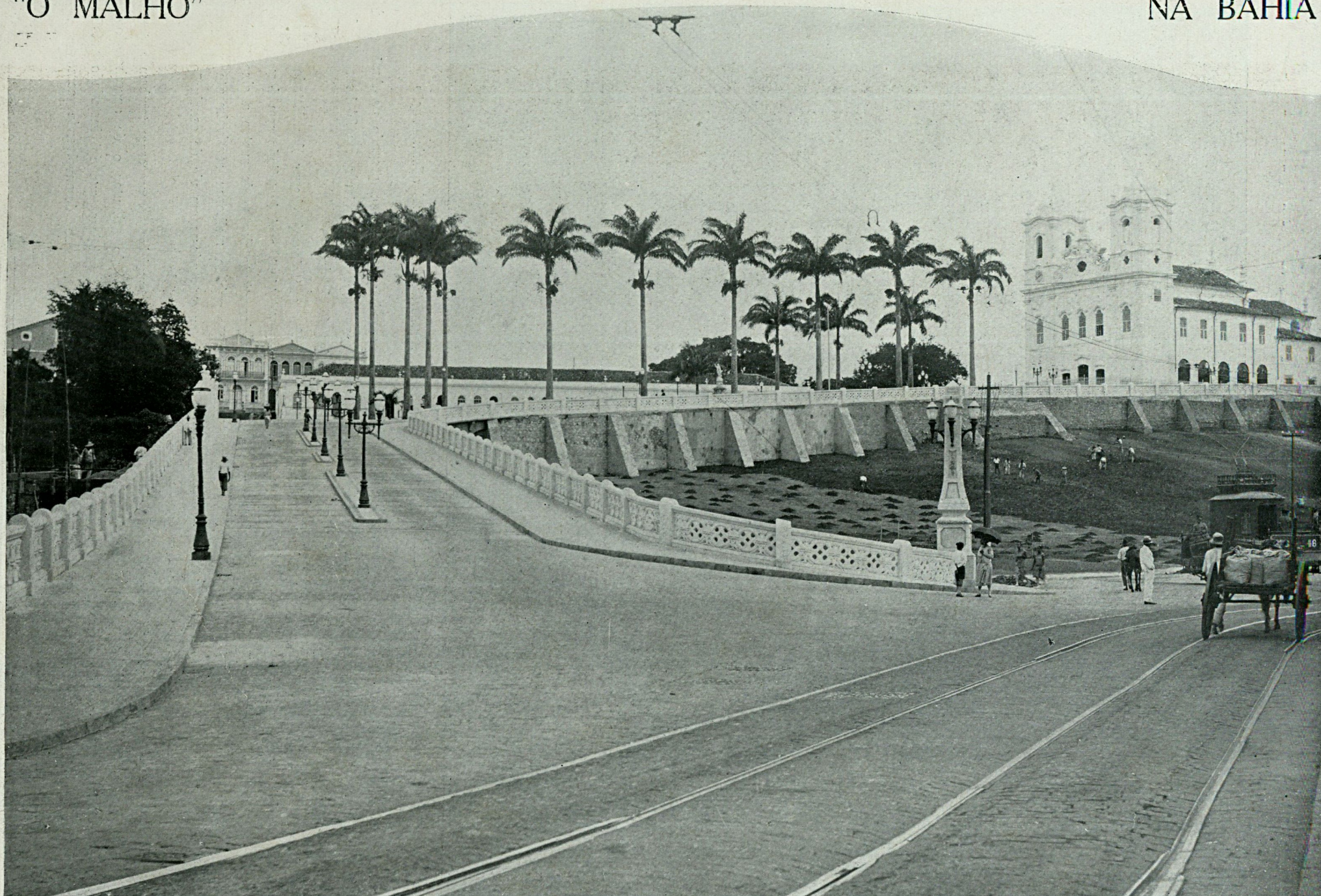
O Palacio da Prefeitura foi completamente remodelado, recebendo installação de luz do systema "Nova-lux", pinturas e mobiliarios novos, o Gabinete do Prefeito, a Secretaria e o Thesouro Municipal.

Entre os serviços municipaes em via de organização destaca-se o da Limpeza Publica, para o qual a Prefeitura adquiriu em Dezembro do anno passado trinta e dois auto-caminhões da marca Willys-Knight, providos de carrosseries de aço, apropriadas ao fim a que se destinam.

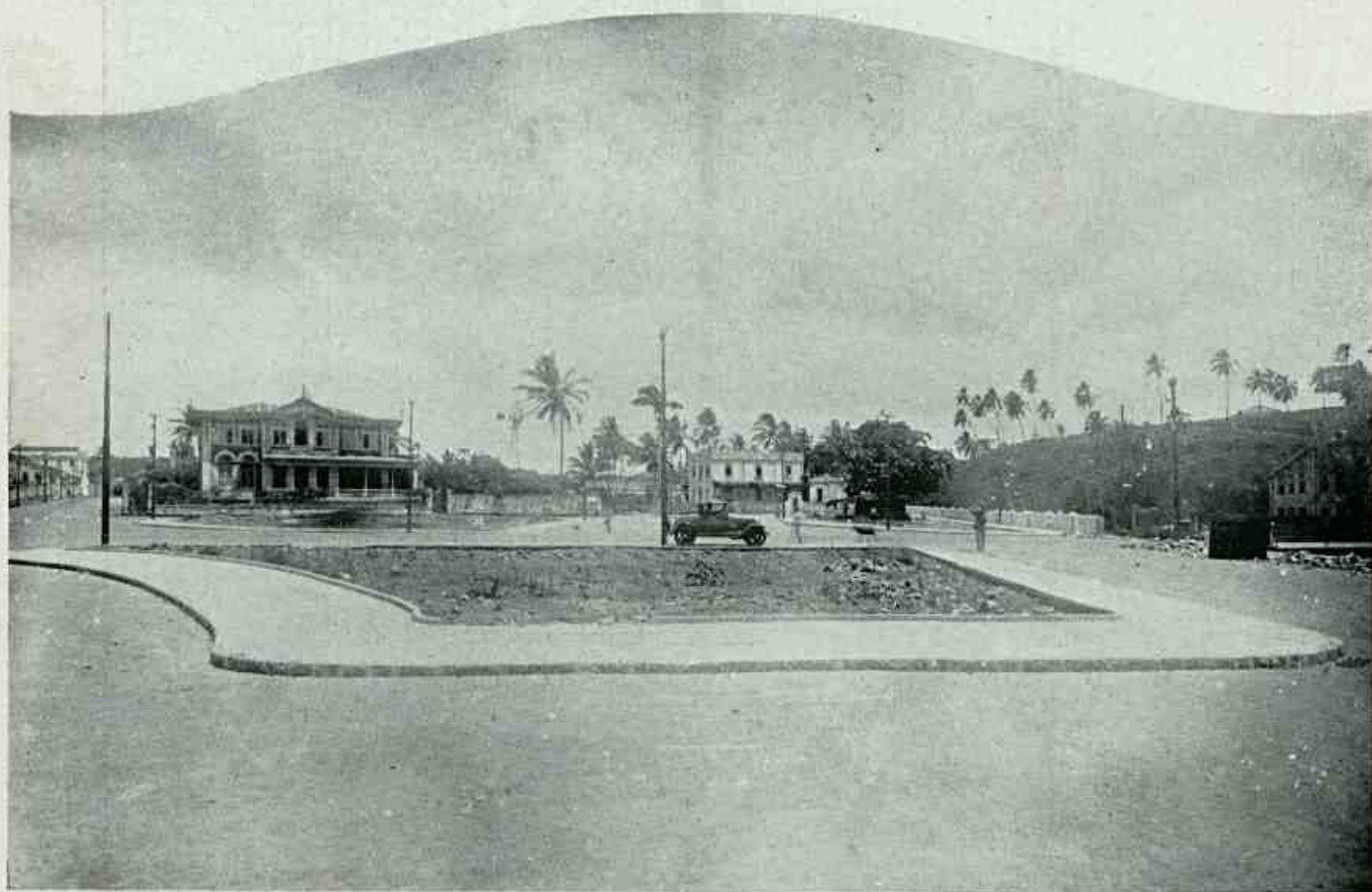
Foram contractados, tambem, o fornecimento e a installação de material para duas usinas incineratorias do lixo, do typo "Decarie", geralmente empregado na America do Norte, tendo capacidade para destruir, em 24 horas, de 180 a 250 toneladas de detrictos.

Esse material que deverá chegar dos Estados Unidos no proximo mez de Abril, será installado sem demora, para entrar em funccionamento dentro de quatro a cinco mezes.

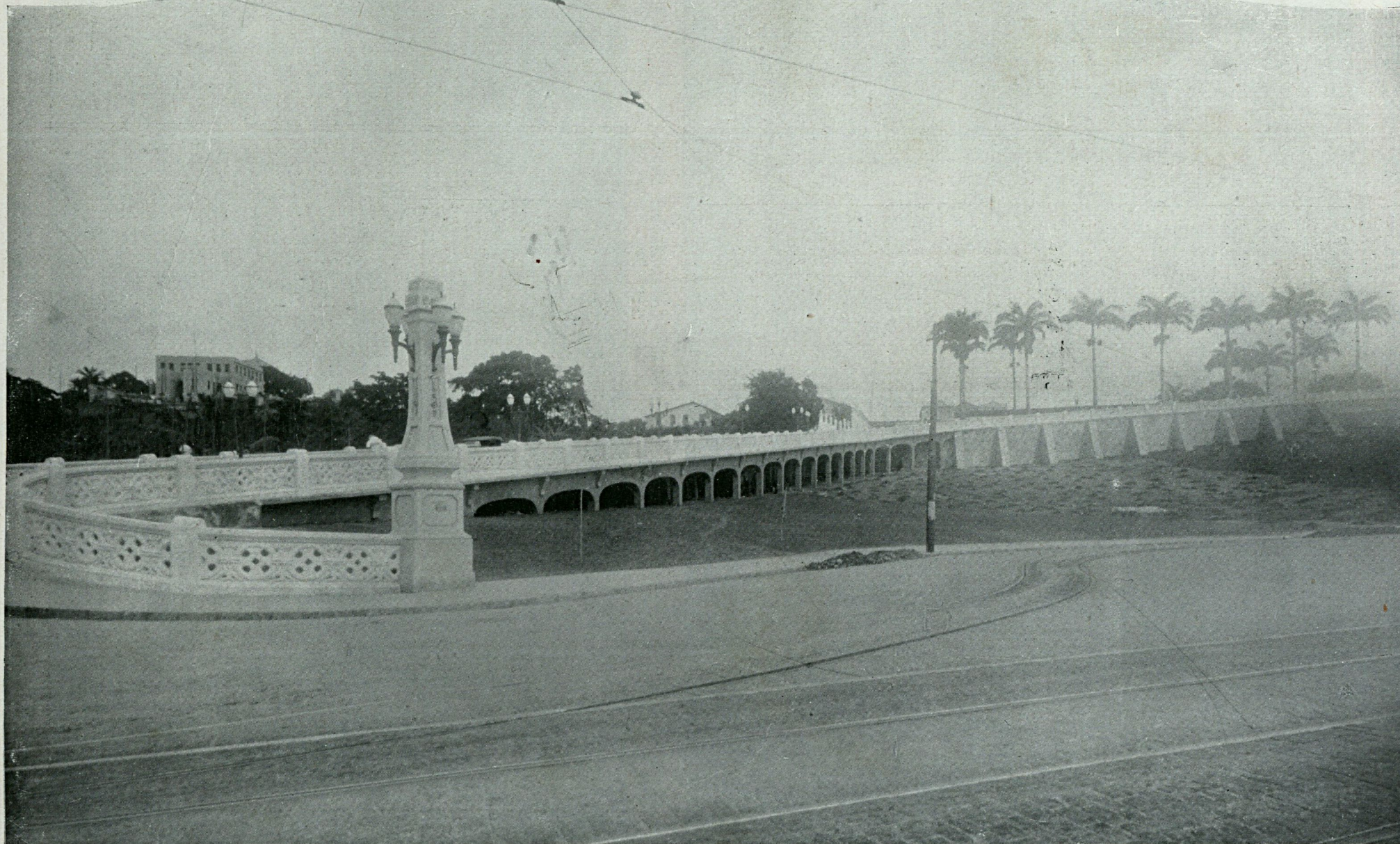
A illuminação publica melhorou sensivelmente na zona central urbana, encontrando-se em via de conclusão o plano geral pelo systema série.

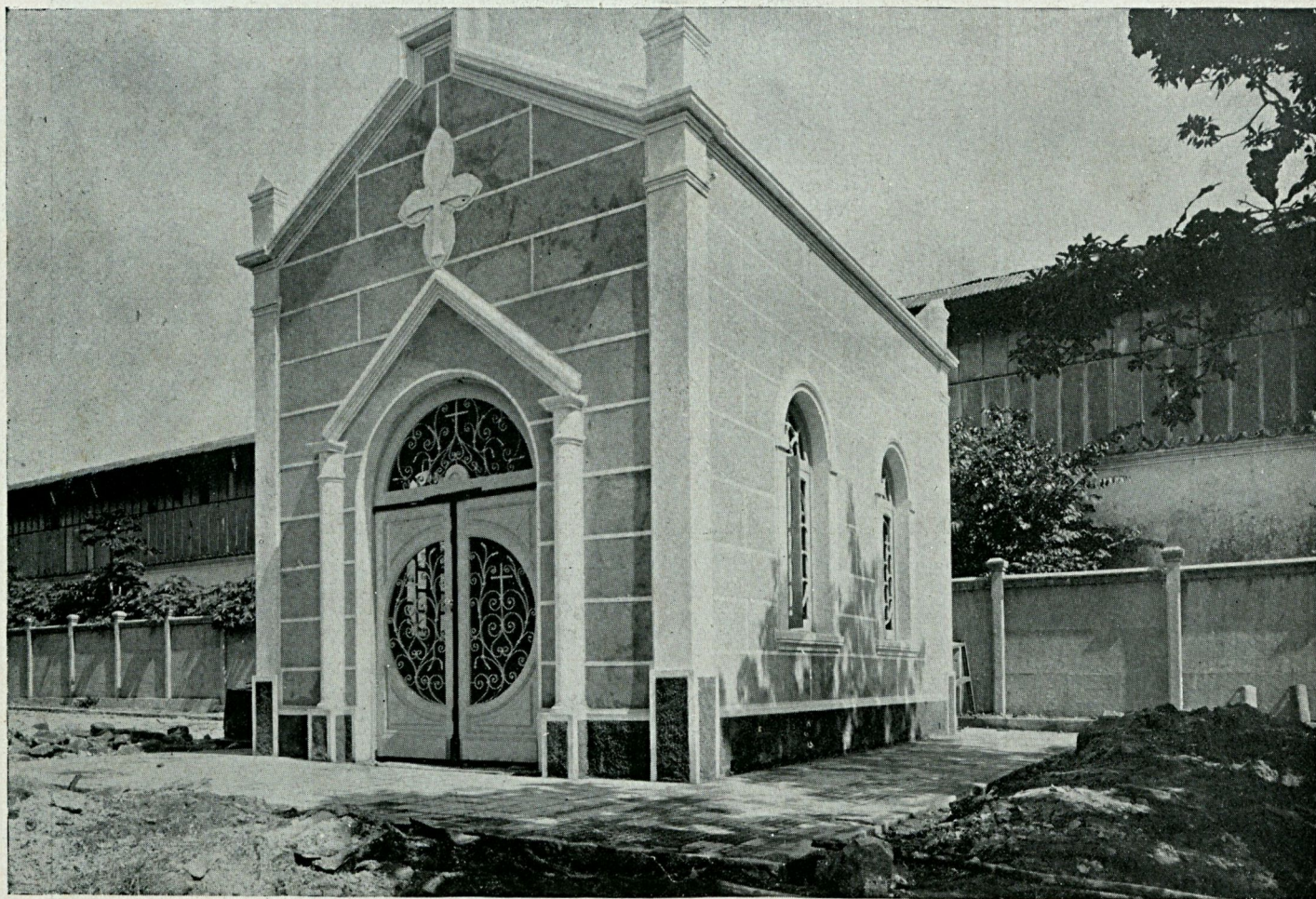
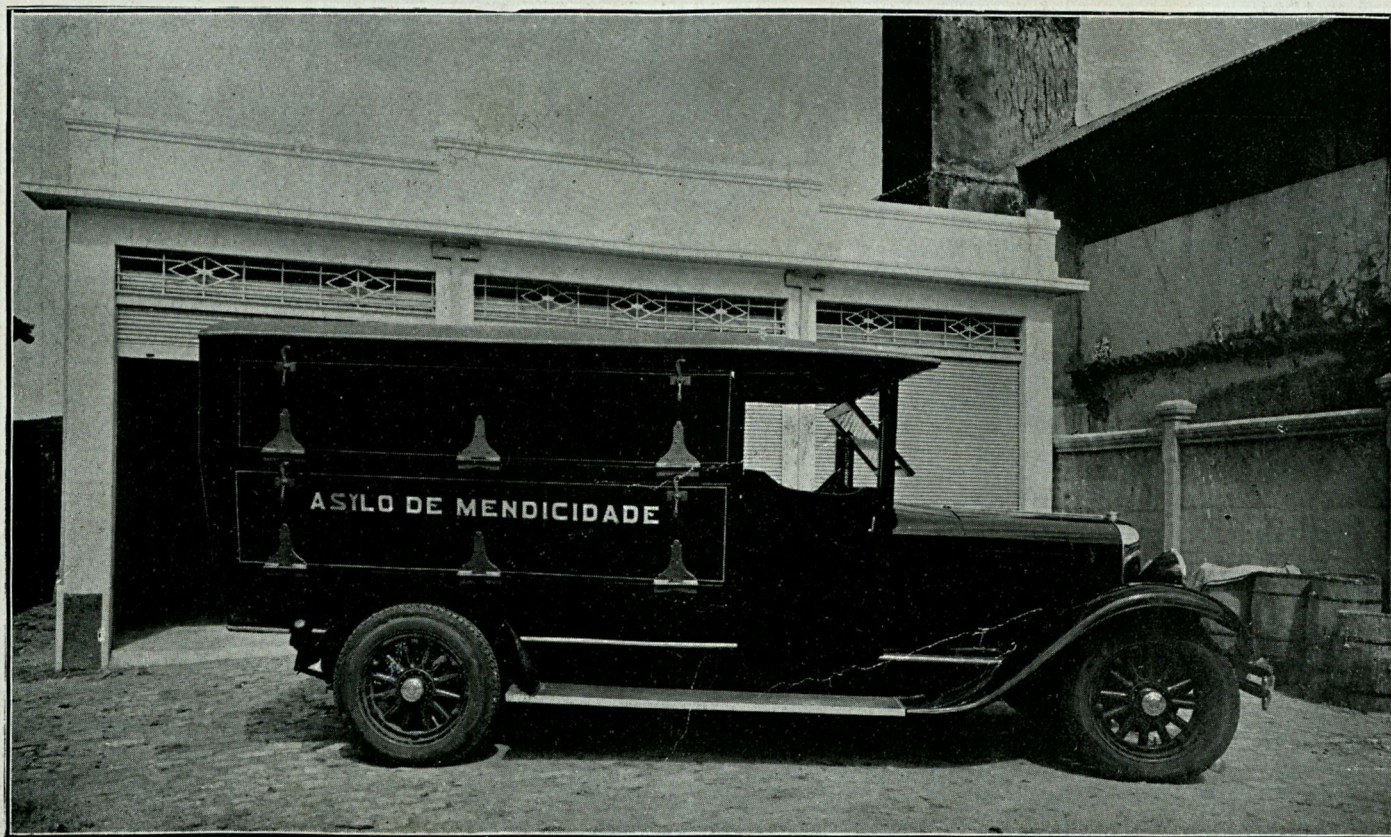
Outros serviços municipaes mereceram tambem a attenção do Prefeito, convindo salientar o de apprehensão de cães errantes nas vias publicas, que foi installado em Fevereiro de 1929 e vae se desenvolvendo como é necessario.

Obras de remodelação do Bomfim — Vista de conjuncto

O Largo do Bomfim, depois de reformado pelo actual prefeito Dr. Francisco Souza

"O MALHO" NA BAHIA

A Praça Colombo — Rio Vermelho — Obras de sua remodelação, pavimentação e ajardinamento

Estrada de rodagem ligando o arrabalde de Brotas ao Rio Vermelho, construida na actual administração municipal

29 — Março -- 1930

Viaducto de concreto armado construido para alargar-se a Ladeira do Bomfim

"O MALHO" NA BAHIA

Necroterio do Asylo de Mendicidade, construido em 1929

Novo carro funerario do Asylo de Mendicidade

AS MODERNAS REALIZAÇÕES DO COMMERCIO

A INAUGURAÇÃO DA PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA BRAGANÇA

Botafogo não perde a primazia que conquistou de bairro distincto e moderno. A evolução, que o progresso impõe, opera-se em Botafogo altiva e intelligente, aformoseando o bairro e dotando os moradores da linda parte da cidade de excellentes e confortaveis estabelecimentos que encheriam do mais justo orgulho qualquer paiz que os possuisse. Está nesse caso a Panificação e Confeitaria Bragança, inaugurada no dia 19 deste mez, á rua Voluntarios da Patria n. 318, pela acção intelligente e operosa de seus dignos proprietarios, os Srs. Luciano Augusto Rodrigues e Joaquim Teixeira da Cunha, dois valores poderosos no commercio do Brasil. Só quem assistiu á inauguração do luxuoso estabelecimento que é a Panificação e Confeitaria Bragança poderá fazer uma idéa do quanto podem a capacidade de realização e o bom gosto dos intelligentes homens de commercio que dotaram Botafogo de uma casa que, sem favor, é a primeira, no genero, da America do Sul.

A fachada do edificio da Panificação e Confeitaria Bragança, construido especialmente, á rua Voluntarios da Patria.

Ali se podem locomover á vontade um grandissimo numero de empregados, pois a extensão do salão é realmente fóra do commum. A loja é elegante e confortavel, sendo as suas armações de fino gosto artistico e moderno.

Convém notar-se que a Padaria e Confeitaria Bragança acha-se installada em magestoso predio construido especialmente para esse fim, o que explica a razão da commodidade interna do estabelecimento.

A ceremonia inaugural foi precedida da benção da casa, do que se incumbiu o Rev. Alfredo Gonçalves, vigario da Matriz de São João Baptista, que no fim, fez ligeira allocução aos convidados.

O Sr. desembargador Romeiro, na qualidade de amigo da firma, fez a saudação official, tendo sido tambem trocados outros brindes.

Os Sr. Luciano Augusto Rodrigues e Joaquim Teixeira Cunha gosam de merecidissimo conceito no aristocratico bairro de Botafogo, pois são commerciantes cuja casa ha cerca de 50 annos se achava funccionando naquella rua, no n. 276. Aos convidados foram offerecidos doces e bebidas finas em profusão, notando-se entre os presentes a maior alegria e cordialidade. Entre outras personagens de destaque notámos o Exmo. Sr. Dr. Luiz Barbosa, desembargador Romeiro, Rev. Alfredo Gonçalves e outros. No acto inaugural pelos representantes da imprensa, foi escolhida a senhorinha Maria José Ferreira para madrinha da inauguração. da Panificação e Confeitaria Bragança, estabelecimento que vae ter a preferencia dos moradores e familias de Botafogo, pois será um centro da mais requintada elegancia e dos mais completos no apparelhamento de que dispões para attender a distincta clientela.

O GRANDE INCENDIO DA SEMANA PASSADA — Fachadas dos edificios sinistrados no incendio de segunda-feira, 17, iniciado no predio em construcção de "O Jornal" e que destruiu por completo a Casa Kastrup & Emoingt, uma das mais conceituadas firmas da nossa praça.

UMA FESTA DE SYMPATHIA

O almoço que os amigos e admiradores do Dr. Mario Cabral lhe offereceram, sabbado ultimo, sahiu dos moldes communs dos banquetes politicos, para se revestir de um cunho da mais alta cordialidade, tão expontaneo o reconhecimento de todos do valor intellectual e moral do joven engenheiro, que na recente campanha eleitoral desempenhou papel de efficiencia invulgar para a victoria dos candidatos nacionaes á presoidencia e á vice-presidencia da Republica.

O Dr. Mario Cabral entre os seus amigos que o homenagearam

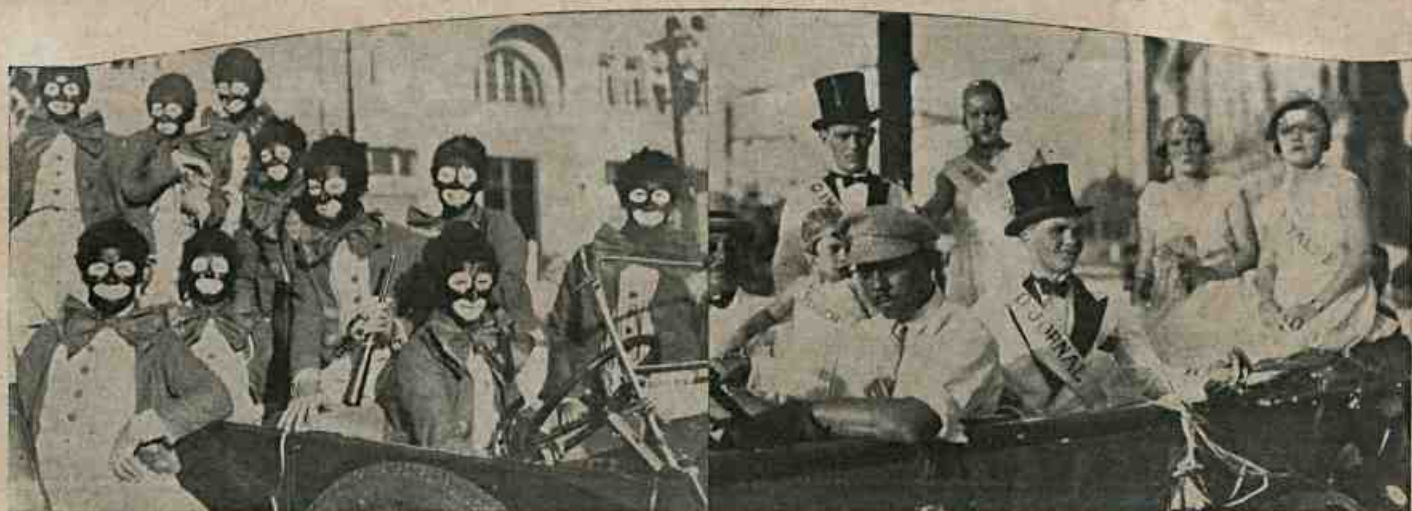
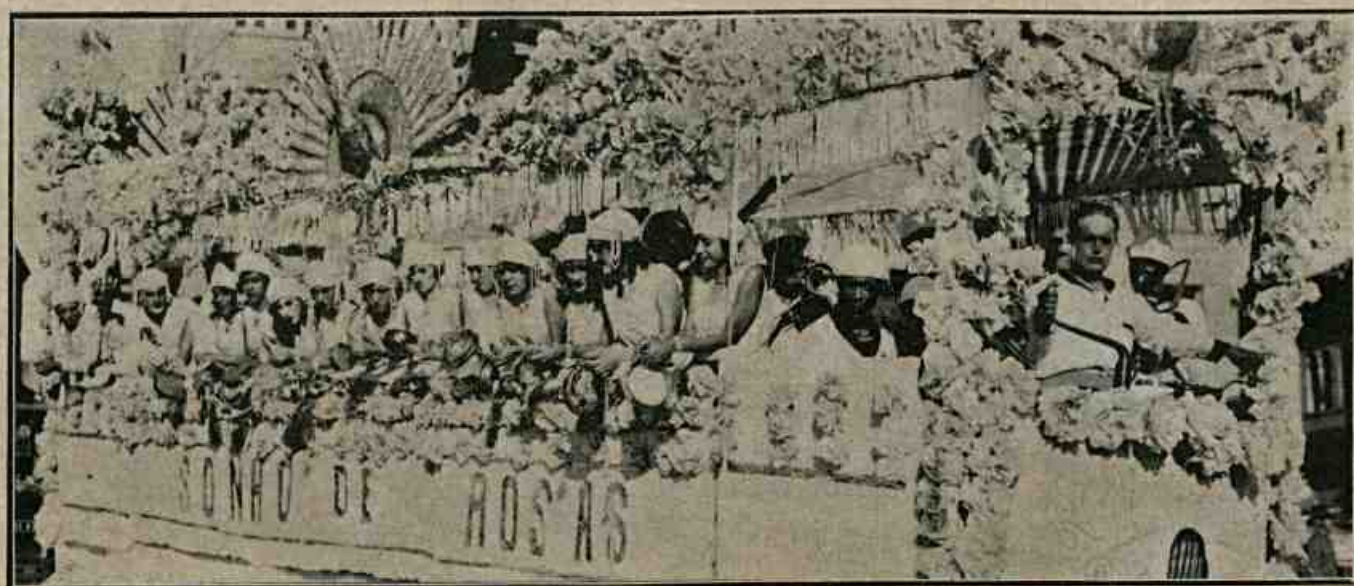
Aspecto tomado durante o banquete ao director da E. de Ferro Rio D'Ouro

SÃO PAULO — Na porta da Basilica de S. Bento, quando o Presidente Julio Prestes se retirava depois de assistir a missa em regosijo pela passagem de seu anniversario natalicio.

"O MALHO" NA BAHIA

O Dr. Vital Soares ao reassumir o governo da Bahia, assignando o respectivo compromisso legal

As eleições na capital bahiana, vendo-se o senador Miguel Calmon depois de votar na secção de Nazareth. S. Ex. está entre os professores da Faculdade de Medicina Drs. Antonio Borja e Anisio de Circundes.

O CARNAVAL NA BAHIA

Os carros dos "Liberaes" e homenagem á imprensa bahiana

O carro "Sonho de Rosas"

O carro "Quando o Amor esfria..."

LIVRO VERMELHO DOS TELEPHONES — Lista não official

Está publicada a edição para 1930 deste excellente catalogo telephonico, editado pelos Srs. M. Salaverry & Cia

Como as edições anteriores, a do corrente anno divide-se em varias secções, facilitando o encontro de qualquer endereço por uma só indicação que se tenha, como rua, profissão, numero, ou nome.

Perde-se ás vezes um tempo longo, e preciosissimo, á espera de que a telephonista attenda para informar qual é o numero da casa numero tal em determinada rua. *O Livro Vermelho dos Telephones* (Lista não official), permitte a economia desse tempo, porque basta procurar-se, na secção *Ruas* o numero do apparelho desejado, e logo se o encontra. O mesmo exemplo serve para quem, tendo apenas um numero de apparelho, deseje saber a quem elle pertence, ou em que rua e numero está Procurará, no precioso annuario dos Srs. M. Salaverry & Cia., na secção *Nomes* ou na secção *Numeros*, e obterá a informação desejada. A secção *Profissionaes* é analoga á mesma secção do catalogo commum da Telephonica.

Augmentam a utilidade do *Livro Vermelho dos Telephones* para todas as classes, todas as profissões, como para o proprio lar, duas outras secções: *Automoveis* e *Caixas Postaes*. A primeira, sabido o numero de um automovel, permitte que se saiba a quem pertence, a garage em que é guardado e até a sua marca. Faz-se prestabilissima, quando, por exemplo, um passageiro esquece um livro, uma bolsa, um objecto qualquer no taxi, como é habitual acontecer.

José Ramos da Silva, sub-official da Armada.

A secção *Caixas Postaes* não é menos util. Permitte ella que se saiba, rapidamente, com quem se ha de tratar, quando o interesse nasce de um annuncio sem outra indicação.

Aqui convem lembrar ser o *Livro Vermelho dos Telephones* a unica fonte de informação de caixas postaes de que dispomos, o que é indispensavel a todo commerciante, ou industrial.

O Livro Vermelho dos Telephones é um catalogo, uma lista *não* official, vendido nas principaes livrarias. A sua apresentação material elegante, artistica mesmo, tornam-no proprio a ser visto em qualquer escriptorio, mesmo nos aristocraticos gabinetes de estudo das residencias ricas. E tudo isto pelo insignificante preço de 20$000 o exemplar, importancia que se multiplica em lucros para o seu possuidor, que com elle evita aborrecimentos, perda de tempo e mesmo, em alguns casos, economiza dinheiro que seria gasto na falta dessas informações á mão.

Cremilda Vieira Braz - José S. de Souza Lino.

João Baptista Nogueira - Julia de Mattos.

João Pereira - Hilda da Silva Amaral.

ENLACES

Orlando Baptista Rosas — Conceição d'Avila Rosas.

Antonio Jandyroba Amaral — Etelvina Marques Teixeira.

O Malho

A resaca, na Aven'da Beira-Mar

ENTARDECER

Badala o sino,
Num tom monotono de quem não é triste nem alegre...
A tarde vae descendo, assim com uns longes de tristeza
E uns longes de alegria,
Vagamente e indefinidamente,
Deixando a gente
Numa melancolia doce... scismando tanta coisa...
alegre e triste...
Que se não define bem.
E o sino vagaroso continúa a badalar.
Os que têm Deus,
Em silencio se põem a rezar... contrictos...
E os que não têm Deus,
Em silencio se põem a meditar... tristonhos...
Pensando tanta coisa!
Na tristeza da tarde que aos poucos agoniza,
Na melancolia do sino que plange mollemente.
E aos poucos, sem que se perceba,
Séria como uma freira já velhinha,
A noite desce e o som do sino, morre, em rapida agonia,
Numa ultima nota
Angustiada e dolente...

Narciso Antonio

Matto Grosso — Zona Noroeste do Brasil — Uma creação de porcos no sertão longinquo.

Grande Concurso de Contos Brasileiros

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condicções:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todos e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fora, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS:

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	Rs. 300$000
2º "	Rs. 200$000
3º "	Rs. 100$000
4º, 5º, e 6º collocados, cada	Rs. 50$000

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para Todos", "Cinearte" ou "O Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o

„Grande Concurso de Contos Brasileiros"

Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — RIO DE JANEIRO

A mulher que inventou o mysterio

De Mattos Pinto

Illustração de MORÉL, especial para O MALHO.

artes distinctas mas que se parecem tanto pela concepção original. Para alcançal-a subia-se por uma escadaria de mosaico azul; e era de vêr a rara belleza da perspectiva, quasi imbutida no seio da terra. Quem a visse de longe, sentia a exotica illusão de que fôra erigida verticalmente e sem apoio, apenas segura nos fundos pelo guante da natureza caprichosa.

Ha, certamente, no Rio, logares, onde a riqueza e a opulencia dos encantos paysagisticos sejam maiores. Em Santa Thereza, porém, o accidentado do terreno fez mais original e peculiar a natureza, dando-lhe uma physionomia distincta. As depressões rapidas e os relevos frisantes da terra que se curva aqui e soergue-se além, sobrecarregada dos ricos "bungalows", dois faceiros "chalets", dos innumeros estylos mestiçados pala fantasia, accrescem-lhe a suggestividade.

Nesse sereno remanso morava Clara Ravasco. Quando Edgard Palhares chegou á residencia da cearense, grupos de populares palreavam pelas cercanias commentando o crime e propalando boatos extravagantes.

Commentava-se tudo e a imaginação do povo que se mostra sempre fertil em superstições, inventava origens imaginarias para explicar a tragedia. A curiosidade estampava-se nas physionomias misturando-se a uma especie de vago temor, muito commum nos acontecimentos superiores á mediocridade mental do vulgo. Era que o crime não se revestia desse romantismo amoroso e futil, que já vicia o espirito carioca habituado aos assassinios por amor. — Este teria sido ainda um crime amoroso?! Talvez! Aquella bella mulher com as capitosas côres do seu rosto morenosuave, um seio tão lindo de graciosidade e o corpo retocado pela maravilha da verdadeira formosura, — era certamente amada por algum elegante ciumento e apaixonado furioso.

O mysterio não se revelava. E, quando Edgard Palhares saltou do auto, na sua sobria elegancia de homem dado ás theorias, no vigor dos seus trinta e sete annos, o rosto sério e pensativo, — houve quem visse nelle o criminoso que vinha beijar a amante e admirar a perfeição do seu crime silencioso.

No portão que dava entrada á escadaria azul, de mosaico, um guarda impedia o ingresso dos curiosos e informava com gestos autoritarios a indiscreção das perguntas. Clara ao vel-o chorou. Estava pallida; e os lindos olhos vermelhos haviam de ter vertido copiosas e abundantissimas lagrimas. Era sincera e commovente a sua dôr. Foram então ver o morto, que se achava velado por algumas pessoas da vizinhança.

— Como foi isso, Clara?! — interrogou Palhares.

— Depois! — murmurou-lhe ella tristemente. — Você passa o dia, sim?!

Era num quarto contiguo á sala de visitas que se encontrava o cadaver. Repousava no leito do casal, amorosamente amplo e forrado de uma colcha côr de rosa, que contrastava com os lavores do linho puro e alvissimo que cobria o corpo do morto. Aos lados, seis velas lançavam a luz debil das suas flammas, que a radiante claridade do dia tornava tenue.

Algumas mulheres ajoelhadas ciciavam, compungidas e com physionomias de beatismo artificial, rezas pela supposta alma do cadaver; e os homens pelos recantos conversavam á puridade, estremando os commentarios sobre o crime com as novidades sobre os escandalos do dia, que os jornaes descobrem ultimamente com uma fecundidade sobrenatural de romancistas.

Num divan jaziam roupas ensanguentadas que attrahiam a attenção dos presentes. Era uma calça de flanella que se achava rôta na joelheira e uma camisa de setineta crême horrivelmente

...e a face do cadaver surgiu aos seus olhos horrorizados...

lacerada por mãos violentas; esta peça estava em farrapos e o sangue que a nodoava era tanto como se a tivessem tingido em tinta rubra.

Palhares ergueu tremulo a ponta da coberta e a face do cadaver surgiu aos seus olhos horrorizados como uma avernal miragem. Suggeria uma impressão tetrica. O olhar dilatado e baço que as palpebras entreabertas deixavam perceber, exprimia algo de sobrehumano. O semblante tinha um aspecto pávido e presentia-se nas linhas geraes do rosto um longo pavor; a bocca retorcida num sorrir funebre formara um rictus lugubre, mostrando os dentes immundos de babugem e de sangue que davam a impressão da dentadura rilhar num inconcebivel e infinito medo.

Emilio Ravasco era algo sympathico. Face oval e corada, barba sempre feita, bigodes negros e curtos, olhos grandes e luzidios, o todo da sua pessoa infundia sentimentos de communicação e de affabilidade. Morto, elle se tornara horrendo. O rosto tinha sido arranhado e os labios haviam se lacerado, emquanto duas eczemas zebravam a face esquerda. Não sei que assombro pairava sobre a terrivel expressão do semblante de Ravasco. Deveria ser horripilante e féra a visagem que prostrara o cearense com uma punhalada fatal. Edgard Palhares recobriu a face do morto e retirou-se um momento daquelle assustador ambiente. E fóra, no terraço onde a brisa perpassava amena na doçura da manhã excellente de sol, respirou a largos haustos a aura perfumada da verdura do morro.

Clara ao seu lado murmurava:

— Enlouqueço! Enlouqueço, Edgard!

— E' estranho! — dizia o criminalista.

Clara estava palpitante de commoção. O deliciante seio arfava ao suspiro do soluço, frisando o encanto da deslumbradora carnação do collo modelar.

— Não ha nada mais a fazer, Clara! O destino é egoista e quando fere não escolhe o coração. Fere de vez. A's vezes o golpe é atroz porque conturba e alanceia a alma, derribando-a em escuros abysmos! Mas quem pretenderá tornar piedoso o destino?!

— Não posso soffrer serena, Edgard! Nunca vi cousa tão espantosa! Não me é possivel estar calma! Sou mulher!

— Bem... — falou Palhares. — Escusemo-nos de lamentações! E' preciso agir; temos que prender o criminoso! Vingaremos Ravasco, Clara!

— O criminoso?! — volveu ella pallida e tremente. — Ninguem sabe quem foi! Ignoramos!

— Alguma cousa se ha de saber.

— Pouco! Não se conhece nada sobre o caso! Emilio foi assassinado, é o que se sabe! Como e por quem?! Eis o enigma que só a noite viu no silencio das suas trevas!

— Emfim, diga tudo! Fale sem sonegar qualquer minucia! Estou devéras intrigado com isto! Ainda hontem fui com Ravasco ao "Gloria"! Esteve sempre alegre e despreoccupado! E hoje... — morto!

— E' esquisito! — tornou Clara com o olhar luminoso de lagrimas.

— Ravasco teria algum inimigo?

— Não... — disse ella após um certo silencio. — Nunca ouvi fazer tal referencia!

— Fale! — rogou Palhares. — Como foi o acontecimento desta noite?!

Clara conteve os soluços e narrou o que sabia a proposito da tragedia. A voz sahia-lhe dos labios em uma harmonia triste com os seios palpitantes, que ainda eram rijos e fartos como nos tempos de solteira. Revelava-se a mesma mulher formosa e toda attractivos. Falou:

"— Volvendo do "Gloria", Emilio ceiou. Conversámos muito, em uma palestra intima e amavel. Seriam doze horas quando levantámos da mesa. A ceia correu sempre alegre; estava em um dos seus momentos de prazer, commentando e rindo-se sobre pequeninas cousas. Satyrizou as mulheres em suas modas modernas e exaggeradas, os vestidos curtos e leves, os cabellos cortados acima da nuca, "á la garçonne", chamando as moças de hoje de espanadores de homens! Retorqui-lhe não me lembro que ironia. Acabada a ceia, jogamos dama, ganhando eu cinco partidas e Emilio duas. Fiz-lhe ver a superioridade mental da mulher. Elle riu, dizendo: — "Grande superioridade!" Abraçou-me e ternamente me acariciou como se eu fosse naquelle momento uma conquista da Avenida e aquella ceia um "rendez-vous"... Perguntei-lhe se estava apaixonado. — "Estou!" — respondeu com uma voz profunda. Olhei-o espantada e vi que dos seus olhos cahiam lagrimas. — "Que tem você, Emilio?!" — indaguei commovida e tocada por aquella inesperada ternura do meu marido. — "Amo-te muito!" — foi o galanteio com que me respondeu. Eu sorri dizendo commigo que os homens tambem cultivam os seus mysterios. E fomos dormir."

Clara silenciou um instante. Soluçando, queixou-se do destino e maldizia a sua desdita, suggestionando-se com a realidade fatal da sina. Palhares fez-lhe ver que o mundo — como disse um certo pensador — é bom e bello; os homens, porém, o fazem máo com a sua tendencia para perverter tudo. O criminalista de Ipanema tirou um cigarro da carteira e fumou.

Clara proseguiu, mencionando detalhes:

"— Como sabe, Emilio soffria em certos tempos de insidiosa melancolia. Durante essa quadra era difficil atural-o. Tinha movimentos subitos e inexplicaveis de irritação; era como se uma satanica aragem lhe revolvesse os recondidos do corpo. Ullulava como uma fera e rugia como um louco! Uns quinze dias antes teve um dos seus accessos... Primeiro cahiu em intensa e terrivel prostração, não falando e a recusar os alimentos. Passou os dias no quarto como se estivesse invadido por alguma modorra invencivel e entorpecente. Depois se reanimou indo tratar dos seus negocios; mas ao regressar do trabalho mostrava-se nervoso e cheio de inquietude, vendo imaginarios fantasmas nos recantos da casa. Uma vez entrou batendo estrondosamente a porta a ponto de quebrar os vidros do alto. E os olhos dilatados e esgazeados — como você os viu ainda ha pouco! — pareciam presentir algum vulto invizivel. — "Que foi, Emilio?! — perguntei espantada. — "Olhe; veja aquelle homem!" Fóra, na rua, já sombreada pelo crepusculo, passeava de um lado para outro, um homem embuçado em um grosseiro e velho capote. As feições não se viam; a distancia e o capote impediam vislumbrar quem fosse. Chamei o meu marido para a refeição. Emilio pôz-se a relutar, querendo permanecer á espreita, estudando o andejar do desconhecido na rua. Emfim annuiu e veiu jantar. Voltei á janella e olhando não avistei mais o homem; o vulto desapparecera!"

Clara interrompeu a narração.

— Narro tudo isso para ver se você colhe algo de luz na penumbra que envolve a morte do meu marido! — explicou ella olhando o amigo com os seus grandes olhos pretos. — Emilio foi morto por rancoroso inimigo! Quem?! Não sei! Veja se percebe alguma cousa, Edgard!

— Os acontecimentos são assim! — replicou Palhares pensativo. — Antes de consummados, os pequenos detalhes não possuem significação; depois, as insignificantes minucias nos parecem expressivas e ligam os factos. Seu marido não soffria de *spleen;* tinha certamente remorsos. De que?! Teria Ravasco commettido alguma grave injustiça ou barbaridade, ou mesmo algum crime?! E' esta alma do drama!

Clara baixou a bella fronte desolada. Já pensara nessa hypothese, embora crendo o marido incapaz de uma villania. O destino que já fôra inexoravel, iria além desnudando erros do morto e fazendo refulgir talvez uma verdade pungitiva para a memoria de Emilio e para a saudade do seu amor!

"— Ha um anno que não dormiamos juntos... — recomeçou Clara. — Vinhamos de adoptar o uso de leitos separados. O meu aposento é um quarto grande com janella para a bahia, de onde se avista o Pão de Assucar. O de Emilio não só é pequeno, como tem apenas uma unica porta, fortissima e de massaranduba, communicando com o corredor. Você os conhece perfeitamente... Na ceia, de subito Emilio empallideceu e fez-me esta pergunta: — "Não ouviu um ruido como de uma porta que se abre?" — "Não!" — respondi. Parece-me que em verdade ouvi um ruido, uma especie de ringir de portas, ou o rumor de malas que se fechassem. Mas não liguei a minima importancia ao caso... Meu marido era

(*Continúa no proximo numero*)

LIVROS RECEBIDOS

O MATUTO CEARENSE E O CABOCLO DO PARA' — José Carvalho — Pará — 1930.

E' mais um livro, cujo sub-titulo esclarece a materia de que trata, tão da affeição dos escriptores contemporaneos: *Contribuição ao folk-lore nacional.* Não se adstringiu o autor, como varios outros que o antecederam no assumpto, á difusão da poesia, ou do linguajar do sertão patrio. Entregou-se a tarefa mais séria, mais profunda, qual seja o estudo comparativo do matuto do Ceará e do caboclo do Pará, analysando-lhes os meios em que vivem ambos, os seus pendores, a sua physionomia moral, os contrastes que paradoxalmente os une e harmoniza na faina homerica do desbravamento da Amazonia. E não perde, de intermeio a esse estudo critico, a opportunidade de publicar cousas realmente ineditas, e interessantes, do *folk-lore* cearense como do paraense, resaltando-lhes as bellezas.

O Sr. José Carvalho não é um novo nas nossas letras. O seu primeiro trabalho publicado — *Perfis Sertanejos* — Costumes do Ceará, foi editado ainda pela Padaria Espiritual, de Fortaleza, em 1897.

Desde então, embora profissionalmente dedicado á vida forense, quasi de anno em anno publicou algum escripto literario apreciavel, em versos ou em prosa, mas sempre com o espirito voltado para os costumes e as lendas da nossa gente.

O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará justifica o seu sub-titulo perfeitamente. E' uma contribuição, e das mais brilhantes e valiosas, vasada em boa grammatica e estylo ameno, ao *folk-lore* brasileiro.

VIDA DE CASERNA

A primeira cousa que faz o alumno da Escola Militar, quando mettido a conquistador, é não dar o mesmo nome ás moças que lhes são apresentadas.

Não é por ser feio, mas sim, para não se tornar muito conhecido. Assim, só num suburbio, o "bromil", (como se chama o conquistador na escola) póde ter uma duzia ou mais de pequenas! Mas, quando dá o supposto nome, faz tudo para não cahir em contradicção. Annos atraz, um grupo de alumnos foi á uma festa na ilha do Governador. Um delles, num "flirt" que fez deu á pequena, o nome de Paulo. Conversa vae, conversa vem, foram sentar-se no jardim da casa, e como a noite estava bella, a palestra se encaminhou para o lado da poesia. Elle recitou *Ouvir estrellas*, de Bilac; ella disse uotros, até que referindo-se a uma poesia muito conhecida, e talvez ligando o nome á pessoa do collega, diz-lhe:

— Paulo! Paulo! és amigo de minha mãe?

Paulo, meu Paulo, és amigo de minha mãe!

E não terminou a quadra, porque o alumno, muito nervoso, lhe respondeu:

— Eu? Pois se é a primeira vez que venho á ilha, como já posso ser amigo da tua mãe? Nunca a vi mais gorda...

YRA.

SO' DEUS!...

"— P'ra fazê milagre, não
tem cumo os santo! Capaiz!...
Oi, só: Santo Onofre é bão
p'ra dá dinhêro. São Bráiz,

p'ra curá o ingasgo mais
disgranhado. São Damião
p'ra tirá cagueira...
— Mais,
se é ansim, me arresponda, intão:

P'ra amansá o genio agreste
das sogra, nhô Antão, exéste
argum santo milagroso?

— Santo num fáiz tar milagre.
P'ra isso, só Deus, nhô Zé Bagre:
Elle é o Todo Poderoso".

(S. Paulo)

Fontoura Costa

Musicas e Discos

OUVERTURE

Ha dois numeros passados, commentámos nesta secção uma nota inserta pelos nossos confrades do "Correio da Manhã", submettida ao titulo de "A Polydor em Portugal", na qual se attribuia ao maestro Sá Pereira a autoria da canção "Casinha da Collina", que, como por varias vezes temos affirmado, não lhe pertence.

Agora, segundo fomos informados, a "Casa Edison" vae mover uma acção contra a "Polydor", por motivo das gravações que os nossos alludidos confrades registraram na sua bem feita secção de discos.

O caso é o seguinte:

Os actores Salles Ribeiro e Fernando Pereira, componentes da Companhia Portugueza de Comedias de que é estrella a sra. Amelia Rey Collaço e de que é primeiro actor o sr. Robles Monteiro, os quaes aqui estiveram recentemente com o referido conjunto, regressando a Lisboa, alli imprimiram, sem autorização quer dos autores, quer dos detentores dos direitos autoraes, varias composições nacionaes de grande successo.

Sob o ponto de vista da propaganda da musica brasileira, é fóra de duvida que sómente louvores merecem os artistas lusos, se essa é que foi a intenção de ambos.

Mas o idealismo é uma cousa tão posta á margem, actualmente, em particular entre os artistas, que logo se percebe a finalidade financeira de semelhante propaganda...

Enxergando na producção nacional uma boa fonte não explorada de receita, o tenor Salles Ribeiro mal chegou á sua patria gravou logo, além da "Casinha da Collina", o maxixe "Pinião, Pinião", dando como autor deste o sr. "A. da Mauricéa", quando se trata de um motivo popular divulgado pelo conjunto typico "Turunas da Mauricéa"; a canção de Freire Junior "Malandrinha", o moxixe de Calazans "Meu Sabiá", a canção de Magalhães da Silva intitulada "Confissão", a canção sertaneja de Catullo Cearense "Luar do Sertão", outra canção de Catullo sob o nome de "Chôro e Poesia" e varias outras musicas nossas.

O sr. Fernando Pereira, menos ambicioso, gravou sómente "A Canção da Guitarra", de Marcello Tupinambá.

De nenhuma dessas composições, porém, conforme dissemos atraz, tinham os mesmos autorização nem das casas que compraram os direitos autoraes, nem dos proprios autores, o que evidencia a má fé desses festejados artistas, que, não contentes de virem ao Brasil e ganharem dinheiro nas suas excursões theatraes, ainda sahem levando ás escondidas aquillo que não lhes pertence...

Felizmente, ao que parece, a "Casa Edison" vae levar o apito á bocca, defendendo os seus intresses e os dos artistas nacionaes.

UMA PARODIA DE "GARUFA"

Alfredo Albuquerque é um dos artistas comicos nacionaes dos mais apreciados e de maior publico. Os seus discos, reflectindo os successos por elle alcançados no palco, alcançam sempre optimas tiragens, demonstrando o conceito, gosado pelo artista. Mas Alfredo Albuquerque não é só o interprete engraçado de que o publico tanto gosta. E' tambem o autor intellectual da maior parte dos sus numeros, dentro dos quaes se sente melhor que nos numeros alheios, pois naquelles, como é natural, aproveita todos os effeitos que lhe são particularmente vantajosos. A ultima chapa produzida por esse excellente comico, por exemplo, é da sua autoria, e encerra uma parodia muito bem feita do sensacional tango "Garufa", subordinada ao titulo nacionalissimo de "Cabrocha". Ha, na letra, uma verdadeira caricatura. No reverso da chappa em que "Cabrocha" se acha impressa, a qual é da "Odeon" e tem o n. 10.582, acha-se a cançonetta "Ai, João!", tambem gravada por Alfredo Albuquerque.

AINDA "CASA DE CABÔCO"

Ao que fomos informados, a actriz brasileira Itala Ferreira, que se encontra na Argentina como "estrella" da "Companhia Tró-ló-ló", alli gravou a canção "Casa de Cabôco", letra de Luiz Peixoto e musica de d. Chiquinha Gonzaga, tambem sem ter para tanto autorização das partes interessadas. Estas, como é natural, vão mover acção contra a fabrica que acceitou essa composição indevidamente, fiada, talvez, na palavra da actriz Itala Ferreira. Quando será que os artistas se convencerão de que a honestidade é a melhor esperteza da época?

HECKEL TAVARES NA "COLUMBIA"

A poderosa fabrica productora de discos "Columbia" firmou com Heckel Tavares um importante contracto, reservando para as suas chapas a exclusividade das producções desse festejado autor. Depois desse contracto, Heckel já produziu as seguintes peças para a "Columbia": "Dansa do Cobôco", folk-lore, e "O Carreiro", canção, cantadas por Januario de Oliveira, editadas no disco 5.139-B; "Lavandeirinha", canção, e "Os ôinhos della", tambem canção, com letra de Josué de Barros, editadas no disco 5.140-B; "Mamãizinha que está no céu", sobre versos de Alvaro Moreyra, e "Na minha terra tem", editadas no disco 5.142-B; "Azulão" e "Engenho Novo", editadas no disco 5.141-B; "Que será de mim", samba, e "Olha o pingo", embolada, estas duas peças cantadas por Januario de Oliveira, editadas no disco 5.152-B. Dentro em breve, a "Columbia" lançará varios discos de Heckel Tavares.

"BURUCUTUM", DA "VICTOR"

Dos discos carnavalescos lançados pela "Victor", o samba "Burucutum", apezar de não ter conseguido popularidade, é um dos melhores e mais caracteristicos, tendo, mesmo, um profundo traço de originalidade. Foi cantado pela joven "estrella" da nossa phonographia, senhorita Carmen Miranda, a creadora de "Yôyô, Yáyá", a que temos rendido tantos elogios. "Burucutum" é da autoria de J. Curangi e tem a seguinte letra:

"Foi, foi, foi o destino
Que nos quiz indicar
A Colombina
Para comnosco brincar. (bis).

Estribilho

Burucutum
Isto dê no quedér,
Gozar a folia
Não é p'ra qualquer.
Burucutum,
Venta lá, venta cá,
Si ha differença
Desmancha-se já.

Nesta chula de amor
Que seduz a qualquer
E predomina
O riso ideal da mulher". (bis)

A gravação desse samba foi feita pela "Victor" na chapa 33.259.

NOVOS DISCOS "BRUNSWICH"

100.020 e 10.21 são os numeros de discos que a "Brunswich" vem de lançar no mercado phonographico, com grande successo. Tratam-se de producções de Marcello Tupinambá, esse fecundo e sempre novo compositor nacional, que nelles tem impressas as canções "Soldadinhos de Chumbo", com letra de Galba de Paiva, "Canção Marinha", com letra de M. de Andrade, "Olhos Venenosos", com letra de F. M. A. (pseudonymo de alguem que assigna "Femea"?) e "Canção", com letra de A. Guimarães. Todas essas composições foram acompanhadas pelo "Conjunto Typico Brasileiro", que sempre actua nas gravações da "Brunswich".

"A MULHER E A CARROÇA"

"João de Barros", pseudonymo, com certeza, de algum musicista "doublé" de escriptor, escreveu sob o titulo de "A Mulher e a Carroça", um samba que basta a letra para merecer a compra immediata. São versos admiraveis, no genero, e, caso sejam rigorosamente originaes, bastam para consagrar poeta, de facto, o seu autor. Ahi seguem elles:

""A mulher e a carroça
Têm igualdades sem par,
Querem que prove o que digo?
Ouçam que vou explicar:

Ellas tem uma igualdade,
Pela qual dois se consomem
Uma é a carga do burro,
Outra, é a carga do homem!

A mulher e a carroça,
Podem serviços prestar,

Mas sem um burro que as puxe
Ficam no mesmo logar!

E' bem difficil, as duas
Passarem sem descahida,
Uma, nas curvas da estrada,
Outra, nas curvas da vida.

Depois, quando ficam velhas,
Uma vae aos solavancos,
A outra com o rheumatismo,
Anda aos trancos e barrancos.

Só numa cousa na vida,
Ellas não são bem iguaes:
As mulheres vão na frente,
Os "burros" que vão atraz".

"A mulher e a carroça já está gravado em discos "Parlophon" pelo "Bando dos Tangarás", com o concurso de Almirante.

INFORMAÇÕES

Que lindas valsas! "Dance away the nith", do "film" sonoro "Casados em Hollywood", e "Goto bed", do "fidm" tambem sonoro "The Gold diggers of Broadway", que não sabemos como será traduzido, aqui, pelos nossos exhibidores, fórmam um disco primoroso. Não se sabe qual dellas é mais encantadora! A chapa em que ellas se encontram é "Odeon" n. 1.648, gravação estrangeira.

— "Minha viola", canção de Plinio de Britto, e "Coração de Cabrocha", toada de R. Montenegro, é a dupla que occupou os dois lados da chapa "Victor" n. 33.264. Cantou ambas as peças a senhorita Jesy Barbosa, que, como sempre, faz jús aos mais francos elogios.

— A nossa collega "Cruzeiro" promoveu um concurso de musicas carnavalescas que obteve grande successo. Agora, apparecem gravadas em discos "Columbia" as composições classificadas nesse certamen. São ellas: "Bota o feijão no fogo", de Lamartine Babo, 1º premio; "Eu sou do amor", 2º premio, marcha de Yvonne Arantes (hoje esposa de Ary Barroso, que por sua vez, tirou o 1º premio do concurso da "Casa Edison", com "Dá nella!"); "Macumba da Mangueira", samba de Henrique Feret, 3º premio; e "Cresça e appareça", marcha de rancho de Zoel Gomes, 4º premio. Os numeros das chapas são 5.187-B e 5.188-B.

— Cecy (Fortaleza) — "A voz do violão" está gravada no disco "Odeon" n. 10.509 e tem a seguinte letra:

I

"Não queiras, meu amor, saber da magua
Que sinto quando a relembrar-te estou,
Attestam-te os meus olhos rasos d'agua
A dôr que a tua ausencia me causou.
Saudades infinitas me devoram,
Lembranças do teu vulto que... nem sei!
Meus olhos incessantemente choram
As horas de prazer que já gosei.

Estribilho

Porém neste abandono interminavel
No espinho de tão negra solidão,
Eu tenho um companheiro inseparavel
Na voz do meu plangente violão.

II

Deixaste-me sozinho e lá, distante,
Alheia á immensidão de minha dôr,
Esqueces que ainda um peito amante
Que chora o teu carinho seductor.
No azul sem fim do espaço illuminado,
Ao léo do vento frio se desfaz
A queixa deste amor desesperado
Que o peito em mil pedaços me desfaz".

A musica é assignada por Francisco Alves e a letra por Horacio de Campos.

"ESCRAVO" (S. Paulo) — Disco "Odeon" 10.477, cantado por Alda Verona, musica de Marcello Guaycurús e letra de Bernardo Guimarães, eis as informações que lhe podemos dar sobre a valsa "A Escrava Isaura". Serve de thema a um *film* nacional. A letra é a seguinte:

I

"Desde o berço respirando
Os ares da escravidão,
Como semente lançada — (Bis)
Em terra de maldição
A vida passo chorando — (Bis)
Minha triste condição.

II

Os meus braços estão presos
A ninguem posso abraçar,
Nem meus labios nem meus olhos — (Bis)
Não podem de amor falar
Deu-me Deus um coração — (Bis)
Sómente para penar...

I

O ar livre das campinas
Seu perfume exhala a flôr
Canta a aura em liberdade — (Bis)
Do bosque o alado cantor
Só para a pobre captiva — (Bis)
Não ha canções nem amor...

II

Cala-te, pobre captiva,
Teus queixumes crimes são
E' uma afronta esse canto — (Bis)
Que exprime tua afflicção
A vida não te pertence — (Bis)
Não é teu, teu coração..."

— J. B. S. (Rio) — Stefana de Macedo não é autora nem da letra, nem da musica de "Stella"! Os versos, admiraveis aliás, pertencem ao grande poeta pernambucano Adelmar Tavares. Foi uma contrafacção o "arranjo" posto na etiqueta. A "Columbia", por signal, não gostou da brincadeira, pois teve que pagar uma indemnização. Não sabemos de quem foi a culpa...

TOM REO

HOMEM!

Homem! — Ludro molosso equipollente ao esputo
grassento, que o deixou, em busca dos abysmos
insondaveis do Mundo! Heroe de symbolismos,
cujos fragmentos são, de ha muito, o pranto e o lucto!

Homem! — Filho do orgasmo, orgiaco, polluto
da Carne! Infimo trasgo á lei dos synchronismos
sujeito! Oppugnador atroz de syncretismos —
dos quaes se diz um Grande Imigo resoluto!

Homem! — Protase vil dos pathologicos dramas
das Raças! Fructidor da Arvore má dos tramas
urdidos pela voz da Natureza inteira!

Homem! — Simples microbio opinativo; miasma
da Ironia, — que, assim qual negro protoplasma,
habita o sêr de quem, um dia, ha-de ser poeira...

(Do "Terra de Ninguem")

Jayme de Sant'Iago

CANTANDO

Minha alma vôa pelo espaço em fóra
Quando contemplo o seu olhar altivo;
E fico preso, estatico, captivo,
Ante o sorriso que o seu labio emflora.

Palpita o coração num incentivo,
Ouvindo a sua voz que em mim arvora
Essa paixão, em resplendente aurora,
Essa amizade para a qual eu vivo.

Se ao longe avisto o seu esguio porte,
Meu coração em languido transporte
Vôa á seus pés, em fervorosa prece...

Tudo no mundo em ti se me resume!
— Vivendo deste amor que não fenece,
Embriagando-me assim no teu perfume.

De Antonio Mendes de Menezes

1427

29

MARÇO

1930

SECÇÃO CHARADISTICA, DIRIGIDA POR MARECHAL

"TAÇA MARIA-FLOR" — 2ª SERIE — MARÇO E ABRIL

TODA CORRESPONDENCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO, DEVE SER ENDEREÇADA A MARECHAL — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

CHARADA SEM ARTE, SEM O CAPRICHO DA FÓRMA, NÃO É CHARADA

RESULTADO DO N. 1.427

DECIFRADARES

Totalitas

Etienne Dolet, do Bloco dos Fidalgos). Lyrio do Valle, Carlos Faraldo, Spartaco e Strelitz (todos 4 da U. C. P. — Belém, Pará).

OUTROS DECIFRADORES

A Garota, Barão do Damerales, Calpetus, Condessa e Conde Guy de Jarnac, Dapera, Diana, Erre-Céos, Gavroche, Julião Riminot, Lago, Lakmé, Maloyo, Miravaldo, Nellius, Neo-Mudd, Orlirio Gama, Paraceiso, Ruhtra, Seneca, Sezenem II, Sylma, Themis, Visconde de Adnim, Yara e Zelira (todos do Bloco dos Fidalgos, de Santos), Neptuno e Datrinde (da A. B. C. — Bahia), 24 pontos cada; Dama Verde, Ave da Sorte, Aren. tureira, 22 cada; Violeta (Recife), Chow-Chim-Chow, Jefferson, 15 cada; Anjoro (S. João d'El-Rey), 13; Thalia (B. C. G. — Rio Grande), Pseudo e Zé Sabe Nada (ambos da Barra do Pirahy), 12 cada; Francosta, Don Lira e Lambary (da Turma dos Bisonhos, S. Paulo), 11 cada; Bisilva (Villa Velha), 9.

DECIFRAÇÕES

51 — Pegamasso; 52 — Assentado; 53 — Tirado; 54 — Matraz; 55 — Alara; 56 — Scismatico; 57 — Cancroma; 58 — Cabano; 59 — Malparado; 60 — Alcatrate; 61 Pesado; 62 — Engarapar; 63 — Vaqueano; 64 — Maleita; 65 — Kali; 66 — Madresilva; 67 — Amartellado; 68 — Repassado; 69 — Vidrecome; 70 — Continuado; 71 — Mão cheia; 72 — Respeita; 73 — Acerbo; 74 — Esfola-vacca; 75 — Lua nova e lua cheia, praia-mar ás duas e meia.

NOTA — Ha muitas soluções differentes, principalmente entre os synonymos. Quem se julgar prejudicado, reclame, justificando a sua reclamação dentro do prazo regulamentar.

CAMPEONATO DE 1930

Durante o periodo comprehendido entre 10 e 16 do mez findo, inscreveram-se mais para essa prova annual os charadistas *Soldado* e *Sertaneja* da Tertulia Pansophica, de Floriano, Estado do Rio.

Ambos remetteram 3 trabalhos para a *phase eliminatoria*.

Barãozinho, em carta ultima, fez-nos vêr que elle não se inscrevera para o Campeonato e sim para os torneios communs, isto é, que os trabalhos que, ultimamente, remettera, não tinham por destino essa prova tão importante.

Attendendo ao que nos pediu, riscamol-o da lista dos inscriptos para o nosso torneio especial.

Mais 4 dias e expirará, fatalmente, o prazo para os inscripções e para a entrega de trabalhos destinados á *phase eliminatoria*.

Quem não cumpriu, até então, esse dispositivo, que o faça com a maxima urgencia, afim de que não fique á porta da rua.

Grande parte dos leitores do Album, de Œdipo, de recursos charadisticos muito modestos, receiam tomar parte nesta prova. Allegam que com os fortes, na arte de Œdipo, elles não podem *ralar pello*, como lá diz o gaúcho, a não ser que se submettam a passar pela vergonha de uma derrota fragorosa.

Pessimo pretexto! A derrota com honra nunca desmereceu quem quer que seja!

O pequeno, mesmo perdendo, dá provas do mais abnegado amôr pela Arte, e os seus actos de honra, lutando com os grandes, são factos brilhantes que se conservarão, para sempre, nos annaes do charadismo brasileiro.

E' feio, sim, fugirem os fortes á luta, dando como desculpa, uma displicencia que não tem cabimento; elles que são os responsaveis directos pelo progresso da nossa Arte.

TAÇA "MARIA-FLOR"

2ª SERIE

Premios

Os premios destinados a esta prova são em numero de 9, a saber: 2 (Taça e retrato) para o concurrente inscripto que chegar na frente de todos; 1 outro, para o immediato em pontos; 1 para o que se collocar em 3º logar; 1 que será sorteado entre os que fizerem mais de dois terços até 1 ponto menos que o do 3º logar; 1 ainda nas mesmas condições, para os que attingirem mais da metade até dois terços dos pontos; 3 outros, sendo 1 para cada enima, cada charada, cada logogrypho, julgado melhor na sua respectiva categoria.

NOVISSIMAS 101 A 109

1—2—1—Por uma *moeda de 10 réis*, encontrada em um *bairro pobre de indigenas*, os *miseraveis* mataram *aquelle que se intromette* em tudo.

Anjoro (S. João d'El-Rey, Minas)

4—1—*Indaga* por tudo, mostrando *pezar* quando lhe não respondem, o *curioso*.

Idem (Idem, Idem)

4—1—Quando o tempo *fica sereno* pouco se me *importa* ter a casa *despejada*.

Edipo (Lisboa)

(Ao Datrnde amigo com um abraço)

3—1—Depois da *borrasca* causa *dôr* ver o navio *desgraçado*.

Euristo (T. E. e A. C. L. B. — Lisbôa).

2—3—Como desde ha muito *abasteço de provisões de guerra* um certo *logar descoberto sobre o tecto da casa* da minha quinta, tenho mais ou menos as plantas *pisado*.

Jofralo (T. E. e A. C. L. B. — Lisbôa).

4—1—Quem *invoca protecção de alguem* que tenha pena do proximo, será sempre *protegido*.

Olivares (Pomba, Minas)

2—1—1—...e a *mulher sorri* ao receber a *flôr* de tão formoso *pastor*.

Paracelso (Do Bloco dos Fidalgos, de Santos).

2—1—Com mais este *rasgão, é pena!* ficou teu lindo fato *esfarrapado*.

Thalia (B. C. G. — Rio Grande)

3—1—Meu *coração é um* cofre onde *vuado* o teu amôr *constante*.

Violeta (A. C. L. B. — Recife).

ENIGMAS 110 A 117

Dona Graça muito amiga
Fôra de Dona Piedade;
Mas, agora, é inimiga,
Inimiga de verdade.

Uma jura que se vinga!...
Outra diz que vae matar!...
E levam nessa rezinga
E procuram se evitar.

Mas esse negro Destino,
Que no mal acha prazer,
Armou-lhes laço assassino!...
Não tendo mais que fazer,

Prendeu-as na mesma grade!
E ali mesmo, sem tardança,
Juntas a Graça e a Piedade,
Effectuou-se a *vingança*.

Marechal (pela Capital)

(Ao grande enigmatista Dapera)

Sagrilega mulher! Que faz, acaso,
Aquella enfurecida creatura?
Attentado brutal, publico e raso,
Que a todos nós, unanimes, tortura!

Entra na Igreja... No sagrado vaso
Mette os pés, com tremenda catadura!
E, dando provas de seu grande atraso,
No altar bate em Deus! Imfamia dura!

Não satisfeita, açoita-o, ferozmente!
Contra sua grandeza e eternidade,
Solta brados terriveis de descrente!

Chega a policia... A Sé já está deserta,
E apura que tão vil barbaridade
E' um caso negro de loucura *aberta!*

Chantecler (A. B. C. — Bahia)

(Ao Frei Paulino)

A nota da *falsidade*
Que o mundo vae empolgando
Posta fóra, o resto, Frade,
E' bem modo de exprimir
Uma idéia, não falando.

K. Nivete (Da A. C. L. B. — Recife)

Por ser extremos do todo,
D. Iria, que é excellente
Centro bisado do engodo,
Supportou vaia estridente!

Porém, velha muito esperta,
A assuada não dá tento,
E vai fazendo, na certa,
Provisão de mantimento!

Roxane (A. B. C. — Bahia)

— Passe minhas primeiras
Para lá do curral;
Ha ar no fim de contas
Aqui, que causa mal. —
— Não sigo o seu conselho;
Daqui não saio não;
Isto de *fazer bordos*,
Não é de boa acção.

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

São ambos da mesma classe;
Exercem igual funcção...
Um é magro, fino, fino;
Outro é gordo, redondão.

O magro não muda nunca,
Pode ser um ou ser cem...
Seja aqui, ahi, ali,
A mesma força elle tem.

O gordo, apezar de gordo,
Nada vale, é como pó...
Muda muito, como vemos,
Se dizemos que é um bocó.

Junto ao magro o que é gordinho
Como agora vamos pôr,
Temos no caso formado
Um bellissimo *Senhor*.

Mr. Trinquesse (São Paulo)

(*Ao illustre confrade Marques de Castiglione*).

Não ha vida melhor, do que a vida em palhoça,
Vida calma e feliz, monótona e fagueira...
Quando deste zum-zum maldito eu fugir possa,
Levarei para a roça a esposa e a prole arteira...

Duas cousas, porém, me causam funda móssa:
Uma, é a propria mulher — meu todo sem terceira,—
Que, se cahe temporal, chora, embora — que asneira! —
Não se faça total sem extremos, na roça!

Outra, é a segunda após a prima do total
De parentes que, para onde eu vá, — por meu mal —
Ir procurar tambem, — malditas parentelas! —

Transformando o meu lar numa casa de Orates...
Minha prima é a peor: além dos seus dislates,
Ranzinza, *fala muito e sobre bagatellas*...
Julião Riminot (B. dos Fidalgos — Santos).

Eis um peixe exquisitinho,
Só em quatro letras lido,
Que si tirares primeira,
Collocando-a no fimzinho,
Terás *COPIA*, sem canceira,
(Lendo de modo invertido).
Dapera (Do B. dos F. — Santos)

CHARADAS 118 A 121

Sempre passa o mendigo á minha porta;
Cheio de andrajos e, pendido, o busto,—2
Vae arrastando sua perna torta,
A passos lentos, caminhando a custo.

Ao *sol* causticante ou ao frio que corta, —1
A todos pede pelo amor de Deus,
E, quasi indifferente, não lhe importa
A resposta que dão aos rogos seus

Talvez cousa mais seria o preoccupe,
A lembrança, talvez, de alguem que amou
Seu pensamento inteiro ainda occupe.

Talvez recorde um bem de que foi dono,
Uma ventura que feliz gosou
Com a *mulher* que o deixou em abandono.
Altivo Trindade (Formiga)

Não *diga*, caro collega.—2
Desta *agua* não beberei.—2
Pois quem entra na refrega
Charadistica, por lei,
Nunca póde ter escusas
Sem o protesto *das musas*..
Gondemaga (T. E. — A. C. L. B. — U. E. R.)

(*Ao Lyrio do Valle*)

Ora, deixe de *rodeio*,—2
Si quizer chegar ao norte...
Deixe de *pranto*; isso é feio.—1
Nem parece um homem *forte*.
Visconde de Adnim (Bloco dos Fidalgos, Santos).

(*Ao Lyrio do Valle*)

Soffro o triste mal da desdita,
E da velhice estou bem perto,
Mas se do meu somno desperto,—1
Ao toque de *flauta* bemdita.—3

Eu vejo a vida, uma illusão...
Cheio, porém, de tanto espinho
Por onde passo, é meu caminho
Que dá *tristeza* ao coração!—1

— Não desanimes, alma descrente,
Crê no porvir, no Deus clemente,
Almo poder, rico, insubmisso —
— Crê na firmeza deste amor!
Sê forte, luta com valor,
E nunca sejas um *remisso*!
Datrindo (A. B. C. — Bahia)

LOGOGRYPHOS 122 A 124

Aquillo *que nos pertence*—5—4—3—2—7
Disse um *glutão* na cidade—8—4—3—2—6—7
Havendo qualquer *defeito*—11—12—13—14—15
Não pode ter *igualdade*.—1—2—4

Certo sujeito *velhaco*—10—9—12—13—7
Que jamais fez um favor
Zanga-se por qualquer coisa—15—10—4—9
Por *isso não tem valor*.
Aivasil (A. B. C. — Bahia)

Este trabalho
Não tem *ardil*,—5—9—7—4
Vae para "O Malho"
Que é do Brasil
Melhor revista.
Mas, charadista,
Veja, afinal,
Qual o *animal*—2—4—7—3—6
Que *está* na lista.—4—1—10
Isto é *cachaça*—3—1—10—9
(Temos chalaça!).
Não tem *maldade*—7—8—6—5—9
Nem tem malicias
Pois, na verdade,
Tem só *blandicias*.
Jovaniro (A. C. L. B. — Nazareth)

Pedrogão Salmanazar,
Dizem mal ser uma *peste*,—7—2—6—5—3
Desejando trabalhar,
Ruma, então, para Trieste.—1—6—2—4—3

Depois foi p'ra Porto Rico,
E sempre arranjou *dinheiro*—5—6—2—9—
Chegou a têr té um rico
Occanico viveiro.—7—8—5—10—2

A bolsa não vive cheia,
Mas contas *paga*, é real:—2—5—6—7—8
Saldar a divida alheia
E' seu pensar *usual*.
Marechal (pela Capital)

FIGURADO 125

Jubanidro (S. Paulo)

PRAZOS

Terminarão: a 28 de Abril proximo e a 3, 9, 11, 13, 18, e 23 de Maio seguintes. O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima; o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e bem assim aos de Matto Grosso; o sexto, aos dos restantes Estados; o setimo, aos de Portugal, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

TRABALHOS A PREMIO PUBLICADOS

Chantecler nos communicou em carta de 5 do corrente que o seu logogrypho a premio — *Carga de ovos* — publicado n'*O Malho*, 1.433, de 1 do corrente, foi decifrado no proprio dia 1 do mesmo mez, ás 7 horas e 5 minutos (hora de apresentação do cabogramma, em S. Paulo) por *Arthano*.

Logo após, ás 8 e 10, o Bloco dos Fidalgos, de Santos, remettia tambem a solução, recebida, aliás, á mesma hora do outro despacho. *Arthano* ficou com o premio, porque o autor do trabalho julgou melhor decidir pela hora de apresentação, na estação transmissora.

Julião Riminot nos communicou de que ás 10 1/2 horas do dia 2 do mez corrente recebeu um telegramma de *Neptuno*, da Bahia, dando a solução exacta do seu enigma, publicado n'*O Malho*, n. 1.433, de 1 do corrente. E' do charadista bahiano o premio.

Em carta de 8 do corrente, ainda o nosso distincto confrade Julião Riminot, nos communicou que nesse dia mesmo da carta recebeu de *Jubanidro*, de S. Paulo, por telegramma, a solução do seu enigma a premio publicado n'*O Malho*, 1.434, do mesmo dia. Compete ao charadista paulista o dito premio.

BIBLIOTHECA DO ALBUM DE ŒDIPO

Recebemos os ns. 500 e 502, de 13 e 27 de Janeiro ultimo, da *A. B. C.*, revista hebdomadaria, que circula em Lisbôa.

CORRESPONDENCIA

Francosta (Turma dos Bisonhos, S. Paulo) — E' favor informar-nos em que data enviou a importancia relativa á remessa do numero d'*O Malho* pedido, e como?

Jubanidro (S. Paulo) — Recebeu o postal e as respostas que desejava ter?

Chantecler (Bahia)—Recebeu a carta de 14 do corrente? Permitta Deus que não a tenha recebido para não pagar a multa por falta absoluta de sellos! E' que o portador, encarregado de a deitar no correio esqueceu-se do melhor: de sellar a correspondencia.

Carlos Faraldo (da U. C. P. —Belém, Pará) — Agora a ficha está completa e legalizada. Como já dissemos em exemplar anterior, ella recebeu o numero 159.

Olivares (Pomba, Minas) — Ha, evidentemente, engano na sua reclamação, porquanto (e Olivares torne a verificar) n'*O Malho*, 1.431, de 15 de Fevereiro ultimo, seu pseudonymo figura, entre os decifradores do torneio *Animação*, no n. 1.419, com 15 e não 14 pontos. Onde o confrade teve

c4 pontos foi no n. 1.423, e isso mesmo porque remetteu — *Duque* — para 114, e o não justificou até então;

ERRATA

Do n. 1.433:

O conceito total, do logogrypho 23, de Mr. Trinquesse é: *Fórma plana e arredondada.* Observação: Esta corrigenda quasi que não era necessaria, pois, quem não comprehendeu que aquella *planta* era *plana*? Como foi publicado, a falta de sentido é evidente e o leitor terá visto nessa *planta* o motivo de toda confusão.

Do n. 1.436:

Decifrações do n. 1.426: 47 — Albacora — e não — Albacova. *Novissima,* do Marechal: o *sim* deve ser gryphado. Logogrypho, 98, de Chantecler: — *ceremonia* — e não — *cerimonia* — (2º verso). *De Janella*: *Moranguinho* e não Anhangá (2ª columna, linhas 51). *Errata* do n. 1.435: 6º verso e não 5º verso (linhas 13).

MARECHAL.

A SEMANA DO VADIO

(Ao caro amigo Oscar dos Santos)

Na SEGUNDA, não trabalho
porque me sinto cansado...
Na TERÇA, porque amanheço
muito rouco e constipado.

Na QUARTA, (praga maldita,
é tudo azar de momento!...)
Tenho que ser testemunha
De um processo em julgamento.

Na QUINTA, porque não tenho
camisa para vestir,
Na SEXTA, dia "pesado"
preciso á missa assistir.

SABBADO, chegado está,
Dia da farra e da vida,
fico em casa até mais tarde
e, depois, "faço" a Avenida.

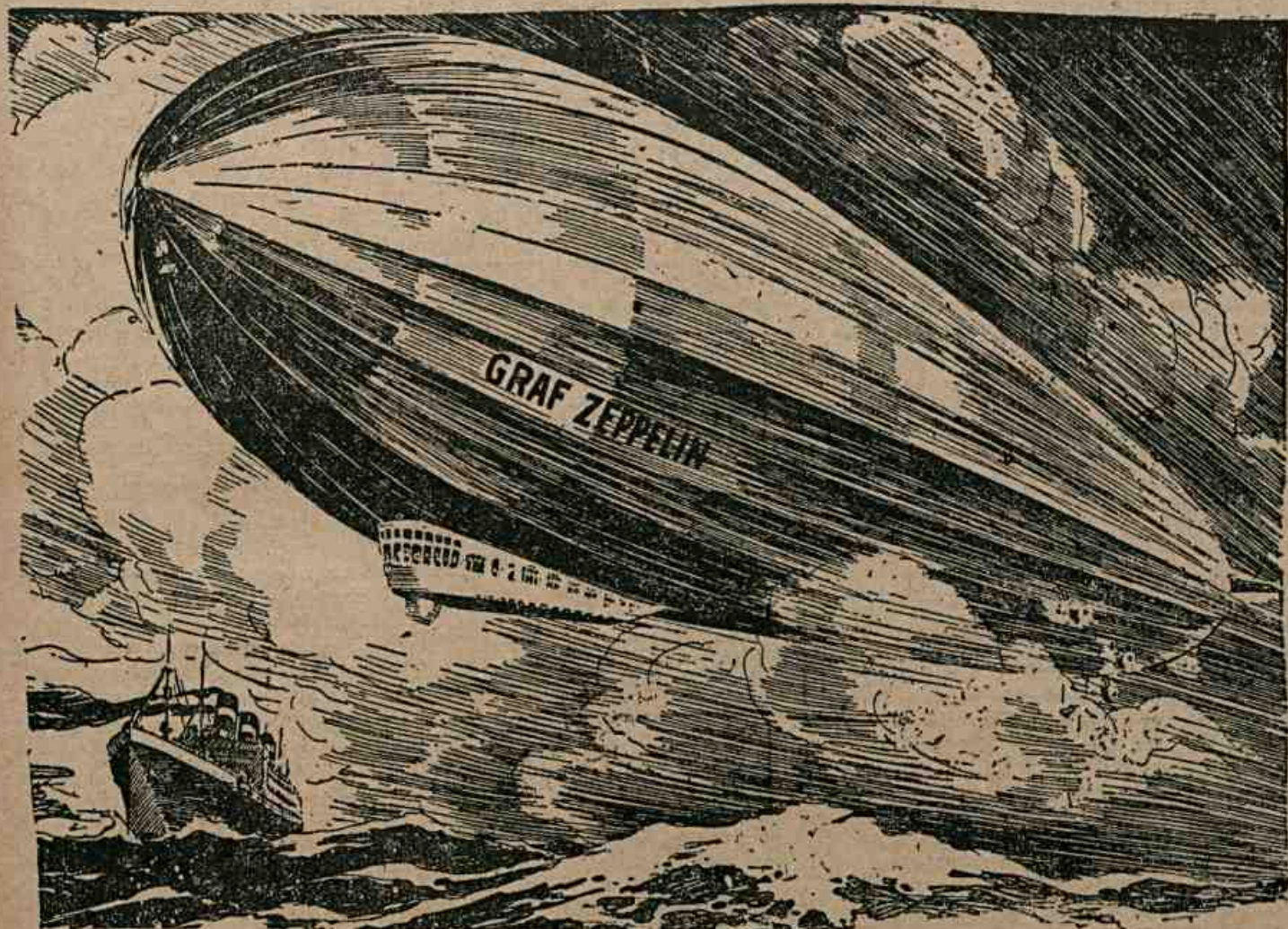
No DOMINGO, lá não vou,
tenho medo de peccar,
além disto reconheço
que, preciso descansar...

J. A.

O MEU JARDIM FLORIDO DE AÇUCENAS...

O meu jardim florido de açucenas,
de cravos, de jasmins e de verbenas,
espreguiçou-se mólemente
ébrio de somno,
naquella noite escandalosamente
fria,
e se deitou no leito do abandono
e adormeceu á sombra
da melancolia.

Luiz de Oliveira

A NOSSA ÉPOCA NO QUADRO DO PROGRESSO HUMANO

E' um engano suppor que, na historia da Humanidade, a nossa época se assignalará como a da velocidade, porque as velocidades que hoje consideramos phantasticas — como os 572 kilometros por hora, de Orlebar, o aviador inglez — parecerão um brinquedo de creança ante as que se alcançarão, por meio de communicação de que não fazemos, sequer, uma remota idéa.

Tampouco, poderá ser chamada com a edade da electricidade ou das ondas hertzianas, porque é indubitavel que nós só assistimos aos primeiros e infantis ensaios de aproveitamento dessas poderosas forças.

Póde ser, entretanto, que se chame a nossa época — de edade do vôo.

E isso porque, por muito incipientes que sejam os nossos aviões e dirigiveis, os progressos realizados, no decorrer do seculo, ainda que sejam prodigiosamente superados no porvir, ficarão sempre assignalados á consideração da humanidade futura, como factos dignos de marcar uma época na historia do homem.

Realmente, é admiravel a vertigem de progresso, alcançada pelo homem, na ultima centuria.

Não pretendemos dizer que estes ultimos cem annos tudo devem a si mesmo. Ainda mais — é uma injustiça attribuir á cultura presente a gloria total dos descobrimentos e obras de progresso que a caracterizam, posto que o mais prodigioso invento presente está intimamente vinculado ao primeiro esfôrço realizado pelo homem primitivo, nas selvas impenetraveis, da pre-historia. E' dessa maravilha da mecanica que se chama lampada radio-telephonica, ou essa outra que se chama motor de explosão, devem-se, tanto aos seus inventores, como aos milhares de remotos antepassados que se esforçaram para aperfeiçoar, passo a passo, os meios artificiaes creados pelo homem para superar á natureza, desde aquelle atrevido precursor de Hertz e Santos Dumont, que, nos arreboes do periodo quaternario, teve a feliz idéa de tomar de uma pedra e lançal-a no espaço — genese de todos os inventos humanos.

* * *

Não pretendemos dizer — repetimos — que a ultima centuria tudo deve a si mesma. Mas se analysamos, embora ligeiramente as realizações deste breve periodo de cem annos — um segundo da historia da Humanidade — e o comparam com os milhares de seculos que o precederam, temos de reconhecer que o avanço foi simplesmente maravilhoso.

Tomemos um só aspecto do progresso humano, o mais importante, aliás, o dos Transportes e Communicações. Não faz muito mais de cem annos, que foi inventada a locomotiva a vapor, e ha, apenas, poucos mezes que se celebrou o centenario do primeiro barco a vapor.

Até esse momento, a Humanidade, com ligeiras variantes, serviu-se, para os seus transportes e communicações, exclusivamente, dos mesmos meios millenarios, que usaram os chaldeos, nos albores da nossa civilização, que empregaram os egypcios, ha 6 ou 7 mil annos, que utilizaram os phenicios para dominar o Mediterraneo, e os romanos, para estender os seus dominios pelo mundo daquella época: a Europa.

Toda a historia da Humanidade, isto é, toda a historia conhecida, de que nos dão claros vestigios os documentos e as tradições verbaes, e que remontam a uns seis ou sete mil annos, ou seja, a uns 60 ou 70 seculos, não realizou,

nem sequer, uma fracção infinitesimal dos progressos do ultimo seculo.

Devemos a estes ultimos cem annos, só na ordem dos transportes e communicações: a locomotiva a vapor, a telegraphia, a telephonia, o motor de combustão interna, o automovel, a radio-telegraphia, a navegação aerea, o automovel electrico, a ferrovia electrica, e, por ultimo, a radio-televisão.

* * *

Comparemos o panorama do mundo, nos começos do seculo passado e vejamos o que póde representar o progresso dessa época, quando o seu ramo mais importante — o dos transportes e communicações — não havia sahido ainda do remo e da véla no mar, e do cavallo e o carro em terra, exactamente, como se vê na Biblia, isto é, nos albores da historia conhecida da humanidade. Mas isso não é nada. Anteriormente a essa historia conhecida, está a pre-historia, verdadeira nebulosa do homem.

O typo mais antigo de homem, conhecido até hoje, é o chamado de Neardenthal, nome do logar onde foi encontrado um craneo desse remoto antepassado.

Os sabios paleontologos e physiologos conseguiram reconstituir este nosso velho avô. E' o homem anterior á mais antiga das idades, em que está classificada a historia da Humanidade, anterior á Idade da Pedra. E esses mesmos sabios, apoiados em diversos calculos — que não é do nosso thema estampar aqui — estimam que esse homem, verdadeiro Adão da sciencia, viveu ha 500.000 annos, ou seja: 5.000 seculos.

* * *

Um desses sêres, que se póde classificar muito bem dentro da theoria darwiniana, como verdadeiro degrão entre o animal e o homem, foi quem, em um relampago de genialidade que deve ter assumido caracteres sublimes, teve a idéa de tomar uma pedra e, mediante uma inflexão de braço, lançal-a á distancia. Foi a primeira demonstração da intelligencia, independente do instincto, e além de ser a primeira arma, foi, tambem, o primeiro segredo arrancado pelo homem á Natureza.

Cinco mil seculos, quinhentos mil annos, transcorreram desde esse primeiro impulso, e os progressos da Humanidade, apesar de maravilhosos, não alcançaram jámais o esplendor dos ultimos cem annos, no ultimo seculo, quando os homens decidiram pôr em pratcia as leis da mecanica descobertas por Newton, e conseguiram transformar essa pedra lançada ao espaço, no maravilhoso avião que vae de um continente a outro, num só impulso, ou na onda de Hertz, que, numa fracção de segundo, dá varias vezes a volta á terra.

Durante cinco mil seculos, o homem não poude inventar nada mais importante do que dominar o cavallo e jungil-o a um carro, ou dominar o vento e fazer que elle impulsionasse as velas. E bastou sómente um seculo — que dizemos! apenas um quarto de seculo — para que a fantasia de Icaro, o projecto de Leonardo da Vinci e o audacioso ensaio de Santos Dumont se convertessem nesse prodigio do "Graf Zeppelin", que em algumas horas — não mais de uma semana — fez um vôo em volta da Terra, traçando um maravilhoso circulo no ar, que assignala o começo effectivo de uma nova éra para a Humanidade.

* * *

A evolução do homem é, sem duvida alguma, mais vertiginosa do que a da propria natureza. Segundo calculam os sabios, faz, de 1.000.000 a 1.500.000 annos, que começou o periodo quaternario — isto é — que o sêr humano fez a primeira apparição sobre a face do planeta.

E emquanto a natureza necessitou 650 milhões de annos para crear as fórmas animaes e cerca de 700.000.000 para fazer surgir o primeiro homem, este, em luta com a natureza, em menos de cem annos — periodo insignificante — realiza todos esses prodigios de que falamos.

Será possvel imaginar o que será o nosso planeta, o que será a nossa Humanidade, dentro de 8.000 annos, isto é, o que serão os nossos descendentes como o somos em relação aos chaldeos, o vestigio mais remoto de civilização conhecido?

Não cremos que surja um Julio Verne capaz de predizel-o. Com tampouco cremos que haja, sequer, um Julio Verne capaz de dizer-nos o que será a Humanidade, não dentro de 1.000 annos, mas nos começos do proximo seculo, quando se celebrar o primeiro vôo de Santos Dumont ou o primeiro ensaio de communicação radio-telegraphia de Lord Kelvin. Nem sequer dentro de cincoenta annos, quando se celebrar o centenario da invenção da lampada electrica, por Swan

SANGUE CREOULO

(de *Alberto A. Leal*)

(*Conclusão do numero passado*)

contral-a em sua choça, e sentir-lhe o aroma dos cabellos negros e luzidios, e mirar-lhe aquelles olhos côr das aguas profundas onde as yaras habitam, camando, tentando, fazendo succumbir o homem mais forte...

Ia chover... E Pedro voltava apressado para o rancho, já meio desconfiado da sua alegria e da sua pressa. Felizmente, era o ultimo dia que passaria naquelle inferno. As informações tomadas, o serviço acabado, voltaria para a fazenda na manhã seguinte. Maria — nome que tomára por occasião do seu baptismo, lá na villa distante — a india, iria comsigo até á primeira povoação em que pudesse deixai-a em segurança.

Ao pensamento de deixal-a, pareceu a Pedro que o coração diminuia um pouco aquella marcha alegre de ha pouco...

CHEGOU. O tempo afeiava mais e mais. Do telhado aos fundos, a "cozinha", um cheiro bom se evolava, Maria preparava o jantar. Pedro tirou as botas, enfiou um velho par de chinellos, e foi conferir a sua bagagem. Pouca coisa — duas malas, alguns embrulhos. Amostras de madeiras, folhas de arvores, algumas lembranças do sertão.

Numa caixa ouvia-se um guizalhar surdo, abafado pela espessura das paredes de madeira: algumas crotalos ali estavam encerradas, nervosas e irritadas na sua prisão. Esta carga perigosa, levava-a tambem o paulista, satisfazendo o pedido de um boticario da povoação mais proxima, que a queria cambiar por sôros preparados, com um viajante de Butantan.

A' idéa das serpentes, lembrou-se do boliviano, que se fizera agora tão affavel, a ponto de lhe pedir desculpas num tom em que a raiva vibrava, no fundo, mal disfarçada na indifferença.

Maria appareceu, dispoz o jantar. Pedro sentou-se á mesa. Maria, servido o seu bemfeitor, retirava-se calada e humilde para o seu canto. Pedro chamou-a: "Sente-se aqui mesmo", e indicou-lhe com o gesto um banco fronteiro ao seu. Era a primeira vez que lhe concedia esta honra, e a india agradeceu-lhe, com o olhar cheio de alegria.

Ella o olhava agora com aquelles olhos que pareciam ter tomado ás florestas patrias a côr e o mysterio. o encanto perigoso do que attrahe pela profundeza e pelo desconhecido. O jantar terminára, e Pedro, estirado na rêde, olhava as espiraes de fumo que brotavam do cigarro e insensivelmente pensava nella: — "Coitada, tão bonita e tão só!" E repelliu logo estas idéas, quando ellas foram mais longe, repetindo num murmurio esta affirmação energica, mas que lhe sahia a pena: "não, eu não a amo!"

Levantou-se, foi á porta, para sahir. Abriu. Uma lufada forte entrou, raivosa, soprando a luzinha do candieiro, emquanto o aguaceiro desabado datia-lhe á face. Pedro fechou de novo a porta, mal humorado; não percebera que a chuva ha muito cahia. Riscou um phosphoro. Maria estava parada, no mesmo logar, a fital-o com o seu olhar enigmatico, agora, com uma leve nuvem, que parecia uma doce reprovação ou um timido desejo. A chammazinha illuminou de novo o aposento, triste e mortiça. Sim, elle devia ficar. Era o desejo da moça, bem o via, e o seu dever o compellia a ficar, a não deixal-a só, naquella noite medonha. E Pedro ficou, meio zangado e meio contente, comsigo e com o tempo.

A india sentára-se agora aos seus pés, a dizer-lhe baixinho, que elle fôra sempre tão bom, que ella duvidava ás vezes que elle fosse mesmo um "branco". Pedro sorriu, quasi sem querer. Um relampago inundou de luz o espaço em volta, espiando os dois pelas frestas da parede. O ribombar dos trovões tornava-se mais e mais continuo e brutal.

Subito, um assovio cortou o aposento, derrubando da parede uma poeira de barro quebrado. Pedro ergueu-se, sentindo o perigo que os cercava. E procurou tranquillizar a companheira surprehendida: "E' o vento", explicou elle. Maria, porém, apontou-lhe a parede, que um novo silvo perfurara: "O vento não fura as casas, assim", negou ella, sem se atemorizar. Sim, agora era impossivel qualquer illusão: as balas choviam sobre o rancho e o vento, entrava por furos pequeninos e redondos que se iam cavando nos muros.

E' um assalto, pensou Pedro, que bem sabia o porque. Apagou, rapido, o lampeão; empunhou o fuzil; improvisou uma trincheira com os moveis amontoados. Maria o ajudava, calma e admiravel. Pedro teve pena, e expôz-lhe, conciso, a situação: era Gomes que a queria levar; se quizesse ir, era livre, senão... viessem buscal-a. Maria encaminhou-se para a porta. A phosphorescencia larga de um relampago banhou-lhe a face angustiada, agora voltada para Pedro. E elle comprehendeu então que nunca, mas nunca, consentiria deixal-a partir assim, para os braços de outro. Um ciume louco, impetuoso, feroz, fez tremer cada cellula daquelle organismo masculo, como se um monstro o agitasse com furia nas suas mãos cabelludas e enormes, e lhe soprasse pelo cerebro e pelo coração o halito fervente das suas fauces, dilatadas num rictus fantastico e absurdo.

Era lava candente que lhe corria nos vasos, impulsionada por um vulcão pulsatil, e a massa nervosa toda se agitava, num retrocesso de millennios, a vibrar o atavismo fatal do sangue bandeirante, num cio de macho e de troglodyta, faunesco e divino!

Num segundo, o trabalho lento da civilização se abateu, ante a ferocidade indomavel dos instinctos ancestraes adormentados, surgindo agora despertos pela mesma necessidade furiosa de lutar pela vida e pela femea, com unhas e dentes, contra as féras que o acossavam, no meio das florestas medonhas, ao clarão dos fuzis, que rasgavam ribombando sinistramente, a fuligem da noite apavorante.

Sim, antes vêl-a morta, ali aos seus pés.

— Maratão o meu branco, se não fôr, ciciou a india, e o seu corpo se arqueou como um caniço fragil, ao amplexo fulminante, enlouquecido, do desvairado caboclo.

A virgem morena enlaçou-o tambem nos seus braços roliços e perfumados, com tanto ardor, que os seus dois pequeninos seios, nervosos de paixão, pareciam querer apunhalar através da fazenda leve do vertido, o peito forte daquelle que a sua alma reconhecia já por unico senhor. E os labios se esmagaram, na doce brutalidade de um longo e apaixonado beijo.

Ao brilho dos coriscos, aquelle par, assim enlaçado, rodeado de perigos, era bem toda a epopéa maravilhosa da terra morena e virgem, acolhendo no carinho do seu corpo divino, a audacia e a bravura do bandeirante creoulo.

Um parlamentar dos assaltantes veiu chamal-os á realidade. Que entregasse a moça, se não quizessem morrer ambos.

Nunca? Pois então veriam... e a luta começou. Lá fóra, a morte; ali dentro, o amor. Maria valia por muitos homens, Pedro por muitos titans; combatiam com uma coragem em que havia muito da raiva com que as féras defendem os covis, e muito da febre dos que lutam por amor...

Desdobravam-se ambos, atirando de uma fresta de uma janella de uma setteira improvisada nas paredes pelos projectis dos outros. A munição escasseava, e só por milagre estavam illesos. O cerco dos outros vinha fechando; tres jaziam cahidos mas havia ainda uns sete ou oito dispostos e encarniçados. As balas cruzavam o rancho em todos os sentidos, e as paredes já pareciam colmeias por onde entravam, a todo o momento abelhas de luz brotadas dos raios que zig-zagueavam loucos pelo espaço.

E os outros chegavam...

Agachados atrás da mesa derribada, sujos de poeira, suarentos, offegantes, os dois enamorados sorriam, quasi alheios áquelle assobio continuo, que teimava em chamal-os para um descanso sem fim...

A situação attingia o seu ponto final, illudivel. Pedro soergue-se, para espreitar, uma bala colheu-o do lado direito, junto á axilla. Elle se abaixou de novo, quieto, e só o rilhar dos dentes, que o desgraçado apertava para não gemer, chamou a attenção da sua amiga, apalpou-o, e sentiu que os seus dedos encontravam outros dedos, crispados, apertando um caudal de sangue quente, que jorrava das arterias perfuradas. Um vulto espreitou pela janella espatifada a tiros. Pedro elevou o braço valido, empunhando o revolver. Maria segurou-lhe a mão; os dois se fitaram, bem nos olhos, á luz de um fusil, trocando o mesmo pensamento, que sentiam crepitar para lá onde a visão não alcança mais. Era a ultima bala...

A india rasgou a frente do vestido, estraçalhado já pela refrega:

— Mata-me, faze parar este coração, que de nada mais me serve, agora que o teu parará, para sempre...

Ella lhe dava o coração, para a morte, já que o não podia dar mais para a vida. O rapaz pensou um instante, brilhantes os olhos de febre e de orgulho. "Como ella era sua!" Nunca homem algum tivera sobre uma mulher mais ampla e mais perfeita sensação de posse, embora não chegasse a possuil-a nunca! Como era bom morrer agora, depois de ter vivido um segundo assim por curto que fosse!

Sim, era um direito seu, matal-a, se não a poderia ter mais, e o favor maior que lhe faria, libertando-a das mãos monstruosas do Gomez. Levantou o braço, e sentiu na extremidade do cano a carne palpitante da moça, que se offerecia em holocausto ao seu amor. O calor da refrega desprendida do seu corpo vigoroso o aroma penetrante de essencias desconhecidas e voluptuosas. e, neste supremo instante, a lembrança do beijo, trocado ha pouco, amorteceu a energia do homem, com o veneno lethal que irradiam as paixões ferventes dos tropicos. Fraquejou; a arma cahiu-lhe das mãos, detonando. A cabeça foi descahindo, descahindo, no regaço macio que a acolheu. As balas de fóra, sem resposta já, calavam tambem. A propria tempestade paralysára o seu impeto, e o silencio em torno, lugubre, parecia esperar, ansiosamente suspenso sobre as cousas, o desfecho daquillo tudo.

O inimigo, invisivel, devia estar chegando, rastejando na sombra. Subito, Pedro prestou attenção: um ruido, nitido, apavorante naquelle negror, feria-lhe os tympanos, aguçados pela superexcitação da espera e da febre. Era um guizalhar insolito, uns silvos horriveis, umas pancadas surdas, na madeira. Pedro lembrou-se das cascaveis, enfurecidas pela algazarra. E Gomez devia estar chegando, cada vez mais, cauteloso como um tigre... Então Pedro tremeu, de raiva impotente: elle tel-a-ia, e por culpa sua, que falhára no momento decisivo, como um poltrão. Não, não e não! Num arranco medonho, tentou erguer-se; os musculos, anemizados pela hemorrhagia formidavel, não obedeceram á vontade. Maria aconchegou-o ao seio, com o impulso dolorido da mãe que acalenta o filho moribundo. Então elle pediu-lhe, num sopro: "Traz-me aquella caixa... aquella a das serpentes... aqui no meu lado... á direita". Ella estendeu a mão, na direcção indicada; apalpou a madeira da caixa, e sentiu, através daquella parede, o choque de corpos irritados que se debatiam lá dentro. A india era valente, mas, a este contacto, um arrepio de horror desceu-lhe pela medula abaixo, como uma corrente electrica. E quando Pedro lhe disse, baixinho: "Maria, aqui dentro... a tua salvação... o nosso destino unico para sempre...", ella, louca de espanto, não comprehendeu, não poude, não quiz comprehender! Já forçavam a porta... derrubavam-na.

— Não me amas, gemeu Pedro, numa queixa enfraquecida.

Um archote brilhou, espetado na ponta de uma vara, que avançava, cautelosa, muito na frente de quem a conduzia, no receio de um tiro de surpreza. Aquella lameira de sangue, que havia pelo chão, aquietou o receio dos assaltantes, que descobriram logo o corpo de Pedro, atirado atrás da mesa, a fital-os num desafio supremo.

Gomez então surgiu. Um olhar tranquillizou-o: a india ainda vivia. Avançou para o moribundo, que o encarou com desprezo, sem desviar os olhos. Viu-o um homem inerme, incapaz de levantar um braço — um cadaver onde só os olhos brilhavam. Então, cuspiu-lhe no rosto, com um moutão de pragas, em voz bem alta. E fel-o rolar pelo chão, á ponta-pés.

O rancho regorgitava: surgiam bandidos, vestidos de trapos encharcados, um lodo negro a empastar-lhe os cabellos e as barbas, immundos e ferozes, os pés patinhando com delicia no sangue do caboclo derribado, a rirem estupidamente da brutalidade do chefe. Este sentara-se numa beirada da mesa, que erguera do chão, tinta de lama sanguenta, e, emquanto bebia a aguardente do cantil, despejava sobre o vencido os mais torpes insultos.

A chamma de vida, já quasi extincta daquelles olhos, parecera agora reaccender-se. — Pedro fitava, com ansia, com alegria louca, vivendo terrivelmente com toda a acuidade do unico sentido que parecera não o ter abandonado ainda, alguma cousa que se passava para além do Gomez, do lado em que ficára a india.

Maria assistira áquella scena toda, abstracta como num sonho. Depois avançára lentamente, e parara a olhar o chão. Os seus olhos procuraram os de Pedro, e foi então que este viu que ella, emfim, "comprehendera". A vida voltára-lhe, dominando o carus que o invadia já, num supremo milagre de alegria e esperança. E viu tudo: um vulto que se abaixava, silencioso e subtil: um caixãozinho negro, no chão... E uma mão que se esgueirava nelle, pela abertura da tampa deslocada com cuidado...

Nem um musculo se contrahiu, na face da jovem india — aquelle sorriso doce e triste, com que o fitava desde o começo, não se alterou; apenas um leve abaixar de cabeça, como uma affirmação a pergunta muda do seu amado, ou a acquiescencia calma e reflectida a um sacrificio feito por amor.

A chammazinha que brilhava nos olhos do ferido, atiçou-se mais, e Gomez, comprehendendo ser o fim, ajoelhou-se sobre elle, querendo lêr-lhe na alma toda a dôr da agonia. Mas, recuou com uma praga... Aquelle "cão" morria com um olhar de ventura infinita, de victoria suprema e de orgulho... um orgulho masculo, apaixonado, incommensuravelmente feliz, — um orgulho de quem se sente muito, infinitamente amado... E, voltando-se, viu que a virgem de bronze, a presa cobiçada, jazia no chão, um filete de sangue no canto da bocca, o olhar vitreo de quem morre, os membros inchados, escuros, congestos, emquanto duas fitas escamosas e reluzentes lhe subiam pelo braço, preso numa caixa de madeira semi-aberta, mostrando as linguas bifidas sobre o fundo da canella da carne morta.

Num rugido de dôr, comprehendeu o triumpho do vencido, e viu que, acima de sua força, havia um direito e uma força maior — esta cousa... ardente como a braza, enthusiasta avassalladora empolgante e bravia, que é o sangue creoulo, quando estúa do amor, sob o fogo dos tropicos.

Crescendo a olhos vistos

O SEU rapaz, esturdio e brincalhão, agradecerá mais tarde ter sido alimentado diariamente com Quaker Oats.

A sua saude fica assim estabelecida numa base firme, porque lhe foi dado o alimento que forma osso e musculo, promove o crescimento e cria uma forte e resistente constituição.

Quaker Oats é um alimento delicioso e saudavel para todos. Deve ser servido todos os dias — especialmente na primeira refeição.

Quaker Oats

668

A Todas as Senhoras
sem distincção de edade
Tomar ás Refeições o

ELIXIR DAS DAMAS

(Formula do Dr. Rodrigues dos Santos)

Que allia ao seu sabor agradavel, propriedades notaveis no combate a:

TODAS AS MOLESTIAS DO UTERO E DOS OVARIOS. COLICAS E HEMORRHAGIAS DURANTE A MENSTRUAÇÃO. REGRAS EXCESSIVAS OU INSUFFICIENTES. CORRIMENTOS. CATARROS UTERINOS. FLORES BRANCAS. ETC.

O ELIXIR DAS DAMAS

e verdadeiro especifico de todas as molestias de senhoras.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

DISTRIBUIDORES:

MARTINS LIBERATO & COMP.

CAIXA POSTAL 2147 — RIO DE JANEIRO

DR. ARNALDO DE MORAES

Docente da Faculdade de Medicina, da Maternidade do Hospital da Misericordia e da Policlinica do Rio de Janeiro

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS

Consultorio: R. Assembléa, 87 (3 ás 6 horas). Tel. Central 2604. Residencia: R. Barão de Icarahy, 28 Botafogo. Tel. B. Mar 1815.

"LEITURA PARA TODOS"

Um magazine mensal que publica um pouco de tudo e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido dos viajantes

Pedidos de amostras aos Srs. ALVARO BUSTAMANTE & Cia. Rio de Janeiro. — Caixa Postal, 476. — São Paulo. — Caixa Postal, 3273.

CAIXA DO "O MALHO"

CELESTINO PAVÃO (?) — Vão ser examinados os trabalhos que mandou e após o serviço prophylatico que d'z merecerem os mesmos serão publicados.

MAGDA ROCHA (Rio) — Não creia que me aborrece. Póde mandar os trabalhos que lerei com prazer e publicarei os que estiverem no caso.

TUPAN (Minas Geraes) — Nada tem que agradecer. Quando o trabalho é aproveitavel, tendo um pequeno deslise corrige-se isso e publica-se.

O soneto intitulado: "Destinos" foi acceito.

ROVANA (Curityba) — Entreguei ao redactor do *Para Todos* o trabalho que mandou para elle por intermedio do amigo M. Maia.

PIRES JUNIOR (Bello Horizonte) — Seu trabalhino apesar de estar filiado ao genero: "agua morna sem assucar" será publicado quando menos o esperar. Seria bom escrever abaixo do mesmo uma nota em que pedisse para ser executada ao piano a celebre "Dalila" por uma menina chlorotica, emquanto o leitor vae saboreando os versos.

CLIDIO (Avaré) — Nada tem que agradecer. O "Conselho" será publicado.

PIMENTA DA VEIGA (Bello Horizonte) — A "Infantilidade" está por demais infantil. Nem mesmo n'*O TICO-TICO* teria graça si fosse publicado. A outra quadrinha, então, só transcripta aqui para o leitor paciente ver como é tola:

"PARA C. C.

As leis humanas quem o corpo mata
Duras, condemnam sem piedade e cal-
[ma;
E que farão de ti, mulher ingrata,
Se as taes souberem que mataste a
[alma!..."

A dona C. C. deve ficar muito aborrecida quando ler isto. Nós tambem o ficamos. Você, como Pimenta que é, devia ser... mais ardente e não tão chôcho na poesia.

DAVID AGUILLAR (Diamantina) — O "amor da lua" logo pelo titulo é cacophonico e o corpo da poesia é no mesmo estylo 1830 do poeta Pires Junior. O soneto "Avante!" como idéa está muito bom, porém como poesia é um desastre. Aquillo publicado antes das eleições seria a melhor propaganda... contra o candidato nacional, e publicado agora, atrapalha a apuração e até o reconhecimento e posse do "homem" tão confusos são os versos. Foi infeliz, mestre David, nas suas duas tentativas poetico-politicas...

CICAROH (S. Paulo) — Apesar do funebre assumpto sua "especie de soneto" provoca o riso, em vez do pranto pelas tolices que encerra. Veja o leitor si não temos razão:

O DERRADEIRO AFFAGO

"— Filho, não partas tão depressa,
[ainda é cedo.
Fica aqui, neste rustico e doce lar.
Lá serás posto aos *pez* do immaculado
[altar...
Fica, porque de te perder eu tenho
[medo."

"— Papae, não *ouver* um tanger de
[cordas a fallar
Convidando-me a ser *enternamente* ledo,
Nessa immensa matta branca, nesse
[arvoredo...
Não sentes uma aroma desse grande
[mar?

E a flôr do lar sorria, num sorriso ar-
[dente.
De mansinho fechou a palpebra fre-
[mente
E num derradeiro affago abraçou seu
[pae.

A alma foi, ficando o corpo ainda
[quente.
Chora quem aqui fica. Ri-se quem se
[vae...
E o pobre ancião chorou em dolorido
[ai..."

Não pense o poeta Oicaroh que lhe fazemos "guerra" aqui. Aquella historia de "*ouver* tanger de cordas a fallar" e o defunto ser convidado a ficar "*enternamente* lêdo", são de fazer resuscitar um morto. Depois o rapaz morreu com um olho só, deixando o outro aberto, sem fechar a respectiva palpebra. Não. Assim tambem é de mais. "Vamos ser malucoides" como diz o povo; porém, não tanto, não é mesmo?

X. P. T. O. (Santos) — O trabalho será publicado.

Tome, porém, cuidado com o vernaculo em cujo estudo foi distincto (!) Não mais escreva "deteu-se" por "deteve-se", que é um erro grave.

PALERMINO (Rio) — Pelo que escreveu se vê que não é diminutivo e sim augmentativo de palerma: é palermão ou palermissimo.

Outra vida, meu caro.

CABUHY PITANGA JR.

FERRO DO Dr GIRARD

8, Rue Vivienne, 8
PARIS

O FERRO GIRARD cura as cores pallidas as caimbras do estomago, a pobreza do sangue, fortifica os temperamentos fracos, excita o appetite, regularisa a menstruação e combate a esterilidade.

Em todas as Pharmacias.

O que distingue sobretudo este novo sal de ferro, é que não só, não produz prisão de ventre, como a combate efficazmente. *(Relação do Professor Herard á Academia de Medicina de Paris).*

Inoffensivo, de absoluta pureza,

cura dentro de **48 HORAS** corrimentos que exigiam outr'ora semanas de tratamento com copahiba, cubebes, opiatas e injecções.

Paris, 8, rua Vivienne, é em todas as Pharmacias

PURGANTE

REFRESCANTE — RELAXANTE

Remedio infallivel contra a prisão de ventre

A

FRUTA JULIEN

Recommenda-se igualmente contra as *DOENÇAS* do *ESTOMAGO*, do *FIGADO*, a *ICTERICIA*, a *BILIS*, a *PITUITA*, os *ENJÔOS* e *ARROTOS*

Paris, 8, rue Vivienne
em todas as pharmacias.

VEGETAL

As Capsulas de Quinina Pelletier são soberanas contra as *febres, Emxaquecas, Nevralgias, Influenza, Constipações* e *Grippe*.

EXIGIR O NOME:

PELLETIER

Todas as Pharmacias

Licença n. 511 de 26-3-906

DE TAQUAREMBO' . . .

Uma tosse rebelde

Pessoa altamente collocada expontaneamente nos escreve:

"Attesto que tenho feito uso do xaropè Peitoral de Angico Pelotense, colhendo sempre os melhores resultados que se possam obter com um excellente preparado. Em tosse rebelde ainda não conheci preparado algum que se lhe possa avantajar. Por ser verdade, passo a presente declaração a bem dos que soffrem.

Taquarembó, municipio de D. Pedrito, 7 de Maio de 1907.

José Carlos Antonio Severo

Confirmo este attestado. *Dr. E. L. Ferreira de Araujo.* (Firma reconhecida).

Este poderoso calmante e expectorante, de acção tão prompta e energica nas tosses, resfriados, coqueluches, influenzas, bronchites, etc., acha-se á venda em todas as pharmacias e drogarias. Ter o cuidado de pedir sempre o verdadeiro "PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE".

O PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE vende-se em todas as pharmacias e drogarias de todos os Estados do Brasil. Deposito geral: DROGARIA EDUARDO C. SIQUEIRA — PELOTAS.

ASSADURAS SOB OS SEIOS, nas dobras de gordura na pelle do ventre, rachas entre os dedos dos pés, eczemas infantis, etc., saram em tres tempos com o uso do PO' PELOTENSE. (Lic. 51, de 16|2|918). Caixa 2$000, na Drogaria PACHECO, 43-47 Rua Andradas — RIO. E' bom e barato. Leia a bulla. Fórmula de medico.

MELHORES RESULTADOS

Dr. H. Leismits

Attesto que tenho usado o "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira, em grande escala, obtendo sempre os melhores resultados.

Rio G. do Sul — Montenegro, 29|12|1927.

Dr. H. Leismits

GRINDELIA
DE OLIVEIRA JUNIOR

NÃO
FALHA NUNCA
NA

TOSSE-ROUQUIDÃO

Officinas Graphicas d'O MALHO